



**UnB**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**JOÃO DANTAS DOS ANJOS NETO**

**O QUE PODE O CORPO?**  
discursos neopentecostais sobre o universo trans e travestis

**BRASÍLIA/DF**

**2024**

JOÃO DANTAS DOS ANJOS NETO

**O QUE PODE O CORPO?**

discursos neopentecostais sobre o universo trans e travestis

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Silvia Guimarães

Coorientador: Prof. Dr. Ronaldo Trindade

BRASÍLIA/DF  
2024

Este será, certamente, meu último título stricto sensu.  
Assim, saúdo minhas memórias desde criança e a jornada da vida, reconhecendo-a  
como verbo.

Nesta anamorfose, percebo que a vida foi e poderá vir a ser possibilidades.  
Se os sentidos da vida são os de perspectivas/possibilidades, dedico esta pesquisa a  
Maria Albertina Dantas, por ter acolhido, educado gerações e transformado vidas.

Por, de forma simples, acreditar.

Ao meu companheiro de longas jornadas em mares revoltos,  
sertões vastos e dias bonitos, e sempre a descobrirmos novas paisagens,  
a Rubens, com amor.

## **Agradecimentos**

Minha imensa gratidão a este vasto mundo de pessoas que cruzaram o meu caminho e, de alguma forma, deixaram algo de si em nossos encontros. Àquelas com quem já compartilhei jornadas e às que tenho o privilégio de me unir ao longo dessa trajetória.

As idas e vindas entre Goiânia e Brasília foram marcadas por caronas solidárias no BlaBlaCar. No dia anterior, eu já anunciava as viagens, e, como se diz no sertão da Bahia, foi “de um tudo”. A todas essas pessoas desses encontros fortuitos, meu obrigado. Foram nossas risadas e histórias que nos mantiveram na estrada. Acordar às 4 da manhã e retornar às 16h, por vezes, era desafiador e arriscado, mas essas trocas tornaram tudo mais leve.

A minha mãe, Dona Ruth dos Anjos Batista; ao meu pai Manoel José Batista (in memoriam); à minha irmã Railda Batista Fischer; ao meu sobrinho Rhus Pimentel Batista.

À minha orientadora, Sílvia Guimarães, e ao meu coorientador, Ronaldo Trindade, agradeço a ambos imensamente pelo acolhimento, pelas orientações e pelas trocas que me ensinaram a perceber outras formas de institucionalidade, pautadas em afetos, cuidado, amparo e solidariedade como eixos centrais.

Minha gratidão também às/aos professoras/es do PPGAS: todo o meu respeito e admiração. Às/xs/aos técnicas/xs/os tão disponíveis: saibam da minha profunda admiração pelo trabalho de vocês. Às/xs/aos colegas: desejo que nossos encontros sejam sempre repletos de contentamento.

Um agradecimento especial as instituições públicas que possibilitaram a realização do meu mestrado em um programa de excelência, vinculado a uma instituição comprometida com a humanidade e com outras formas de legitimidade: o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB). Estendo meu agradecimento também à Universidade Federal de Goiás (UFG), à FIC, à FAV e ao PPGACV.

Aos/xs/às estudantes que compartilham essa caminhada comigo – Alexandre, Jocy, Lukas e Suzy – sigamos juntas, mantendo vivos nossos encontros.

Às minhas colegas e companheiras: Adriane, Flávia e Gardene. Obrigado pelas trocas sinceras e pelo acolhimento mútuo em nossas diferenças.

Às minhas grandes amigas e vizinhas: Gilda, Dona Nilda, Dona Ana e Maria Helena. Sou imensamente grato pela generosidade e pelo amor que encontrei em vocês.

Por fim, meu agradecimento especial a tantas pessoas que marcaram esta trajetória de forma profunda: Ana Carla de Souza Almeida, Dona Miriam Oliveira, Gabriel Guarnieri, Gustavo Brigante, Isabela Sousa Santana, José Augusto Sampaio, Letícia Sune (in memoriam), Lisbeth Oliveira, Mara Lúcia Ferraz Bittencourt, Marcos Costa, Meire Sampaio (in memoriam), Professora Mariza Werneck, Rodrigo Ladeira, Samuel de Jesus, Sonia Aguiar. Obrigado por cada momento, gesto e afeto que partilhamos.

[...] De novo as trombetas estrondeiam.

“Modéstia, fora! Vai-te!, Modéstia!”

Com gestos de aflição e lamento, as três irmãs agora dão-se as mãos e dançam devagar, agitando seus véus e cantando:

“Verdade, não saias da tua horrível caverna. Esconde-te profundamente, temível verdade. Pois ostentas na brutal claridade do sol coisas que eram melhores se desconhecidas e não feitas; tu descobres o vergonhoso; esclareces o obscuro. Esconde-te, esconde-te, esconde-te!”

Aqui fazem como se fossem cobrir Orlando com seus véus. As trombetas, enquanto isso, ainda ressoam fortemente.

A Verdade e nada mais que a Verdade. Então as Irmãs tentam colocar seus véus sobre as bocas das trombetas para abafá-las, mas em vão, porque agora todas as trombetas ressoam juntas,

“Horríveis Irmãs, parti!”

As irmãs ficam aflitas e choram em uníssono, ainda dançando e agitando os véus para cima e para baixo.

“Nem sempre foi assim! Mas os homens não nos querem mais; e as mulheres nos detestam. Vamos embora, vamos embora. Eu para o poleiro das galinhas (diz a Pureza).

Eu para os picos ainda não violados de Surrey (diz a Castidade). Eu para qualquer recanto onde haja hera e cortinas em profusão (diz a Modéstia).”

“Pois lá, e não aqui (todas falam juntas, de mãos dadas, fazendo gestos de despedida e desespero em direção à cama onde Orlando jaz adormecido), moram ainda, em ninhos e toucadores, escritórios e cortes de justiça, aqueles que nos amam; aqueles que honram virgens e cidadãos; advogados e médicos; aqueles que proíbem; aqueles que negam; aqueles que reverenciam sem saber por quê, aqueles que elogiam sem entender, e ainda a numerosa (Deus seja louvado) tribo dos respeitáveis; que preferem não ver; desejam não saber; amam a escuridão; aqueles que ainda nos adoram com razão; pois nós lhes demos Poder, Prosperidade, Conforto e Bem-estar. A eles nos encaminhamos, e te deixamos. Vinde, Irmãs, vinde! Isto aqui não é lugar para nós.”

Elas retiram-se às pressas, agitando seus véus sobre as cabeças como se para afastar completamente alguma coisa que não se atrevem a olhar, e fecham a porta.

Ficamos então agora inteiramente sozinhos no quarto com o adormecido Orlando e os trombeteiros. Os trombeteiros, organizando-se lado a lado, sopram um terrível toque: —

“A VERDADE!” — e com isso Orlando despertou.

Espreguiçou-se. Levantou-se. Ficou de pé completamente despido diante de nós, e enquanto as trombetas soavam Verdade! Verdade! Verdade! não temos escolha senão confessar — ele era uma mulher

## **Resumo**

Instigada sobretudo pelo caso de Flavio Amaral, pastor neopentecostal mato-grossense que orgulhosamente se apresenta como “ex-travestis”, a presente pesquisa consiste em uma investigação sobre as condições e potenciais da vida travestis no âmbito do neopentecostalismo. De caráter comparativo e baseada em consultas documentais, a pesquisa averigua as estratégias discursivas de diferentes (grandes) igrejas neopentecostais brasileiras para assimilar travestis e transexuais aos seus respectivos rebanhos. A saber, as instituições são: Igreja Bola de Neve (por causa do público jovem e aura estética concernente), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (por ter promovido propostas de consultórios psicológicos para cura gay), Igreja Batista Reformada Lírio do Vale (pelo maior crescimento nas camadas de menor renda), Deus é Amor e a Igreja Universal do Reino de Deus (por possuírem os maiores rebanhos no Brasil). Como é evidenciado, por um lado, as instituições renovam suas estratégias de engajamento com populações até então inassimiláveis e, por outro, os processos de individuação não são unilineares, mas responsivamente imprevisíveis.

**Palavras-chave:** transexualidade, neopentecostalismo, travestis lidade, religião.

## Abstracts

Instigated by the case of Flavio Amaral, a neo-Pentecostal pastor from Mato Grosso who proudly presents himself as a “former transvestite”, this research consists of an investigation into the conditions and potential of transvestite life in the context of neo-Pentecostalism. It is comparative in nature and based on documentary consultations, the research investigates the discursive strategies of different (large) Brazilian neo-Pentecostal churches to assimilate transvestites and transsexuals into their flocks. The institutions are: Bola de Neve Church (because of its young audience and aesthetic aura), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (for having promoted proposals for psychological clinics to cure homosexuality), Reformed Baptist Church Lírio do Vale (for its growth in the lower income strata), Deus é Amor (God is Love), and the Universal Church of the Kingdom of God (for having the largest flocks in Brazil). As can be seen, on the one hand, the institutions are renewing their engagement strategies with previously unassimilable populations. And, on the other hand, individuation processes are not unilinear, but rather responsively unpredictable.

**Keywords:** transexuality, neo-Pentecostalism, transvestility, religion.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2. UMA ANTROPOLOGIA GERAL DA RELIGIÃO</b> .....	22
<b>2.1 Antropologia neopentecostal</b> .....	25
<b>2.2 Breve história do protestantismo e do pentecostalismo no Brasil</b> .....	27
<b>2.3 Surgimento e ascensão do neopentecostalismo no Brasil</b> .....	29
<b>2.4 Mudanças contemporâneas</b> .....	30
<b>2.5 A Igreja Bola de Neve</b> .....	32
<b>2.6 A Igreja Universal do Reino de Deus: crescimento, controvérsias e impacto político-social</b> .....	33
2.6.1 <i>História e expansão</i> .....	34
2.6.2 <i>Doutrina e práticas da IURD</i> .....	34
2.6.3 <i>Impacto político-social e controvérsias</i> .....	35
<b>2.7A Igreja Pentecostal Deus é Amor: origens, doutrina e impacto</b> .....	36
2.7.1 <i>Fundação e expansão</i> .....	36
2.7.2 <i>Doutrina e práticas</i> .....	36
2.7.3 <i>Impacto e controvérsias</i> .....	37
<b>2.8 A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra</b> .....	37
<b>2.9 Igreja Batista Reformada Lírio dos Vales</b> .....	38
<b>2.10 Discussão crítica</b> .....	39
<b>3. CULTURA E NATUREZA: VERTICALIZAÇÃO DE UMA LEITURA COMPLEXA</b> .....	43
<b>4. TRANSIÇÃO E DESTANSIÇÃO: PELA FÉ</b> .....	60
<b>4.1 Uma primeira aproximação: O fetichismo da pornotopia nos EUA</b> .....	61
<b>4.2 O Brasil – Transição de Gênero e interseccionalidade</b> .....	67
<b>4.3 O sagrado e o “corpo Profano”: A religião como metodologia de assepsia</b> .....	74
<b>5. GÊNERO COMO IDEOLOGIA E IDEOLOGIA DE GÊNERO</b> .....	78
<b>5.1 Ideologia de gênero</b> .....	81
<b>5.2 Ideologias: Sistematização em sites de igrejas Neopentecostais</b> .....	85
5.2.1 <i>Pesquisa em meios: O quadro da Problemática das Igrejas Evangélicas no Brasil</i> .....	87
<b>6. DISCURSOS NOS SITES DE IGREJAS NEOPENTECOSTAIS SOBRE TRANS E TRAVESTIS S: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO</b> .....	104
<b>6.1 Resultados</b> .....	105
<b>6.2 Relatos (“testemunhos”) de “ex-travestis”</b> .....	109
6.2.1 <i>“Notícias” sobre ações sociais da Universal antes e durante a pandemia</i> .....	112

6.2.2 “Notícias” e relatos sobre transição e “destransição” .....	116
<b>6.3 “Notícias” contra a “ideologia de gênero”: cruzada moral, crianças, educação e ciência .....</b>	<b>119</b>
<b>6.4 “Jesus é travestis ” .....</b>	<b>141</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>154</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 01:** Religiosidade e ciclo de autoflagelo de conversão

78

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Tipologias de Pornotopia.....	62
<b>Tabela 02:</b> Principais Igrejas Protestantes no Brasil.....	87
<b>Tabela 03:</b> Uma aproximação com a vertente pentecostal na Web.....	89
<b>Tabela 04:</b> Frequência diferencial de menções à transexualidade e travestis lidade em cada igreja.....	103

## **LISTA DE SIGLAS**

**LGBTQIAPN+** - lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e mais

**IURD** - Igreja Universal do Reino de Deus

## PRÓLOGO

Fim de setembro, a primavera se avolumava recém-criada sobre o mundo. Era noite, não me lembro as horas, mas era noite. A inquietação de uma vida febril me agitava na cama, eu me vasculhava em busca do sono. Já haviam se passado meses em que essa pesquisa tomava forma dentro de mim, e seus elementos aos poucos tomavam conta dos meus pensamentos, das minhas leituras, do meu apetite.

Porque pensar as interações entre dois universos – o neopentecostal e o LGBTQIAPN+, postos culturalmente em posições antagônicas, significava cada vez mais pensar um estado constante de tensão, uma situação permanente de conflito. Mais que isso, eu me via diante de um mundo em que essas posições antagônicas não se estruturavam de maneira igual ou mesmo comparável; a hegemonia e violência do neopentecostalismo não é, em nenhum nível, retribuível pela comunidade queer. Eu começava a ver, a cada passo que eu dava nessa pesquisa, a face oculta de um deus cujo “amor” descia na Terra feroz e laminado.

Enfim, era noite, e a náusea me mantinha acordado. Foi quando fiquei sabendo dela. A notícia havia acabado de sair, em diversas plataformas, todas com as mesmas palavras-chave que, juntas, não eram nada novo: “jovem”, “travestis”, “suicídio”. O nome dela era Letícia Maryon, de 22 anos, e seu rosto flutuava sobre o meu na tela do celular como uma nuvem.

Em meio às notícias, outro nome sobressaiu nas minhas redes, um que eu já acompanhava e que já fora, desde o início da pesquisa, um nome sensível e sensibilizante: Flávio Amaral, de Inhumas. Flávio Amaral é um pastor cuja proeminência social advém sobretudo da sua figura pública, construída ao redor da imagem de “ex-travestis”, e de suas ações de “cura gay”. Seu nome estava ligado ao de Letícia pois ela era uma das travestis que acreditou, ou tentou acreditar, nas suas promessas divinamente violentas de destransição, de cura, de paz. Flávio, visivelmente transtornado, falava dela no seu Instagram, utilizando o pronome masculino e seu nome morto, um nome que ele tentou por tanto tempo ressuscitar. Como eu, ele não conseguia dormir. Dizia que havia tomado dois Rivotril e que perdera uma das pessoas que mais amava. Dizia que, mesmo sabendo que todos iam atacá-lo, ele sabia também que o diabo é traiçoeiro.

Eu não dormi muito essa noite. As horas escorriam sobre mim e minha mente girava ao redor de si mesma, traçando pensamentos intranquilos. Quando finalmente amanheceu, meus olhos absorviam a claridade pesados. Ao entrar de novo no perfil de

Flávio Amaral, me deparei com uma imagem inquietante: um vídeo seu, exasperado, furioso e vestido de roupas femininas, publicamente questionando “é preciso ser gay para ser feliz?!”, em meio a outros gritos histéricos. Nos dias seguintes, ativistas LGBTQIAPN+ denunciaram as práticas do pastor, acionando inclusive o Ministério Público, sob o nome de tortura. Seu vídeo fora deletado e ele permaneceu silencioso diante das repercussões políticas e morais de seu surto e das ações que levaram à morte de Letícia.

Dando continuidade à pesquisa, eu me via incapaz de conciliar o campo teórico com a realidade anômica que se desenrolava. A náusea se intensificava a cada minuto, e eu me tornei puro desassossego. Vi, nesses tempos que se seguiram, aquilo que eu já suspeitava: a concretude da vida se interlaça intimamente com os conceitos acadêmicos – vi diante dos meus olhos como discursos, os discursos neopentecostais que eu me dediquei a estudar, continham ramificações reais, materiais e, possivelmente, fatais. Letícia Maryon estava entranhada em um nó linguístico – a palavra de Deus – que envolveu a própria materialidade do seu corpo, gênero e vida, e esse nó eventualmente a enforcou. As práticas religiosas de pastores como Flávio Amaral contêm uma lógica de funcionamento que se desenrola no absurdo, nas margens do sentido. Eu vi, nos tempos que se seguiram, esse sentido se desfazer à minha frente.

Letícia, em seus últimos dias, foi gravada no palanque de uma igreja dando um de seus testemunhos, acompanhada de Flávio. Seu rosto cansado esboçava um sorriso incerto, e ela vestia uma calça, uma camiseta branca e um blazer cinza. A performatividade de gênero ali entrava em curto-circuito; postura, voz, cabelo e gestos “femininos”, em contraste com roupas masculinas que engoliam seu corpo. Ela falou que estava enfrentando uma “guerra espiritual entre carne e espírito”. É isso, em último caso, que está em jogo: uma carne subversiva, insolente, feminina e resistente lutando contra os ideais espirituais de normatização do corpo, contra um “espírito” externalizado e cruelmente impositivo. Letícia conseguiu sintetizar décadas de estudos de gênero e sexualidade em uma única e assombrosa frase. O que Letícia viveu, e milhares de travestis e pessoas trans vivem, e o que será estudo dessa pesquisa, é uma guerra.

Passei destilando tudo isso por meses, conversando continuamente com meus orientadores, inquieto e sem saber como seguir minha pesquisa sem reconhecer esse caso e essa realidade. Como já disse, a figura de Flávio Amaral foi um dos pontapés a esse trabalho, e a morte de Letícia apareceu como uma ramificação radical dele e suas práticas. O calor de Goiânia e Brasília secava a boca e as palavras. Até que, em domingo de eleição,

meu coorientador Ronaldo Trindade me ligou e me deu a sugestão de escrever esse prólogo – seria minha maneira de transformar a angústia em uma homenagem. Assim, eu poderia trazer o nome de Letícia Maryon como a porta de entrada, não somente como exemplo da gravidade das ações e discursos do neopentecostalismo em relação ao universo trans e travestis , mas como uma figura brilhante cuja vida, que fora encerrada cedo demais, merece ser lembrada.

Então, lembre-se de seu nome, que traz consigo o nome de todas as pessoas LGBTQIAPN+ que acreditam que precisam ser salvas de si mesmas. Esse texto, em última instância, é para elas.

## 1. INTRODUÇÃO

Considerando a definição de antropologia de Tim Ingold (2018), para o qual a disciplina consiste na investigação das condições e potenciais da vida humana, o presente trabalho, em acordo com tal definição, visa investigar as condições e potenciais da vida travestis e transexual em um ambiente que, concordemos, lhes é fundamentalmente hostil: as igrejas de matriz neopentecostal. Mais especificamente, busca-se elucidar de que maneiras são articulados os dispositivos coletivos de enunciação (Foucault, 1969) neopentecostal que se agenciam a partir das representações ali forjadas sobre a transexualidade e travestis lidade. Responsáveis por regular a produção de conhecimento e as práticas discursivas em diversas áreas do saber, esses dispositivos figuram como uma potente ferramenta de dominação, simultaneamente de poder e de saber.

Articulados por um poder pastoral, os recursos mobilizados na criação e difusão desses dispositivos exercem um imenso poder sobre os símbolos e sentidos que atravessam a cognição de “rebanhos” inteiros, e sua eficácia é patente. À primeira vista, a resposta à pergunta sobre os modos pelos quais o neopentecostalismo retrata transexuais e travestis pode parecer óbvia: são associados, por suposto, a uma sexualidade invertida e suas existências são tratadas como aberrantes diante do imperativo heteronormativo partido diretamente de Deus. São, em suma, para usar outra expressão foucaultiana, “os anormais” (Foucault, 2001) por excelência. Entretanto, a pesquisa não busca tanto saber como são retratadas essas existências no interior dos cultos e discursos neopentecostais – resposta inevitavelmente explícita de antemão. Antes, busca-se entender de que maneiras o pentecostalismo agencia-se a partir desse ponto inicial. Assim, a análise ganha novos contornos, pois, sendo um pecado patente, condenado religiosamente pelos templos apoiados na Bíblia e cientificamente pelos tribunais apoiados na sexologia – simultaneamente abarcando a psiquiatria, a biologia e o direito - do século XIX, é de esperar que a resposta seja pela repressão pautada por um poder da “negatividade” (Han, 2015). O mencionado caso do pastor Flávio Amaral, que desencadeou a centelha inspiracional para tal investigação, entretanto, é paradigmático e nos aponta outras direções.

É o próprio Foucault que, em seus cursos de 1974 e 1975, no Collège de France, indica uma importante – e, hoje, bem conhecida - alteração na topologia da violência com a queda do Antigo Regime e emergência do Estado moderno. Em linhas gerais, assim

podemos resumir: durante o Antigo Regime, o poder era exercido explicitamente pelo Soberano através da violência física dos suplícios. Todos aqueles que atentavam contra a ordem do Rei, intentavam, simultaneamente, contra a ordem de Deus e, por isso, o caso demandava vingança. Para expiar a sociedade como um todo da ira divina provocada pelos pecados cometidos por algum indivíduo, o próprio infrator era submetido a sacrifício em praça pública, à luz do dia e ao alcance dos ansiosos olhares públicos – ávidos pelo ritual de retratação. Assim como a crucificação de Jesus lavou a humanidade em geral dos pecados até então cometidos, o suplício dos condenados lavaria a sociedade em particular dos pecados condensados, canalizados, no corpo do supliciado. Tratava-se, em suma, de um poder exercido pela negatividade da dilaceração, animada pelo princípio de deixar viver os submissos (à própria sorte) e fazer morrer (isto é, produzir ativamente a morte dos condenados).

Com a passagem de regime, contudo, a equação se inverte e passa-se, como é bem sabido, a fazer viver (produzir, ativamente, a vida) e deixar morrer (à própria sorte, os incorrigíveis). Essa alteração basilar na própria lógica diretória do exercício do poder, explica o filósofo, se assenta em uma dupla pilastra. De um lado temos a pilastra econômica, pragmática: para o Estado e o mercado, mais vale produzir uma montanha de corpos dóceis do que uma montanha de cadáveres. De outro lado temos a pilastra política: exercido de maneira indireta – apoiado em discursos “científicos” e a partir de instâncias diversas – o poder torna-se mais difícil de se detectar e a dominação ganha em eficácia. Steven Lukes (1980) em seu célebre “Poder: uma visão tridimensional”, já argumentava que o poder mais tacanho e a dominação mais débil são exercidos por coerção física direta. Neste parâmetro, torna-se nítida a fonte do exercício do poder e as partes antagônicas ganham uma nitidez ímpar. Formas mais sofisticadas de dominação recorrem não à coerção da carne, mas ao direcionamento do espírito. Trata-se, em suma, de uma violência simbólica aplicada quando, segundo Bourdieu (2002), o poder é exercido de tal maneira que os dominados aderem à cosmovisão de seus dominadores e entendem como natural a ordem assimétrica de coisas na qual ambos estão alocados. Deste modo, abandona-se uma resposta pela obliteração e adere-se a uma estratégia pela assimilação. Assim ocorreu com os cidadãos “anormais” da então recém-nascida Europa moderna (Foucault, 2001), assim ocorre com as populações autóctones ao redor do mundo (Martin, 2023) e assim ocorre, esperamos mostrar, com a população transexual e travestis no contexto neopentecostal.

Isso posto, considerando o paradigmático caso do pastor supracitado, busca-se investigar as estratégias de assimilação neopentecostal de um público que, de outro modo, não existiria e que, por sua vez, sendo assimilado, avoluma o rebanho e engorda os ganhos financeiros das Igrejas exitosas na manobra. A estratégia, dita sem rodeios, transcorre pelo discurso de “cura gay”. Não mais objeto a ser condenado, a população transexual e travestis passa, neste sentido, a ser um abjeto a ser curado. Passa-se da negatividade da repressão à positividade da potencialização (no âmbito simbólico-discursivo das Sagradas Escrituras e em relação a Deus propriamente dito).

Ademais, busca-se pensar possíveis respostas, nunca definitivas, à pergunta “o que pode um corpo?”. Com esse questionamento em mente, podemos investigar mais do que a origem do corpo enquanto matéria, mas suas possibilidades concretas. Além disso, a pesquisa assume também o papel de buscar pensar as potencialidades de construção de significados a partir do território do corpo. Como veremos, essas potencialidades podem ser tão criativas quanto destrutivas, e assumem diferentes posicionamentos diante das relações de poder que marcam as sociabilidades, instituições e discursos.

Para realizar a investigação, foram realizadas vasculhas em sites de igreja através de palavras-chave – tais quais trans, transexualidade e travestis . A saber, as instituições escolhidas para tal busca foram a Igreja Bola de Neve (por causa do público jovem e aura estética concernente), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (por ter promovido propostas de consultórios psicológicos para cura gay) e a Igreja Universal do Reino de Deus (por possuírem os maiores rebanhos do Brasil). Apesar da menção de outras Igrejas neopentecostais, como a Igreja Bola de Neve, a Igreja Batista Reformada Lírio do Vale e a Deus é Amor, somente as duas primeiras listadas possuem um banco de dados explorável relacionado ao objetivo da pesquisa. Todas as escolhidas são de matriz neopentecostal ou, ao menos, adotam liturgia neopentecostal. Durante dessas buscas, objetivou-se acessar todo tipo de material textual e audiovisual que abordasse temas relativos às palavras-chave escolhidas. A análise do material obtido foi realizada com o duplo objetivo já mencionado: por um lado, precisar as maneiras pelas quais a travestis lidade ou transexualidade são representadas e, por outro lado, como articulam suas estratégias de assimilação. Desvelar e decifrar as lógicas internas dos dispositivos coletivos de enunciação, portanto, constitui nosso objetivo geral. Reunir as peças do quebra-cabeça e contextualizá-las em cada caso, constitui o inevitavelmente multitudinal objetivo específico.

Metodologicamente, a pesquisa se vale da etnografia documental em meios digitais, entendendo esta como a investigação antropológica do banco de dados digital fornecido pelo “campo” online das instituições escolhidas para a pesquisa (Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e Igreja Universal do Reino de Deus). Por meio da busca por palavras-chave nos sites dessas igrejas, foi traçado um percurso de como esses conceitos aparecem nos diferentes discursos empregados por elas, assim como cruzamentos entre os significados de suas enunciações.

A etnografia documental, ou por meio de arquivos, é uma vertente etnográfica que já vem sendo empregada pela antropologia por um tempo, mas é mais recentemente que seu uso metodológico vem tomando relevância enquanto meio principal de pesquisa (Cunha, 2004). Nela, os arquivos e documentos passam a ser vistos não como objetos estanques do passado, mas como locais de disputa de sentidos, como locais em que a história e seus significados estão em constante movimento (Cunha, 2004, p. 292). Neste trabalho, emprega-se o uso de documentos, sobretudo jornalísticos ou pseudojornalísticos, para compreender as maneiras pelas quais as representações discursivas do neopentecostalismo em relação à comunidade LGBTQIAPN+ tomam forma e enunciam suas posições de hierarquia e poder.

Outrossim, a escolha pela etnografia digital se justifica pelo entendimento de que, uma vez estabelecido que a pesquisa etnográfica é “observar e classificar os fenômenos sociais” (Mauss, 1993 *apud* Ferraz, 2019, p. 48), o meio pelo qual ela se dá depende somente de ser um espaço de interações simbólicas e culturais. Com isso em mente, da mesma maneira que se pode fazer com documentos, pode-se estender a noção de campo inclusive para arquivos digitais. Cada vez mais proeminente papel da internet e demais meios digitais na sociabilidade contemporânea, ignorá-los enquanto espaços de possível investigação seria renunciar territórios de ricas significações metodológicas e conceituais (Ferraz, 2019). Assim, o campo nessa pesquisa configura-se no universo digital por ter se mostrado um arquivo abundante de discursos que elucidam as relações enunciativas e de poder entendidas pelo problema de pesquisa.

Como Ferraz (2019, p. 53) pontua, para se compreender a etnografia virtual, digital ou também chamada de etnografias em meios digitais, é preciso ter em mente que a tecnologia não é uma esfera neutra e separada do mundo concreto. O mundo virtual tem também sua materialidade, e responde e corresponde aos determinantes sociais, políticos e culturais. Vemos essa ideia, como mostra Ferraz, já prescindida por Latour, ao pensar as relações híbridas entre seres humanos e tecnologias. Nesse caso, entende-se que a

esfera tecnológica está em uma *teia relacional* com o pesquisador, se movimentando na medida em que conhecimentos e ações são empregados em sua interrelação (Ferraz, 2019, p. 53).

Desse modo, vê-se na exploração dos sites e jornais online das igrejas escolhidas amplo terreno para compreender como documentos digitais, que hoje em dia compõem alguns dos principais meios de comunicação e difusão de ideias entre os fiéis, se apoderam do discurso a respeito da transexualidade e travestis lidade e moldam seus sujeitos por meio dele. O campo dessa pesquisa está nos arquivos digitais das igrejas por serem eles os lugares em que a disputa de sentidos da comunidade LGBTQIAPN+ está, ao nosso ver, mais bem condensada e mais explícita.

Para sistematizar os materiais e resultados analíticos, o presente texto foi articulado em cinco capítulos. O primeiro, de caráter introdutório, realiza uma retomada histórica e teórica, em amplos termos, tanto da antropologia da religião em geral – e, em específico, do neopentecostalismo –, quanto da própria emergência e desenvolvimento institucional deste segmento religioso no Brasil, com ênfase em cada uma das organizações listadas acima. O segundo, por sua vez, adensa a discussão teórica acerca de temas-chave do debate. Tradicionais problemas do campo antropológico, tais quais a relação entre natureza e cultura, agência e estrutura, indivíduo e sociedade, bem como processos de individuação e ontogênese, são retomados e canalizados ao redor da temática neopentecostal e da condição transexual e travestis neste contexto.

O terceiro dedica-se à problemática da transição e destransição de gênero enquanto fenômenos mobilizadores dos conceitos até então trabalhados. Analisa-se, perspectivando o conceito de pornotopia de Preciado, a transição de gênero tal qual ela aparece na realidade brasileira, bem como a destransição motivada por motivos religiosos que conversam diretamente com a temática deste trabalho. O quarto capítulo aprofunda-se nas relações entre gênero, sexualidade e ideologia, vistas tanto pelas suas raízes conceituais quanto pela maneira que elas se desenvolvem diante da cultura. O quinto capítulo, por fim, dedica-se sobretudo à análise dos materiais extraídos que, como de praxe, sustentará as considerações finais.

A considerações finais, por sua vez, apontará para o caráter metamórfico das instituições religiosas abordadas. Se o “novo espírito do capitalismo”, conforme Boltanski e Chiapello (1999), caracteriza-se por sua eficácia de transformação de modo a glutinar para si as críticas a ele direcionado pela sociedade civil, convertendo suas antigas debilidades em novos pontos fortes, o mesmo ocorre com “o novo espírito” do

neopentecostalismo. Por parte dos alvos dessas assimilações, isto é, a população travestis e transexual, as considerações finais sublinham que os processos de individuação não são unilineares, mas difusos e imprevisíveis. Os processos de auto fabricação da subjetividade, portanto, não possuem qualquer essencialidade: seus movimentos são inesperados e, em última instância, imprevisíveis.

## 2. UMA ANTROPOLOGIA GERAL DA RELIGIÃO

Partimos do pressuposto antropológico de que a religião é utilizada como um campo de investigação para examinar como a corporeidade influencia e é influenciada pelas práticas religiosas, experiências espirituais e construções simbólicas (Csordas, 2008). Há uma noção de herança social humana que abrange muitos fenômenos, dentre eles certamente a religião, não compreendendo apenas habilidades práticas, padrões comportamentais e outros, que, segundo Ralph Linton (1968), foram assentados e adquiridos por meio da instrução ou imitação, mas também um tecido de mitos e crenças que conferem sentido à experiência humana e que fortalecem os laços dentro da comunidade.

Das muitas teorias e descobertas a respeito do surgimento ou estabelecimento das religiões, a teoria do mito natural é aquela para a qual "o homem primitivo possuía uma tendência para personificar e venerar fenômenos naturais" (Marconi; Presoto, 2001, p. 171), ou seja, a veneração e o medo frente a fenômenos da natureza teriam despertado também um senso do infinito. Porém, não se trata, aqui, de endossar teóricos da religião que defendiam a ideia de que a religião estivesse na essência da sociedade, porque

Ver a religião como um fato social, como propunham esses autores, é vê-la independente das mentes individuais, é reconhecer-lhes uma existência ou preexistência aos indivíduos. Isto é, ao nascer os indivíduos já se deparam com uma religião pronta com seus dogmas, seus rituais e cosmovisão. Ela se impõe aos indivíduos, ela é parte importante da realidade social. A importância social da religião parece ser ainda maior nas sociedades de pequena escala onde ela tem um caráter geral e abrangente, um caráter, poder-se-ia dizer, mais compulsório ainda do que várias religiões podem subsistir lado a lado (Mello, 2013, p. 400).

A religião é, a partir desse ponto de vista crítico, um fato social que pode exercer coerções à existência singular ou individual. Nessa esteira, a religião enquanto amalgama social, segundo Durkheim, considerado o pioneiro no campo da antropologia da religião, atua como fenômeno fundamental para além da crença no sobrenatural, ou seja, desempenha um papel na manutenção da coesão e integração da sociedade e de sua ordem moral. Conforme argumenta em seu célebre *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (Durkheim, 1995), é através do estado de eferescência coletiva gerado pelos ritos que as percepções – inevitavelmente fugidias - se calcificam em representações duráveis através das quais a comunicação humana torna-se possível. Ou seja, não apenas conferem um sentido geral à experiência humana coletiva, como propriamente a possibilitam. Os sistemas de fé, ainda que se pretendam puramente transcendentais e sejam muitas vezes

questões de foro íntimo, surgem e ocorrem por meio de mecanismos de coesão histórico-social, fornecendo elementos de interpretação da realidade e meios de expressar passividade, conformidade ou mesmo formas limitadas ou não de resistência.

Colaborador de Durkheim, Mauss (1973) também investigou a religião enquanto parte integrante da vida social, enfatizando que trocas simbólicas e rituais nas sociedades religiosas constituem um fenômeno fundamental na construção das relações sociais e na manutenção da coesão dentro das comunidades. Em seu estudo histórico-genético sobre a prece, argumenta que analisar a evolução das formas de oração permite constatar o próprio processo evolutivo da religião no geral, ou seja, trata-se de um fenômeno central da vida religiosa (Haibara e Oliveira, 2015).

Já Lévi-Strauss (2008) colocou nos sistemas simbólicos os mitos e rituais mágicos, refletindo a organização social que os constitui. A organização concreta da vida coletiva tem, portanto, conexão com a esfera do simbólico, e a perpetuação de normas e estruturas internas são desvendadas nas camadas de significado contidas em mitos e ritos. Estes pontos se apresentam nítidos em uma das mais conhecidas passagens de *O Cru e o Cozido* (Lévi-Strauss, 2004, p. 31):

Não pretendemos, portanto, mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como *os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia*. E talvez convenha ir ainda mais longe, como sugerimos, *abstraindo todo o sujeito para considerar que, de um certo modo, os mitos se pensam entre si*.

A teoria dos rituais de passagem e as experiências religiosas em contextos de liminaridade, conforme Victor Turner (1969), demonstram que indivíduos em transição de um status social para outro são afetados por uma sensação de desorientação e incerteza. Nestas circunstâncias, a religião pode oferecer conforto através de sistemas materiais e concretos de suporte social, apoio e rituais. Destaca-se, portanto, a experiência religiosa e os rituais como performances que transformam a percepção dos participantes. Neste sentido, a religião se apresenta como aquilo que o antropólogo Roger Bartra (2014) chamou de “sistemas simbólicos de substituição” – isto é, sistemas que complementam as potencialidades orgânicas, cobrindo lacunas que se manteriam abertas nas funções neuronais.

Logo, a afirmação teológica de Gustav Mensching (1961), que define religião como a experiência humana do encontro com o sagrado e a subsequente ação do homem em conformidade com esse encontro, não deve ser descartada. No entanto, sua compreensão isolada pode ser limitada, pois é estritamente teológica. Sabemos que os

mitos religiosos, bem como suas práticas, vão além da tentativa diversa, a depender da religião, de explicar a origem do mundo e da humanidade: também estabelecem normas morais e sociais, mais ou menos rígidas, legitimando sistemas de poder e de ordem social. Por consequência, a comunicação com o “divino”, o “ancestral” e o “sagrado” significa a reafirmação de fiéis a identidades e valores compartilhados em determinada estrutura e hierarquia social. Em suma, não como uma esfera que metafisicamente paira sobre as cabeças de seus adeptos, a religião formaliza uma cosmovisão que fundamenta verdadeiramente todo um *modo de existência* (Souriau, 2020). É, fundamentalmente, uma prática ascética, uma “antropotécnica” (Sloterdijk, 2017): forma mundos e pessoas em um *mesmo movimento que transcorre o mesmo espaço operacionalmente curvado*. Assim como possuímos as ideias que nos possuem (Morin, 2003), construímos a casa que nos constrói (Stender; Bech-Danielsen; Hagen, 2021) e, mais fundamentalmente, crescemos no mundo que, simultaneamente, cresce em nós (Ingold, 2011).

Assim, um atento olhar antropológico do fenômeno religioso não pode deixar de prescindir da noção de “hierofania” proposta por Eliade (1992), isto é, uma manifestação do sagrado que persiste apesar da secularização e da *dessacralização* implicada pelo capitalismo moderno (Han, 2022). Afinal, como assevera Ailton Krenak (2019), é só quando se tira a alma das coisas, ou seja, só quando se dessacraliza as coisas, incluindo corpos bióticos e abióticos, que é possível transformá-las em objetos vendáveis. A dimensão sobrenatural existe ou co-existe na realidade cotidiana, sem despojá-la por completo de sua natureza mundana. As religiões, portanto, à luz da modernidade vivenciada temporal e espacialmente, são sequências das manifestações paradoxais entre sagrado e profano (Eliade, 1992).

A partir das ideias de Eliade (1972) e Lévi-Strauss (2008), podemos afirmar uma prevalência os conceitos (laboratorialmente gerados) sobre os perceptos (situados e vividos). Paralelamente, a partir de Han (2021), constata-se a morte do ritual através do capitalismo. Aqui, abre-se caminho para se começar a adentrar em tempos mais recentes.

Com sua abordagem interpretativa, Clifford Geertz (2008) afastou-se das análises reducionistas que buscavam explicar a cultura unicamente por meio de estruturas sociais ou funções psicológicas. Para ele, a religião era um sistema intrincado de símbolos que permitia aos indivíduos conferir significados à sua existência, estabelecendo um “modelo de” e um “modelo para” a realidade, ou seja, a narrativa e o simbolismo são ainda fundamentais na construção da experiência humana. Apontando essa dependência do homem com relação a sistemas simbólicos, Geertz (2008) identifica, no âmbito da

religião, uma relação construída entre duas instâncias, uma das ações humanas e outra de ordem cósmica projetada nas ações.

Talal Asad (2003), por outro lado, trouxe uma crítica penetrante às premissas ocidentais de antropologia sobre secularismo e religião, questionando a neutralidade e a universalidade que tantas vezes fazem parte de tais discussões. Defende ele que os antropólogos devem investigar o que é religioso em cada sociedade específica, ao invés da suposição universal de critérios cognitivos determinantes acerca da religião (Asad, 2010). Propondo que a tarefa central da antropologia da religião é a de explicitar a produção da religião em suas condições sociais, desafia-se a ideia de que o secularismo é uma evolução linear da sociedade, uma vez que as práticas religiosas continuam entrelaçadas ao poder político e a identidades culturais. O que ocorreu historicamente, segundo Asad (2003), é que as práticas religiosas se reconfiguraram a partir da secularização, portanto as categorias de "religião" e "secular" precisam ser vistas criticamente, não só como foram construídas, mas igualmente a dinâmica entre ambas na vida moderna, especialmente em contextos em que elas se apresentam em tensões dualistas, em conflitos e, também, em negociações.

A antropologia da religião, portanto, “desempenha um papel fundamental para compreender a maneira como os seres humanos concebem a realidade a partir de sua condição natural” (Da Luz et al., 2015, p. 147). Uma vez que pretende abarcar o homem em sua totalidade, ela entende, então, que práticas e rituais religiosos vão além de aparentes expressões de fé, porque contribuem historicamente para a manutenção da realidade socioeconômica e da ordem comunitária.

Esses pontos de partida permitem abranger melhor a ascensão, os valores e a organização social do neopentecostalismo.

## **2.1 Antropologia neopentecostal**

Já se apontou, tanto no âmbito da antropologia quanto no da sociologia, que os neopentecostais surgem do sincretismo entre religiões cristãs evangélicas e religiões de matriz africanas (Birman, 1996; Freston, 1994; Silva, 2005), *mutatis mutandis*, malgrado o fato de que sobretudo estas últimas tornem-se alvo de violência fundamentalista neopentecostal. Esse sincretismo se exprime em rituais das religiões africanas, como, por exemplo, o das possessões e correlatos, que em solo brasileiro englobaram elementos cristãos (Brandão, 1986; Ortiz, 1999).

Há componentes muito originais, no entanto. As práticas mágicas juntam-se às financeiras, constituindo dois dos componentes mais decisivos do neopentecostalismo (Oro, 2001). Foi essa justamente a sua chave de inovação com relação ao catolicismo e mesmo às “ondas” históricas anteriores do pentecostalismo, ou seja, não mais demonizar o dinheiro tampouco adular o pobre em seu status quo, mas articular fé com desejo ou mesmo necessidade de ascensão social, prometendo realizações materiais e felicidade terrena num mundo que historicamente se encaminhava para a ordem neoliberal da produção econômica e sua ideologia empresarial e individualista, conforme veremos páginas adiante.

"Os discursos religiosos neopentecostais, na delimitação de um universo de realização e pura felicidade, sustentam a necessidade de uma antropologia na qual o sujeito é regido por uma lógica de assujeitamento" (Gonçalves, 2009, p. 14). O sujeito-fiel, entretanto, é mais do que vítima, porque aceita as promessas "mesmo que elas sejam da ordem do impossível" (idem). As igrejas neopentecostais sustentam a ideia de que o sujeito pode gozar da experiência da absoluta realização e felicidade, desde que viva uma aliança societária com o próprio Deus" (Paravidini e Gonçalves, 2009). Uma antropologia psicanalítica diagnosticará nesse fenômeno neopentecostal a articulação entre desamparo e condição masoquista (idem).

Assim, a antropologia neopentecostal é temática que enfrenta a vida que passa a ser vivida de acordo com a "vontade de Deus", operando um "novo nascimento" ou um "renascimento", uma transformação radical que só seria possível, para as explicações e exigências dessas religiões, no "ajustamento do fiel às exigências da Sagrada Escritura" (Paravidini e Gonçalves, 2009, p. 1187-1188, apud Dos Santos, 2019, p. 19). Vale ressaltar que, nesse aspecto bíblico, o neopentecostalismo dá ênfase ao Velho Testamento, tido como retrógrado e mesmo arcaico, expressando uma articulação da antropologia neopentecostal quanto ao fundamentalismo, e até uma articulação entre questões econômicas contemporâneas e mundo antigo.

Notamos, portanto, que das práticas mágicas e financeiras das religiões neopentecostais resulta uma “dialética entre conversão e transformação social” (Dos Santos, 2019). A antropologia, ao estudar as formas psíquicas autóctones, chamou de causalidade mágica (Monteiro, 1990, p. 36-39, apud Dos Santos, 2019, p. 20) as práticas e posturas que envolvem as curas e o exorcismo, sendo este último um tipo de cura radical por eliminar todos os males, inclusive de doenças e vícios. A interiorização propiciada pelo processo da conversão religiosa encontra uma vinculação direta com fatos materiais

da vida do fiel, agora mais reflexivo e disposto a mudar, como, por exemplo, na suposta libertação do alcoolismo, típica das igrejas neopentecostais (Dos Santos, 2019, p. 19-20).

A conversão religiosa, tema de interesse de diversas ciências e abordagens, processa a construção de "nova subjetividade por meio da obediência aos preceitos mandamentais [...] capazes de produzirem [...] aquele disposto a realizar uma ruptura com a vida vivida, colocando-se em um outro patamar existencial, guiado pelos valores da fé" (Dos Santos, 2019, p. 19). Nesse sentido, a oferta neopentecostal é concretamente propositiva, e possui caracteres próprios, se comparada com outras religiões, a serem resumidos da seguinte forma:

[...] anúncio fundamental (a oferta da salvação – prosperidade – para todos os que integram a comunidade religiosa), e um aspecto de intervenção da realidade marcada pelo mal (rituais de curas e exorcismos), que implica eliminar os entraves da salvação, que tem como principal responsável, o demônio (Dos Santos, 2019, p. 19).

Finalmente, cabe constatar que certas igrejas e comunidades cristãs neopentecostais parecem superar o dualismo natureza/cultura ou corpo/alma. Justamente por estimular uma interação integral da constituição humana por meio das supostas curas divinas e, também, no entendimento de espiritualidade encarnada em corporeidade pela subjetividade humana, e mesmo quando o discurso meramente transcendental neopentecostal dá ênfase frequente não numa "vida além", mas no "aqui e agora", operam uma superação do dualismo que concebe alma e corpo como divididos (Coelho, 2017, p. 93).

## **2.2 Breve história do protestantismo e do pentecostalismo no Brasil**

Do protestantismo tímido no Brasil, surgido primeiramente em meio a um cenário de exploração colonial, em que a fé Católica Romana, sob a égide da Coroa Portuguesa e do Padroado Real, exercia domínio absoluto sobre as questões espirituais e, em grande medida, sobre as questões temporais, desdobramentos se deram no século XX com a introdução do pentecostalismo.

As primeiras tentativas de se iniciar ou estabelecer o protestantismo no Brasil partiram das tentativas francesas e holandesas, mas conflitos internos e a oposição portuguesa culminaram no aniquilamento da presença protestante antes mesmo de se firmar (Tersier, 1936). Durante os séculos seguintes, o protestantismo existe esparsa e raramente em contexto clandestino por conta da Inquisição Portuguesa. Os protestantes, portanto, eram obrigados a praticar sua fé em segredo, e qualquer tentativa de estabelecer

igrejas ou comunidades era suprimida (Tersier, 1936). Apesar dessas condições adversas, relatos de viajantes e registros inquisitoriais indicam que a fé protestante continuou a existir de maneira dispersa e oculta.

Haverá maior abertura política e religiosa no século XIX com a independência do Brasil. A Constituição de 1824 concedeu liberdade de culto, abrindo caminho para a atuação de missionários protestantes, principalmente de origem anglo-americana, mas estabelecia o catolicismo como religião oficial, limitando o protestantismo e outras formas (Mendonça, 1987). Igrejas protestantes como a Luterana, a Presbiteriana, a Batista, a Metodista e a Congregacional, começaram a se organizar e a crescer, estabelecendo as primeiras congregações e comunidades protestantes no país.

Apenas com o advento da República e de constituições republicanas, ou seja, em teor laico, é que o protestantismo começa a gozar tardiamente de plena atividade no Brasil (Ribeiro, 1991). O final do século XIX e o início do século XX marcaram um período de consolidação e expansão do protestantismo no país. Missionários protestantes, muitos dos quais vinculados a sociedades missionárias norte-americanas e europeias, desempenharam um papel crucial nessa expansão, estabelecendo escolas, hospitais e prensas, além de igrejas. Essas instituições não apenas serviram para disseminar a fé protestante, mas também para promover a educação e o desenvolvimento social. A tradução e a distribuição da Bíblia em português, realizada por sociedades bíblicas, desempenharam um papel fundamental na difusão das crenças protestantes.

É no início do século XX que o Brasil recebe o pentecostalismo por meio da chegada da Congregação Cristã (em 1910) e da Assembleia de Deus (em 1911). O pentecostalismo, no Brasil, coloca-se, desenvolve-se e se multiplica por imigrantes excluídos socialmente em seus países de origem e no novo país, com a capacidade de se comunicar de maneira acessível através da linguagem popular, da música, da arquitetura dos templos e de sua localização, como nos traz Magali Cunha (Rádio Escafandro 2021). Isto é, tem raiz histórica de atingir aqueles que estão escanteados socialmente através da identificação e mesmo por outras religiões mais oficiais, constituindo assim a marca dessa religião no Brasil e na América Latina.

Nesse novo ambiente, sobretudo pessoas mais empobrecidas sentem-se finalmente integradas e com voz nas igrejas, valorizadas e com sentimento sem precedentes de inclusão. O processo de industrialização no Brasil, que se dá também no século passado, reforçará o encontro de segregações e desigualdades sociais em um novo

mundo ainda desconhecido e em franca transformação como aponta Livia Reis (Rádio Escafandro, 2021).

### **2.3 Surgimento e ascensão do neopentecostalismo no Brasil**

O contexto em que muitas das igrejas neopentecostais emergem no Brasil, em finais das décadas de 1970 e 1980, é o de um governo militar-civil em franco processo de desgaste, o de abandono político de camadas sociais inteiras, além da recessão econômica (Bovkolovski, 2005, p. 50). Igrejas neopentecostais surgiram em muitas outras cidades, mas o Rio de Janeiro é o local inicial do desenvolvimento significativo do neopentecostalismo no Brasil, e a isso se deve paralelamente o aumento da exclusão socioeconômica, o aumento de organizações criminosas e a sensação de insegurança por parte da população (idem).

Com a ascensão liberal e mesmo neoliberal na ordem político-econômica global, os valores das igrejas neopentecostais da Terceira Onda do Pentecostalismo passaram a consistir em pregar ordem, disciplina, segurança, mérito pessoal e noções individualistas. Ou seja, opera com uma ideologia bem diversa àquela do catolicismo que formou primeiramente o Brasil.

Toda ideologia cristã oficial pregava que este mundo terreno seria de “pecados”, fazendo-se necessário sacrificar-se nesta vida como promessa de “outra vida além”, possivelmente redentora e recompensadora. Na ideologia neopentecostal, ao contrário, e sobretudo atrelada à chamada “Teologia da Prosperidade”, o bem-estar encontra-se já neste mundo terreno, desde que se morra para as coisas desse mundo e viva-se para o “Espírito Santo”, e desde que isto também envolva um porcentual de dinheiro ao pastor, o dízimo, para que justamente se possa cobrar a parte que se tem direito, uma vez que o sacrifício já teria sido feito por Jesus na cruz (Rádio Escafandro, 2021). O teólogo Érico Xavier (2009, p. 123) define concisamente a Teologia da Prosperidade como “um conjunto de princípios que afirma que o cristão possui o direito de obter felicidade integral e de exigí-la enquanto estiver vivo. Para atingir esses princípios, é preciso que confie incondicionalmente em Jesus de Nazaré”.

O neopentecostalismo no Brasil é, portanto, um fenômeno religioso que começa a ganhar forma e força na década de 1970. Note-se as diferentes denominações para esse novo fenômeno, segundo diversos autores que se debruçaram sobre ele: "agência de cura divina", "sindicato dos mágicos", "pentecostalismo autônomo", "pentecostalismo de

segunda e terceira ondas", "neopentecostalismo" e "pós-pentecostalismo" (Oro, 2001, p. 73).

É determinante a fundação de igrejas que se multiplicariam e expandiriam suas influências, a começar pela Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo e outros em 1977, e pela Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por Romildo Ribeiro Soares em 1980. Este movimento, ainda que não totalmente homogêneo, conforme veremos posteriormente, é também notável pela sua habilidade de se adaptar e responder às necessidades e questões sociais contemporâneas, utilizando intensivamente os meios de comunicação para disseminar sua mensagem e abrangendo setores sociais e políticos de maneira sem precedentes.

O fenômeno do neopentecostalismo é, entretanto, dos mais controvertidos no campo religioso recente, em especial por conta de seus dois eixos principais de práticas mágicas e financeiras, ainda que "todas as religiões, 'oficiais' ou 'populares', especialmente no mundo capitalista, não se desinteressam pelo dinheiro e se valem da magia, mesmo que (segundo elas) de forma desigual" (Oro, 2001, p. 74).

Assim, o neopentecostalismo não deixa de ser denunciado, contestado e criticado por diversos lados e setores:

Os pentecostais tradicionais recriminam-lhe desde o demasiado recurso à teologia da prosperidade até uma flexibilização inusitada em relação à tradição pentecostal; os protestantes históricos criticam o caráter mágico das suas práticas; os umbandistas queixam-se dos ataques recebidos de parte das igrejas que seguem a teologia da guerra espiritual; parte dos católicos contestam-lhe o excessivo utilitarismo e a ênfase à demonização presentes no seu discurso e rituais. Recebe também críticas provenientes de fora do campo religioso. Os meios de comunicação tendem a colocar suspeitas sobre as suas práticas financeiras; alguns partidos políticos expressam receios sobre a sua participação política; certos académicos demonstram indisfarçável estranhamento diante das recomposições e adaptações efetuadas por algumas igrejas..." (Oro e Semán, 1999, p. 39, apud Oro, 2001, p. 74).

No próprio bojo da sociedade, há contestações multifacetadas com relação às igrejas neopentecostais e seus membros. Ao mesmo tempo em que se expande, também enfrenta questionamentos sobre sua legitimidade, práticas e efeitos, tanto no âmbito religioso quanto no social e político.

## **2.4 Mudanças contemporâneas**

Qualquer censo estatístico das últimas décadas mostrará que o neopentecostalismo marcha para se tornar mais dominante do que o catolicismo no Brasil. Pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Universidade de

São Paulo (USP), por exemplo, nos revelam um crescimento exacerbado dessas instituições, houve um equilíbrio em torno do mercado religioso brasileiro em favor da segmentação evangélica, fazendo com que a competição entre outras dominações desse grupo operassem em detrimento do catolicismo (Araújo, 2023). Nos últimos anos, o Brasil testemunhou uma transformação significativa no panorama religioso, especialmente nas áreas de bairros pobres, comunidades, periferias e favelas. A tradicional hegemonia da Igreja Católica tem sido desafiada pela ascensão dos movimentos neopentecostais, que encontraram nos espaços muitas vezes "abandonados" pelo Estado terreno fértil para crescimento e influência.

Assim, o “novo pentecostalismo”, egresso do pentecostalismo, encontra êxito de domínio material e ideológico em classes escanteadas socialmente com a promessa de melhorias de vida já neste mundo material. Moradores de bairros empobrecidos, periferias e favelas têm testemunhado e participado de forma mais acelerada a mudança do campo religioso recente, aí não só com relação ao catolicismo, mas também a religiões afro-brasileiras e ao sincretismo, adentrando numa terceira geração, entre ser "crente" ou "macumbeiro"<sup>1</sup>. Nesse aspecto, destaca-se ainda outro fenômeno complexo e estrito, que é o do narconeopentecostalismo, isto é, a assimilação (ou conversão) da ideologia evangélica por traficantes (cf. Cunha, 2009; Costa, 2023, Manso, 2023).

O neopentecostalismo, que agrega em si ideologia neoliberal e mesmo empresarial, volta-se então com virulência contra religiões de matriz afro-brasileira, Umbanda e Candomblé, mesmo do catolicismo, em grande parte por serem elas também arraigadas no popular. Ao contrário de todas essas, é iconoclasta, ou seja, não venera imagens, e muitas vezes as demoniza. De acordo com Magali Cunha, trata-se de um embate no terreno social, mesmo de uma competição – para evocar linguagem comercial do mercado de consumo – de uma concorrência de mesmo público-alvo (Rádio Escafandro, 2021).

Essa expansão das igrejas neopentecostais uniu-se às redes de apoio nas estruturas sociais adoecidas das metrópoles. Pesquisas recentes como as de Manso (2023) mostram a fé, ali, enquanto forma de redenção individual e coletiva, mas também servindo de maneira sem precedentes como projeto de poder político.

---

<sup>1</sup> Segundo o babalorixá Wagner Júnior, o Waguinho D'Ogun, que sofrera intolerância religiosa e expulsão no Complexo de Israel: "Antes da religião dos evangélicos se juntar ao tráfico, quem reinava era a macumba, era maior parte de Umbanda mesmo, por causa dos exus, seu Zé Pilintra, então... O Zé Pilintra era Deus na favela." Rádio Escafandro (2021).

## 2.5 A Igreja Bola de Neve

A Igreja Bola de Neve, fundada em 1999 por Rinaldo Seixas, ex-membro da igreja Renascer, representa um tipo muito destoante de igreja neopentecostal. Caracteriza-se por sua abordagem descomplicada, “descolada” e contemporânea do cristianismo, buscando atrair jovens e pessoas de diversas culturas, especialmente aquelas ligadas ao surf e a esportes radicais, primeiramente, e agora também às redes sociais e à área da tecnologia (Weber, 2019).

Iniciou suas atividades com a evangelização em praças, inicialmente atraindo um público jovem e ligado ao surf, skate e à cultura de esportes radicais. O nome "Bola de Neve", por vezes chamado de “Bola de Neve Church”, reflete a visão de avalanche, crescimento exponencial do evangelho, assim como uma bola de neve que aumenta de tamanho à medida que rola colina abaixo (Nascimento, 2020).

Desde sua fundação, a igreja experimentou um rápido crescimento, estabelecendo congregações em diversas cidades do Brasil e em alguns outros países, incluindo Estados Unidos, Japão, Austrália, e na Europa, adaptando-se culturalmente às diferentes regiões, mas mantendo sua essência e abordagem inovadora na propagação do evangelho.

A Igreja Bola de Neve está centrada em uma abordagem relacional e descomplicada do cristianismo, buscando aproximar os ensinamentos de Jesus de forma atual. Sua doutrina baseia-se na Bíblia, com uma ênfase particular no Novo Testamento e, conforme indica Jéssica Weber (2019), tem um forte apelo ao público jovem através da linguagem contemporânea e da música, especialmente o louvor que mistura rock, reggae, e hip-hop com letras cristãs.

Uma característica distintiva da igreja é sua abertura e aceitação. Ela se esforça para ser um espaço onde todos se sintam bem-vindos, independentemente de seu passado ou estilo de vida. Essa postura inclusiva funciona, em um primeiro momento, a atrair pessoas que tradicionalmente se sentiam alienadas ou rejeitadas por instituições religiosas mais conservadoras.

Os cultos na Igreja Bola de Neve são conhecidos por sua informalidade e dinamismo, com mensagens que aplicam princípios bíblicos a questões contemporâneas, como relacionamentos, saúde mental, propósito de vida, entre outros. Além dos cultos, a igreja promove células de estudo bíblico em casas, eventos de evangelização e ação social, e atividades voltadas para a juventude e o esporte.

A Bola de Neve moraliza o comportamento sexual dos fiéis, preconizando a virgindade e o casamento heteronormativo, mas paradoxalmente essa conduta convive com alguma parcela de liberação dos corpos, que são expostos, desejados e admirados, ou seja, a congregação coíbe e estimula a libido (Dantas, 2010). Por seu público-alvo ser sobretudo jovens ou adultos mais contemporâneos, a coibição também tem enfoque no uso de drogas de todo tipo, incluindo presença em bares e baladas, homossexualidade, aborto, adultério e outros, ainda que os dirigentes transmitam mensagem a seus públicos de que não apoiam a censura, associando a imagem da Bola de Neve à jovialidade, descontração e liberdade, ou seja, disfarçando o imperativo moral (Dantas, 2009, p. 9).

Assim, a Igreja Bola de Neve representa um movimento cristão que, através de uma abordagem contemporânea e inclusiva em sua teoria, tenta dialogar com as questões e desafios da sociedade atual, especialmente entre os jovens. Seu crescimento e expansão são testemunhos da busca por espiritualidade que seja ao mesmo tempo “leve” e acessível, demonstrando a capacidade do cristianismo de se reinventar e permanecer relevante em diferentes contextos culturais.

Recentemente, escândalos familiares de abuso e violência doméstica entre seus dirigentes vieram à tona em páginas de notícias de famosos e fofocas. Além disso, a igreja tentou censurar livro que expõe o conservadorismo camuflado sob a fachada liberal apresentada por seus dirigentes (Cardoso, 2013). À medida que cresceu, a Bola de Neve enfrenta o desafio de manter sua essência e valores, enquanto se adapta e responde às necessidades de uma comunidade global e diversificada.

## **2.6 A Igreja Universal do Reino de Deus: crescimento, controvérsias e impacto político-social**

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma denominação cristã neopentecostal fundada no Brasil em 1977 pelo autodenominado bispo Edir Macedo e um grupo de pessoas no Rio de Janeiro, que incluíam Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes, Carlos Rodrigues, os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho e seu sobrinho Marcelo Crivella (Fancello e Mary, 2011, p. 384; Freston, 2008, p. 182). Antes, Macedo foi membro por doze anos da Igreja Nova Vida do "missionário" canadense Robert McAlister, vindo ao Brasil em 1960 (Shankar, 2012, p. 309).

Desde então, a IURD tem experimentado um crescimento exponencial, não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo, tornando-se uma das mais influentes e controversas igrejas do movimento neopentecostal. É um fenômeno complexo no cenário

religioso e social contemporâneo. Seu rápido crescimento e expansão global são testemunhos do seu impacto na vida de milhões de pessoas. Ao mesmo tempo, as controvérsias que cercam a igreja destacam os desafios enfrentados por movimentos religiosos que se entrelaçam com questões de poder, dinheiro e política.

À medida que a IURD continua a expandir sua influência, o equilíbrio entre fé, ética e responsabilidade social permanece um tópico de debate relevante.

### *2.6.1 História e expansão*

A Igreja Universal rapidamente se expandiu para outras partes do Brasil e, posteriormente, para o mundo. A estratégia de crescimento incluiu o uso intensivo de meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, primeiramente nas redes Bandeirantes, Manchete e Record. Posteriormente, a aquisição de redes de TV, como a Record TV em 1989, desempenhou um papel crucial na disseminação da doutrina da igreja e na atração de fiéis. Aumentou sua programação em 1999 com sessões de "exorcismo" ou "descarrego", divulgando tais cenas em diversos horários, inclusive no horário do almoço (Bovkalovski, 2005, p. 74).

Quando da aquisição da TV Record,

(...) a liderança da igreja, oculta na transação, feita por testas-de-ferro, não mediu esforços, ou melhor, sacrifícios. Realizou a campanha 'sacrifício de Isaac', na qual seus pastores doaram cinco salários mensais, carros, casas e apartamentos. Com o mesmo espírito de renúncia e despojamento, fiéis de todo o país foram convocados a participar do sacrifício, doando, além de dízimos e ofertas, joias, poupança e propriedades (Mariano, 1999, p. 66).

Hoje, a IURD afirma ter milhões de membros em mais de 100 países, com milhares de templos espalhados pelo mundo. O Templo de Salomão, localizado em São Paulo, Brasil, inaugurado em 2014, é um dos seus projetos mais ambiciosos e simboliza a magnitude e a influência da igreja, sendo a sua sede.

### *2.6.2 Doutrina e práticas da IURD*

A Igreja Universal do Reino de Deus é "organizada sobre o tripé cura, exorcismo e prosperidade financeira, constantemente considerando o Diabo como elemento central de seu discurso" (Bovkalovski, 2005, p. 74). A doutrina da IURD enfatiza a "Teologia da Prosperidade", que associa a fé cristã ao sucesso financeiro e bem-estar pessoal. Os serviços e cultos frequentemente incluem sessões de "libertação" que prometem a cura de enfermidades e a libertação de espíritos malignos, e a "campanha de fé", que incentiva a

doação financeira como um ato de fé que seria recompensado por Deus com bênçãos materiais e espirituais.

A prática do dízimo e das ofertas é central na IURD, sendo frequentemente associada à promessa de recompensas divinas. A igreja também utiliza os meios de comunicação para disseminar sua mensagem, com programas de TV, rádio, e publicações, incluindo a Folha Universal, um jornal semanal.

### 2.6.3 *Impacto político-social e controvérsias*

Os neopentecostais "deslançaram na política com a Igreja Universal do Reino de Deus, que criou um plano político mais estruturado dentro da instituição" no início da década de 1990 (Dip, 2015). Segundo Suruagy<sup>2</sup> (2011, p. 30 *apud* Dip, 2015, p. 1-2), o plano se deu da seguinte forma:

A cúpula da igreja, formada por um conselho de bispos da confiança de Edir Macedo, indica candidatos em um procedimento absolutamente verticalizado, sem a participação da comunidade. Os critérios para a escolha desses candidatos geralmente têm base em um certo recenseamento que se faz do número de eleitores em cada igreja ou em cada distrito. Em cada templo, cada região, tem apenas dois candidatos que seriam o candidato federal e o estadual. Ela desenvolve uma racionalidade eleitoral a partir de uma distribuição geográfica dos candidatos e a partir de uma distribuição partidária dos candidatos. Isso mudou um pouco agora, porque existe um partido que é da Universal, o PRB [Republicanos], que fica cada vez mais forte no Congresso.

Conforme nota-se, a relação espúria entre lideranças religiosas e política institucional assumiu caráter explicitamente eleitoral e partidário, levantando frequentemente discussões sobre fundamentalismo e laicidade. Além disso, acusações de lavagem de dinheiro, fraude fiscal e exploração da fé para enriquecimento ilícito dos líderes têm sido frequentes no caso da Igreja Universal<sup>3</sup>. A ênfase na doação de dinheiro tem sido particularmente controversa, levantando questões sobre a ética e a transparência financeira da igreja.

---

<sup>2</sup> Pesquisadora da tese "Religião e política: ideologia e ação da 'Bancada Evangélica' na Câmara Federal".

<sup>3</sup> 1) <https://www.intercept.com.br/2022/07/18/igreja-universal-empresario-ex-fiel-lavagem-dinheiro-nada-a-perder/>

2) <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/08/investigacoes-sobre-lavagem-de-dinheiro-por-lideres-religiosos-emperram-em-varios-paises.shtml>

3) <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/05/11/lideres-da-universao-indiciados-por-lavagem-de-dinheiro-em-angola.htm>

4) <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/ministerio-publico-acusa-igreja-universal-de-lavar-dinheiro-defesa-nega/1673959>

Também a influência da IURD em outros países tem sido motivo de preocupação. A igreja possui uma forte presença em Angola, por exemplo, onde recentemente templos da igreja foram fechados, acusados de fraude, e a instituição encontra-se dividida entre alas brasileira e angolana de pastores e bispos com dissidentes a denunciar corrupção e outros crimes (Miguel, 2024).

## **2.7A Igreja Pentecostal Deus é Amor: origens, doutrina e impacto**

A Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) rapidamente se estabeleceu como uma das mais influentes denominações pentecostais no país e além. Com uma mensagem centrada no poder da fé e na atuação direta do “Espírito Santo”, a Igreja Deus é Amor se expandiu globalmente, estabelecendo milhares de templos e congregações em diferentes países. Mesmo como pentecostal por definição foi aos poucos absorvendo discursos e práticas do universo Neopentecostal, como a cura, a miséria como desgraça espiritual.

### *2.7.1 Fundação e expansão*

A IPDA foi fundada após o autodenominado “missionário” David Miranda afirmar ter recebido uma “revelação divina”, encorajando-o a iniciar um movimento de renovação espiritual baseado na fé e na cura. Sua expansão é marcada pela fundação de templos em todo o Brasil e em mais de 136 países, incluindo congregações na África, América do Norte, Europa e Ásia.

### *2.7.2 Doutrina e práticas*

A doutrina da IPDA é fortemente influenciada pelo pentecostalismo clássico e uma onda de renovação com influência neopentecostal. No entanto, mesmo que venha perdendo força, prevalece o pentecostalismo clássico, onde a ênfase é a salvação por meio da fé em Jesus Cristo, o batismo no Espírito Santo com a evidência inicial de “falar” em outras línguas, e a expectativa do retorno iminente de Cristo. A igreja adota uma interpretação literal da Bíblia e mantém uma postura conservadora em questões morais e sociais. No entanto manter-se distante do mundo, como da política institucional. A exemplo da bancada da bíblia, já não é algo possível, visto as relações de poder e sustentação das ações da IPDA na manutenção de seus rebanhos em relação a concorrência cada vez mais agressiva e pronta para expandir.

A IPDA em seu fundamento inicial possui como princípio as ações de:

provoca isolamento em relação à sociedade devido à sua condenação ao envolvimento do fiel com as “coisas do mundo”: usar roupas da moda, as mulheres vestirem calças ou saias curtas, assistir televisão (pelo estatuto da IPDA é proibido ter televisores em casa, sob pena de exclusão da Igreja) (Bovkalovski, 2005, p. 73-74).

Entre as práticas da IPDA, destacam-se os cultos de cura e libertação, um dos principais atrativos da igreja para a promessa de cura divina e da libertação de opressões espirituais, quando os fiéis buscam intervenção sobrenatural para seus problemas físicos e espirituais.

A igreja também prega o jejum e a oração, comuns entre os membros, sendo vistos como um meio de purificação espiritual e fortalecimento da fé. Assim como as principais igrejas neopentecostais, a IPDA possui um forte compromisso com o evangelismo, promovendo cruzadas evangelísticas, programas de rádio e televisão, e a distribuição de literatura cristã como meios de propagar sua mensagem.

### *2.7.3 Impacto e controvérsias*

Ao longo de sua história, a IPDA enfrentou críticas e controvérsias, principalmente relacionadas à sua liderança e às estritas regras de conduta impostas aos membros. David Miranda também promovia "sessões de exorcismo" ao vivo na rádio (Bovkalovski, 2005, p. 73-74). A igreja também foi criticada por sua postura exclusivista em relação a outras denominações cristãs, frequentemente se posicionando como a única verdadeira expressão do cristianismo.

## **2.8 A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra**

Fundada em 1992, em Brasília, DF, pelos autodenominados bispos Robson e Lúcia Rodovalho, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (SNT) enfatiza as promessas de cura interior, a prosperidade e o crescimento espiritual.

Desde o início, a igreja experimentou um crescimento acelerado, atraindo adeptos com sua mensagem de fé, esperança e amor. Atualmente, a SNT conta com centenas de templos em todo o Brasil, além de presença em países como Estados Unidos, Portugal, Japão, entre outros.

A doutrina da Sara Nossa Terra é fundamentada nos princípios do cristianismo neopentecostal, com ênfase na "Teologia da Prosperidade", que associa a fé cristã ao

sucesso pessoal e financeiro. Além disso, a igreja se concentra na cura interior e na libertação espiritual como caminhos para uma vida plena e abençoada.

Organiza-se em células, pequenos grupos que se reúnem em casas para oração, estudo da Bíblia e comunhão, facilitando o crescimento espiritual dos membros e a evangelização.

Os cultos são momentos de louvor, adoração e pregação da palavra, onde os fiéis são encorajados a buscar uma conexão profunda com Deus. Regularmente, a igreja promove encontros focados na cura física, emocional e espiritual, além de promover a libertação de vícios e outras opressões.

A SNT organiza eventos nacionais e internacionais, como a Conferência Arena Jovem, visando o fortalecimento da fé e o despertar espiritual, especialmente entre os jovens. Além de sua atividade religiosa, a Sara Nossa Terra desenvolve projetos sociais, visando atender às necessidades de comunidades carentes. Iniciativas como ações de combate à fome, programas de reabilitação para dependentes químicos e projetos educacionais demonstram o compromisso da igreja com o bem-estar social.

Culturalmente, a SNT tem influenciado significativamente a música gospel brasileira, lançando e promovendo artistas dentro do movimento. A igreja também se destaca pela produção de conteúdo audiovisual, com transmissões de cultos e programas pela sua emissora de televisão, a Rede Gênese, e pelas redes sociais, ampliando seu alcance e impacto.

Como muitas instituições religiosas de grande porte, a Sara Nossa Terra também enfrenta críticas e controvérsias, especialmente relacionadas à sua teologia da prosperidade e à concentração de autoridade em seus líderes.

## **2.9 Igreja Batista Reformada Lírio dos Vales**

Em 10 de abril de 1979, a Igreja Lírio dos Vales emergiu no Bairro Jardim Santa Terezinha, São Paulo, por meio da visão e dedicação do autodenominado missionário João Pereira Coutinho. Iniciando suas atividades sob uma tenda de plástico, a igreja nasceu com o propósito de “abençoar” a comunidade local, enfrentando as adversidades com fé e determinação (JUSTIFICATIVA - PDL 0027/2019, 2019). A abordagem humana e acessível do ministério rapidamente se tornou sua assinatura, atraindo aqueles em busca de conforto espiritual e apoio.

Com o passar dos anos, a Igreja Lírio dos Vales expandiu sua visão para além das fronteiras do Bairro Jardim Santa Terezinha, São Paulo, estendendo suas mãos para os

menos favorecidos em diversas comunidades. A abertura de novas filiais reflete o compromisso da igreja em disseminar o Amor Cristão e promover mudanças socioeconômicas positivas. Por meio de ações concretas e uma mensagem de fé, a igreja estabeleceu uma presença significativa em várias regiões, incluindo bairros periféricos e cidades metropolitanas.

A Igreja Lírio dos Vales destaca-se por seu intenso envolvimento comunitário, oferecendo uma ampla gama de serviços que atendem às necessidades básicas e espirituais da população. Entre as iniciativas estão a distribuição de alimentos, roupas e medicamentos, suporte “espiritual”, doação de cestas em épocas de comemoração, além de outras ações.

Seu ambiente aparentemente acolhedor e inclusivo é um dos pilares da igreja. A igreja é batista reformada, ou seja, crê no "novo nascimento" e batismo do crente com salvação por meio da fé.

## **2.10 Discussão crítica**

A análise antropológica das práticas religiosas e das instituições que as abrigam revela nuances importantes sobre a forma como a religiosidade se entrelaça com a cultura, a sociedade e as dinâmicas de poder. Igrejas como a Bola de Neve, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Sara Nossa Terra e Lírio dos Vales, embora compartilhem a base cristã evangélica, divergem em suas práticas, discursos e na maneira como interagem com seus fiéis e a sociedade em geral, muitas vezes competindo entre si e ainda outras mais não investigadas aqui. Essas diferenças refletem não apenas teologias com pontos em comum e distintos, mas também abordagens diversas em relação à cultura contemporânea, aos problemas sociais e à própria concepção de fé e salvação.

Embora possuam diferenças entre si, há também muitos pontos em comum entre as igrejas supracitadas. Com relação à doutrina, os dois pontos principais são: I) o discurso maniqueísta de demonização, ou seja, de "guerra espiritual" contra o diabo, citado constantemente em discursos de pastores e membros; II) a pregação da "Teologia da Prosperidade", doutrina pela qual, conforme já foi citado, afirma que o cristão pode vir a ter a "felicidade" e uma vida materialmente "melhor" ainda neste mundo terreno, ao contrário da doutrina tradicional católica de prometer vida melhor “além” (Bovkolovski, 2005, p. 50).

Nota-se que a Igreja Universal do Reino de Deus adota uma estratégia de expansão e presença global bem mais acentuada do que as outras, enfatizando a Teologia da

Prosperidade e um discurso de empoderamento individual através da fé e da aceitação do “Espírito Santo”. Sob uma lente crítica, pode-se interpretar essa abordagem como uma resposta às angústias e incertezas geradas pela modernidade, oferecendo uma narrativa de superação e sucesso pessoal atrelada à prática religiosa. A Universal mobiliza recursos midiáticos e arquitetônicos grandiosos para propagar sua mensagem, evidenciando a religião como uma forma de capital simbólico e material, que negocia significados e poder em múltiplas esferas da vida social.

Em contrapartida, a Igreja Bola de Neve surge como um fenômeno “renovado” por sua capacidade de incorporar elementos da cultura jovem e urbana, como o surf e o skate, em seu discurso e prática religiosa, articulando rígida coibição moral com comportamento liberal. Essa adaptação cultural sugere uma estratégia de evangelização que busca dialogar diretamente com as identidades e estilos de vida de um segmento específico da população, criando um espaço de pertencimento religioso que é ao mesmo tempo contemporâneo e espiritual. Tal abordagem reflete uma compreensão da religião como algo dinâmico, capaz de se reinventar para atender às necessidades e anseios de uma geração em constante transformação, no entanto, sempre refreando seus fiéis para atender às suas expectativas.

Já a Igreja Pentecostal Deus é Amor destaca-se por seus fundamentos no pentecostalismo clássico e uma influência crescente do neopentecostalismo, com práticas devocionais intensas e uma teologia que valoriza a experiência direta com o divino, por meio de milagres, curas e manifestações do “Espírito Santo”. Essa ênfase na experiência espiritual imediata pode ser vista como uma forma de resistência à racionalização e secularização da sociedade, reafirmando o espaço da fé como central na vida dos indivíduos. A antropologia permite compreender essa prática como uma articulação entre a necessidade de transcendência e a busca por soluções imediatas para as adversidades da vida.

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, por sua vez, ilustra a tendência de algumas igrejas contemporâneas de se organizarem em torno de lideranças carismáticas e de promoverem uma vivência comunitária intensa, centrada no crescimento pessoal e espiritual. A ênfase no discipulado e na formação de líderes reflete uma visão da religião como um caminho para o desenvolvimento integral do ser, abordando questões emocionais, familiares e profissionais. Isso aponta para uma concepção de fé que transcende o âmbito estritamente espiritual, buscando impactar outras dimensões da existência humana.

Por fim, a Igreja Lírio dos Vales representa como a prática religiosa pode se voltar para o serviço comunitário e a ação social, enfatizando a importância do amor ao próximo e da assistência aos mais necessitados. Essa orientação para o trabalho social e assistencial reflete uma compreensão da fé cristã como intrinsecamente ligada à justiça social e ao cuidado com os marginalizados e seus problemas socioeconômicos. Através da antropologia, pode-se perceber essa abordagem como uma manifestação da religião que não apenas busca o transcendente, mas se engaja ativamente na transformação das condições materiais e sociais de sua comunidade.

Cada uma dessas igrejas, com suas especificidades, contribui para o complexo tapeçaria da religiosidade contemporânea, demonstrando como a fé se adapta e responde aos desafios e questões da sociedade moderna. A diversidade de práticas e crenças entre a Bola de Neve, Universal, Deus é Amor, Sara Nossa Terra e Lírio dos Vales ilustra a pluralidade do campo religioso evangélico, revelando diferentes estratégias de engajamento com o mundo e concepções sobre o papel da religião na vida dos indivíduos e das comunidades.

A antropologia da religião, ao explorar essas diferenças, fornece ferramentas para entender como cada igreja negocia sua identidade e autoridade em um contexto de pluralismo religioso e competição por fiéis. Essa análise destaca não apenas as estratégias de crescimento e consolidação institucional, mas também como as religiões e igrejas se posicionam em relação a questões sociais contemporâneas, como pobreza, desigualdade, questões de gênero e desafios juvenis, oferecendo respostas que refletem tanto suas teologias específicas quanto suas compreensões sobre o papel da religião na sociedade.

Ao considerar questões centrais dessas diferentes práticas e discursos religiosos na vida dos fiéis, o campo das pesquisas em cultura pode revelar as nuances de como a religião contribui para construção social de identidades, a construção de comunidades e a negociação de pertencimentos em um mundo cada vez mais fragmentado. Ela permite uma reflexão sobre como essas igrejas oferecem espaços de acolhimento, significado e resistência em meio às incertezas da modernidade, mas também como podem reproduzir estruturas de poder e exclusão.

É como se as Igrejas e suas respectivas normas e especificidades, representassem sempre essa preferência pela “mão direita” que Robert Hertz (1980) nos coloca que isso não se trata apenas de uma questão anatômica sob contextos religiosos, mas também uma significativa carga simbólica e cultural. Ele discute como o corpo humano, em particular a diferenciação entre a mão direita e a mão esquerda, é utilizado como um campo de

demonstração das representações sociais, hierarquias e divisões presentes nas sociedades estudadas. Através dessa análise, Hertz demonstra como a polaridade religiosa se manifesta não apenas em práticas rituais, mas também na organização simbólica do corpo e na construção de significados culturais mais amplos.

Finalmente, esse olhar crítico sobre a diversidade das práticas religiosas evangélicas no Brasil instiga uma reflexão mais ampla sobre o papel da religião no século XXI. Ele sugere que, longe de serem meramente instituições que replicam dogmas e rituais, as igrejas supracitadas são empresas e agentes ativos na conformação dos corpos, da cultura, da política e da sociedade. Assim, a análise dessas comunidades religiosas revela não apenas a complexidade da fé em tempos contemporâneos, mas também sua atuação em nível individual e coletivo.

### 3. CULTURA E NATUREZA: VERTICALIZAÇÃO DE UMA LEITURA COMPLEXA

Somos levados, aqui, a questões mais profundas e ontológicas que permeiam a maneira pela qual a Sociedade Ocidental concebe a própria realidade, e organiza seus sujeitos. Em outras palavras, somos levados a uma realidade cindida – de um lado, a natureza; de outro, a cultura. Nessa visão dualista de mundo, a natureza aparece enquanto o original, o intocado, o objetivo, o inconsciente, o universal (Lévi-Strauss, 1975), enquanto a cultura é o elaborado, o simbólico, o subjetivo, o agente, o particular.

No entanto, Natureza é já uma noção culturalizada; a cultura normatiza o que seria natureza – noção, de resto, completamente alienígena para comunidades autóctones ao redor do mundo (Martin, 2023). Isso porque não haveria “acesso” a um estado isento daquilo que é da ordem do cultural; o discursivo, o simbólico e o social permeiam toda nossa subjetividade e, como veremos, inclusive a constituem como tal. Faz-se necessária, portanto, uma desconstrução de natureza e de cultura enquanto contraponto à natureza.

Na obra *Cultura: A Visão dos Antropólogos*, Adam Kuper (2002) aborda a complexidade e contestação em torno de cultura dentro dos campos da antropologia. Ressalta-se que a conceituação de cultura não é definida de forma contingencial objetiva, levando em conta que se refere a uma definição que foi diversamente contestada e interpretada por muitas vezes e de maneiras diferentes no percurso da história. As compreensões acerca de cultura são múltiplas entre os(as) antropólogos(as), ecoando as diferentes tradições teóricas, interpretações metodológicas e contextos culturais particulares. Há tensões inerentes. Seja considerada como uma composição de normas compartilhadas, um sistema simbólico ou uma prática social, a concepção de cultura é frequentemente moldada pelas perspectivas teóricas adotadas pelos(as) antropólogos(as). Trata-se de uma categoria fundamental na reflexão sobre a diversidade humana, mas também multifacetada.

Essa complexidade é evidenciada no trabalho de Lévi-Strauss (1975), considerado o fundador teórico da diferenciação entre natureza, enquanto domínio do universal, e cultura, enquanto terreno do particular. Em seu livro "*Totemismo Hoje*", ele lançou uma afirmação intrigante ao destacar que a distinção que propôs inicialmente era de perspectiva metodológica. As interpretações simplistas que encaravam a separação entre natureza e cultura como uma divisão rígida e ontológica são suspensas. Para Lévi-Strauss (1975), a distinção apresentou-se enquanto uma análise, um instrumento utilizado para

entender e estudar as complexas relações entre sociedade e ambiente. Essa abordagem revela um movimento reflexivo (autorreflexivo) por parte da antropologia, destacando o quão é relevante questionar e reinterpretar as fronteiras conceituais que invariavelmente moldam nossa compreensão da realidade.

Assim, o referido "valor sobretudo metodológico" (Lévi-Strauss, 1997, p. 275) nos importa, porque acaba por reconhecer processos e tipos de intermediação entre ambas as categorias. O totemismo é, exemplarmente, uma das modalidades de intercessão entre natureza e cultura em diversas comunidades, entre forças da natureza e aspectos culturais, "amarrando" um parentesco simbólico e concreto entre comunidade e elementos naturais. Em *O pensamento selvagem*, opera-se, finalmente, uma "dessubstancialização" que recombina a separação categorizada por natureza e cultura, não mais como oposição e sim como diferença entre contextos e perspectivas.

Desta forma, revelando vínculos com a ideia lévi-straussiana de "reciprocidade de perspectivas" (Lévi-Strauss, 1997, p. 247-248), segundo Viveiros de Castro:

Recombinar, portanto, mas para em seguida dessubstancializar, pois as categorias de Natureza e Cultura o pensamento ameríndio, não só não subsumem os mesmos conteúdos, como não possuem o mesmo estatuto de seus análogos ocidentais – elas não designam províncias ontológicas, mas apontam para contextos relacionais, perspectivas móveis, em suma, pontos de vista (Viveiros de Castro, 1996, p. 116).

Butler (2024, p. 163) complementa ao ressaltar que há uma continuidade entre aquilo que é considerado natural e aquilo que é cultural: o biológico e o discursivo necessitam um do outro para seu pleno funcionamento. Não há, em nenhum sentido, uma barreira concreta entre o ambiente e o sujeito, entre o externo e o interno. A natureza se constitui como conceito cultural, ao mesmo passo em que a cultura precisa daquilo que seria natural para reproduzir-se (Butler, 2024). Natureza e Cultura, como aponta Viveiros de Castro (1996), não são blocos estanques com fronteiras fixas, mas conceitos que somente existem pela sua interação constante com outros conceitos.

Logo, porque "nada pode ser dito puramente natural ou cultural, seja em sentido intra ou extra-humano [...] Tudo é impuro" (Valentim, 2021, p. 305), a distinção entre humanidade e extra-humanidade é instável, intensivamente (Viveiros de Castro, 2015). A recombinação das categorias não implica, conforme se vê, em fusão homogênea ou óbvia, mas em dinâmica de interrelação. Dessubstancialização categórica que implica rejeição da noção usual de que Natureza e Cultura representariam domínios separados e autônomos. Essa abordagem dinâmica, mesmo fluida, desafia a rigidez por variadas

vezes, caracteriza as concepções mais tradicionais. Desafia até mesmo a hierarquização típica do pensamento mais hegemônico.

Na prática etnográfica<sup>4</sup>, observamos que as pesquisas mais pertinentes são justamente aquelas que exercem uma crítica profunda à tradicional separação entre natureza e cultura, que frequentemente resulta na hierarquização de sistemas de significado. Sabemos, por exemplo, que práticas e perspectivas de povos nativos e indígenas põem em xeque as concepções convencionais, enriquecendo a teoria etnográfica: o que entendemos como natureza e cultura é substancialmente diferente da compreensão antes integrativa do que antagonica de povos indígenas<sup>5</sup>.

A cultura não é só dos homens, porque a agência não se limita apenas no que entendemos como cultura, mas também na natureza (Lima, 2005)<sup>6</sup>. Para essas outras existências, cada uma a seu modo, a conexão entre humanos e não-humanos na natureza recusa categorias dualistas tradicionais (Kopenawa e Albert, 2015). Os corpos, por exemplo, podem ser de naturezas diferentes, conforme viu Viveiros de Castro (2002) em seu estudo do nativo relativo, o que expande a análise antropológica. Viveiros de Castro (2002), mediante o perspectivismo ameríndio, aponta a humanidade a qual deixa de ser o centro e a medida de tudo.

Quando se compreende o multinaturalismo como uma lente teórica essencial acerca do conhecimento da diversidade ontológica presente em diferentes cosmovisões, bem como para desafiar conhecimentos preconcebidos e promover uma avaliação mais aprofundada das complexas interações entre seres humanos e a paisagem ao redor, é possível argumentar que, para os povos nativos, a natureza se caracteriza por múltiplas

---

<sup>4</sup> A antropologia brasileira se destaca por sua abordagem de "viagem etnográfica interna", que envolve um compromisso profundo e participativo com as comunidades estudadas. Durante a ditadura militar, essa disciplina resistiu e desempenhou um papel crucial ao denunciar projetos prejudiciais, como a Transamazônica, que impactaram negativamente as vidas dos povos indígenas. Além da denúncia, a Antropologia brasileira promoveu estudos interétnicos, fortalecendo seu papel como uma voz crítica e engajada na conscientização e resistência contra injustiças sociais, especialmente em contextos desafiadores.

<sup>5</sup> O uso estratégico da categoria de cultura pelos povos originários evidencia a resiliência e adaptabilidade dessas comunidades diante das mudanças globais, desafiando noções pré-estabelecidas e reivindicando espaços para suas identidades e territórios. Povos originários utilizam a categoria de cultura na antropologia como um instrumento de defesa de suas identidades e seus territórios.

<sup>6</sup> Em sua pesquisa de campo, Lima (2005) mostra como a vida social Yudjá, que, aliás, resiste aos evangélicos e sua perigosa intervenção à língua e culturas locais e isoladas, no Parque Indígena do Xingu é de perspectiva diferenciada.

manifestações culturais. Cada uma dessas manifestações é composta por sua agência e subjetividade particulares (Viveiros de Castro, 2002).

O multinaturalismo seria essencial para superar visões simplistas que separam rigidamente natureza e cultura. Tim Ingold (2000) igualmente contribui para a discussão do multinaturalismo na antropologia, preocupando-se em entender como diferentes culturas percebem e interagem com o ambiente ao redor. Discordante ao que Archer (2001) classificou de “imperialismo sociológico”, Ingold enfatiza a relevância de compreender as práticas do cotidiano, assim como as relações ecológicas, superando a categorização naquilo que foi denominado como "natural" e "cultural". É bem comum encontrar quem defenda tais posições de maneira excessiva, desde aqueles que persistem que tudo “deve ser categorizado pelo social ou cultural, até aqueles que, sob outras perspectivas, afirmam que tudo que existe a compreender sobre a humanidade está delineado em nossa estrutura genética e, para tanto, ao interpretar o genoma conseguiríamos descobrir a porta para nossa humanidade (Ingold, 2000, p. 2).

O multinaturalismo seria, então, a chave para uma compreensão mais holística e integrada das interações humanas com o universo cultural que as cerca. Também Marilyn Strathern (2014) atribui importância fundamental ao multinaturalismo em seus estudos, visto que a diversidade de perspectivas culturais acerca do ambiente inova as concepções tradicionais no que se refere a natureza e cultura: é o multinaturalismo, mesmo enquanto um instrumental de análise, que permitiria explorar as complexas interações entre humanos e não-humanos em diferentes sociedades. Ao questionar a universalidade de categorias como "natureza" e "cultura", Strathern (2014) estimula caminhos para uma compreensão mais sensível e inclusiva das variadas formas de conceber e viver no mundo, promovendo uma descolonização das abordagens acadêmicas e uma apreciação mais profunda das diversidades culturais.

A desconstrução da dicotomia rígida entre natureza e cultura se faz necessária não somente pela sua insuficiência teórica, mas também pelas suas implicações hierárquicas. Ao dividir o mundo em dois, um marcado pela passividade e considerado objeto (natureza) e um marcado pela atividade e dotado de agência e subjetividade (cultura), esse pensamento dualista caracteriza tudo aquilo que não se enquadra nos moldes estreitos do cultural – lido como humano – como algo a ser domado, controlado e explorado. E, considerando que essa distinção é também uma operação de poder, a denominação de o que é natureza e o que é cultura serve aos interesses daqueles que necessitam de um

discurso desumanizador e explorativo a fim de justificar e perdurar sistemas de dominação e violência (Haraway, 2009).

Tudo aquilo que não é diretamente o homem, ou melhor, tudo aquilo que não é considerado humano está disponível como recurso, algo para ser reconhecido, manipulado, explorado. Donna Haraway (2009), que, em contraposição crítica à noção de antropoceno, opera com os termos capitoloceno, plantationoceno e chthuluceno, aborda a indagação da natureza destacando aqueles que são excluídos da narrativa dominante da "humanidade dada". É a marginalização daqueles que não conseguem (ou não lhes é permitido) habitar a construção hegemônica da humanidade, que é moldada pela perspectiva do humano cisgênero, branco, burguês e europeu (Haraway, 2009). Essa dominação distintiva e de muitos níveis, que certamente encontra seu marco histórico no comércio triangular que subjugou indígenas e negros posteriormente, não apenas reproduz estruturas de poder, mas também define quem é considerado parte integrante da humanidade e quem é relegado à categorização de "outro" (ou "não-humano").

Ao denunciar essa exclusão, destacamos como a compreensão de natureza é instrumentalizada para perpetuar hierarquias sociais, evidenciando o quanto a narrativa da humanidade é frequentemente moldada pelos interesses e privilégios de determinados grupos dominantes. Quando reconhecemos que a concepção da "humanidade dada" é permeada por categorias sociais específicas, repensamos não apenas a conceituação de natureza, mas também as estruturas que perpetuam a exclusão e a marginalização (Haraway, 2009).

Na prática, a divisão hierárquica entre natureza e cultura se concretiza na invasão do grupo dominante sobre o dominado, construindo nessa operação o título de civilizado cujas práticas devem ser impostas, e sobre o outro a categorização de selvagem que deve ser convertido. Vemos isso claramente nas missões evangelizadoras dos brancos nas comunidades indígenas, como bem retrata Kopenawa (2015) – há um movimento repleto de violência simbólica em que as tradições nativas de um povo são vistas como erros a serem corrigidos, ou mesmo como estágios primitivos a serem evoluídos. Nisso, segue-se um rastro de destruição: “os missionários costumavam repetir que *Teosi* criou a terra e o céu, as árvores e as montanhas. Mas, para nós, suas palavras só trouxeram para a floresta os espíritos de epidemia que mataram nossos maiores” (Albert; Kopenawa, 2015, p. 277). Isso nos ilustra como, antes de uma divisão teórica, a dicotomia natureza e cultura é também uma prática de poder.

No domínio das ciências humanas, então, a correlação entre natureza e cultura é desvelada como um constructo complexo onde a cultura é moldada por relações de classe e de poder. O termo "o truque de Deus" (Haraway, 2009) destaca como alguns povos são transformados em objetos de conhecimento, perpetuando um entendimento hierárquico e subjugante. A cultura, nessa perspectiva, é manipulada para servir aos interesses daqueles que detêm o poder, colocando certos grupos como meros objetos de estudo, distorcendo suas identidades e perpetuando estereótipos prejudiciais.

Todo aquele não considerado humano é submetido à apropriação, colonização, exploração. Bruno Latour (1994) direciona seu olhar crítico para o momento histórico do Ocidente Moderno, destacando como esse período transformou a natureza em um recurso a ser apropriado. A interação entre humanos e ambiente foi redefinida que, também, forjou-se uma concepção de natureza como algo passível de exploração e dominação. Ao posicionar o mundo como: conjunto de recursos disponíveis para a utilização humana, inicia-se a exploração indiscriminada dos recursos naturais, sem considerar as complexas interconexões e consequências que surgirão entre os humanos e o ambiente. Essa realidade tem se manifestado de maneira significativa no século XIX. Nesse contexto, Latour (1994) desafia a visão estabelecida que divide a humanidade da natureza, destacando como essa dicotomia foi instrumentalizada a qual justifica a exploração desenfreada dos elementos naturais. Ao analisar a transformação do mundo em natureza, convida a uma reflexão profunda sobre as bases ideológicas que sustentam a relação contemporânea com o meio ambiente. Essa abordagem crítica não apenas desvela a configuração social da dicotomia, mas também destaca a necessidade urgente de repensar nossa relação com o que se definiu como natureza e buscar uma compreensão mais interconectada.

A natureza não é esvaziada de agências: é habitada por diversas formas humanas, extra-humanas e mais que humanas, observando a ideia da conexão entre humanos e não humanos feita por outros povos. Mesmo o confronto pontual com certos movimentos ecológicos permite questionar a naturalização da natureza enquanto objeto a ser salvo. Latour (1994) argumenta que, ao focar apenas a preservação ambiental, esses movimentos tendem a desconsiderar a complexidade das relações entre a natureza e seus habitantes. Advoga pela superação da ideia tradicional de natureza como algo separado e independente das agências humanas, defendendo uma compreensão mais abrangente que reconheça a coabitação de variadas formas de vida, humanas, extra-humanas e mais que humanas.

Essa perspectiva é influenciada por Michel Foucault (2001), uma figura significativa para Latour, que oferece uma análise sobre a constituição do poder no Ocidente. Foucault examina especificamente a dominação do Homem sobre si mesmo, as diferentes formas de vida, e o mundo em geral. Há o papel crucial do apagamento referentes a exercícios de autoridade e poder na naturalização da natureza, uma estratégia que, ao longo dos anos, consolidou a hegemonia do humano sobre o ambiente que o cerca. A naturalização da natureza não trata-se de um fenômeno inerente, no entanto, sim uma construção ideológica que serve aos interesses de poder e dominação.

A naturalização da natureza é um dispositivo de poder que mascara as relações de dominação subjacentes. Ao ofuscar essas relações, cria-se uma organização social que legitima a supremacia humana sobre as distintas formas de vida e, assim, sobre o planeta. A natureza da naturalização, nessa conjuntura, age como um dispositivo que sustenta a exploração indiscriminada dos recursos naturais e a premissa de um sistema hierárquico na qual o homem está no topo.

Conforme Foucault (2001), a maneira pela qual se constrói a relação de poder apresenta-se como crucial na formação da modernidade ocidental, delineando não apenas as dinâmicas sociais, mas também intervindo na maneira como o homem lida com a natureza. Compreender tais processos torna-se fundamental para desvelar as complexas tramas que ainda amparam as estruturas de poder na contemporaneidade, desta forma como no questionamento das narrativas que perduram e naturalizam a dominação do homem sobre o mundo e sobre as demais formas não humanas.

Apesar dessa separação dualista ser, como viemos argumentando, um dispositivo imaginário, seus efeitos são reais e concretos. Os usos políticos da cultura enquanto hierarquicamente acima da natureza, e da exploração livre de uma sobre a outra, produzem sobretudo uma relação de poder que se autoperpetua narrativamente, mantendo o lado do natural como tudo aquilo que é conveniente a ser dominado pelo lado do cultural. Esses usos são engenhosamente calculados de maneira a extrapolar os significados de passividade e inumanidade para mulheres, povos não-europeus, pessoas não brancas, pessoas queer, ecossistemas inteiros, e o que mais for necessário subjugar.

Barad (2007) e diversos outros pensadores contemporâneos como Ingold (2000), Haraway (2009) e Latour (1994), veem como essencial propor uma nova concepção que derrube o dualismo hierárquico e estanque entre natureza e cultura. O objetivo de Barad, para citar uma dessas teorias, é que haja uma visão imanente e relacional do sujeito, que veja a realidade não enquanto uma cisão, mas como um complexo de forças de diferentes

ordens – ou seja, uma rede de interações. É preciso um entendimento de que o social-discursivo é também matéria, e inclusive parte constitutiva dela, e que o biológico e animal é também agente e sujeito.

Desconstruir as fronteiras rígidas sobre cultura e natureza que historicamente moldaram nossas percepções promove rupturas. Essas rupturas podem oferecer uma crítica inovadora para examinar as construções sociais que perpetuam desigualdades? Dentro desse contexto, a dupla de ideias cultura e fora da cultura, entendida como natureza, torna-se um terreno fértil para críticas sobre práticas de poder que permeiam estruturas sociais. Conforme vimos até aqui, a natureza, assim concebida, é transformada em um espaço desprovido de agência, onde mulheres, pessoas não brancas, não cis, e outros grupos marginalizados são colocados do "lado de lá", na alteridade, sujeitos à dominação, controle e exploração, conforme interesses do capitalismo, patriarcado e colonialismo.

Trata-se, de fato, de uma postura que busca derrubar o estabelecimento distintivo. Não necessariamente a de encontrar semelhanças entre “homem” e “natureza”, considerando em ambos a porção animal, mas possibilitar multiplicidades de fronteiras e diferenças que podem superar a simples oposição entre polos. Assim, um certo lugar ou estado de natureza, em voz e expressão originárias, é convocado exógena e independentemente do discurso e da vontade humana, organizando uma variedade de signos dispersos e distantes, dando origem a uma perspectiva que desafia as concepções convencionais e propõe multiplicidade de formas de entendimento e representação.

Toda vida é social e toda sociedade é viva; isto é, tudo que ocorre no *social* perpassa a inteireza do mundo *orgânico* e vice-versa (Ingold, 2000). Para um olhar mais aprofundado a respeito dessa interrelação, é apropriado levantar a problemática do corpo, sua materialidade e o que ele pode vir a ser.

### **3.1 Corpo: Conexão e entrada com/no mundo**

Refletir a respeito de natureza e cultura inevitavelmente nos leva a reflexões sobre o corpo; isto porque, ao falar dessa distinção, estamos falando de matéria, da concretude do mundo e das diferentes forças que a constituem. Ficamos, então, com a questão: o que constitui a matéria? E a “nossa” matéria (o corpo), a qual “ordem” ela pertence?

Em consideração à desconstrução feita na seção a respeito de natureza e cultura, podemos partir do lugar de que a resposta não é tão simples quanto parece ser. Qualquer

solução que reduza o corpo a um produto de um “bloco” autônomo e totalizante – seja ele natureza ou cultura – é insuficiente diante das complexidades da realidade. Assim, por exemplo, uma concepção reducionista e biologizante do corpo – denunciada por Damásio (2018) – o concebe como mero conjunto de órgãos e reações eletro bioquímicas que respondem aos estados do corpo segundo um imperativo homeostático. Nesta perspectiva, grosso modo, o corpo está situado no domínio genético, físico, endógeno, “natural”. Ao contrário, uma abordagem igualmente reducionista pela via da cultura consistiria na concepção onde o corpo não é, senão, camadas semânticas, narrativas, simbólicas. Cobrir a lacuna aberta por ambos os extremos é uma tarefa que ainda está em processo de resolução, contando com diversas propostas.

Uma das primeiras tentativas neste sentido, e que hoje se consagra como leitura clássica, refere-se ao breve artigo de Marcel Mauss sobre o que denominou de “as técnicas do corpo”. A ambição do francês com este escrito consistia na demonstração da fundamental influência social que atravessa os modos pelos quais pessoas nas mais diferentes culturas fazem uso de seus corpos – até mesmo no caso de atividades aparentemente banais, como caminhar, nadar e mesmo dormir. Com isso, o autor buscava propor a “noção da natureza social do ‘habitus’” (Mauss, 1973, p. 73). Isto é, a natureza social da aquisição de habilidades, passadas de geração em geração, de cima para baixo, através da imitação de autoridades.

Mauss, contudo, não foi o primeiro a desnaturalizar o corpo. Dez anos antes da publicação original das “Técnicas do Corpo”, por exemplo, Margaret Mead apontava nestas direções. Sob a perspectiva aqui abordada, demarcamos como a pesquisa pioneira de Mead (1928) em seu livro *Adolescentes em Samoa* contribuiu para a compreensão da influência da cultura na experiência e construção corporal. A estabeleceu a inextricável relação das dimensões bio-psicossociais que cercam e atravessam a condição humana.

Com isso, Mauss e Mead introduzem uma ideia-chave a respeito do corpo e sua relação com o mundo: forças sociais o atravessam e têm capacidade de situá-lo em diferentes posições, sociabilidades, modos de se portar. Começa-se a ver que determinadas organizações culturais afetam *materialmente* a realidade do corpo, e assim a resposta reducionista biologizante começa a ruir.

Butler (2019), décadas depois, explora essas ideias ao teorizar as maneiras que os discursos descrevem e delineiam o corpo, os inscrevendo em diferentes hierarquias e subjetividades. Butler vai mais além e, por meio de sua teoria da performatividade que veremos mais adiante, afirma que aquilo que seria considerado como cultural *materializa*

o corpo – o produz enquanto sujeito com atributos específicos e com uma superfície bem delimitada (Butler, 2016). Com isso, desloca-se a ideia de materialidade do campo de uma natureza imutável já-dada, e concebe-a agora como um processo social-discursivo que inscreve o corpo concretamente. O conceito de materialização é de extrema importância, pois nos sugere que o corpo não se resume a uma entidade biológica regida por leis sem agência, mas que somente aparece enquanto corpo por meio das sociabilidades e diferentes discursos, ambos imersos em contextos políticos.

Não se deve, entretanto, fazer o caminho inverso e reduzir o corpo ao social. A visão ideal é aquela que compreende que a realidade não se compõe de estruturas isoladas e autônomas, mas de relações. Barad, ao conceituar a materialidade, enfatiza que ela deve ser vista como um *devenir*: “matéria é um devir intra-ativo e dinâmico que nunca para – uma contínua reconfiguração que excede qualquer concepção linear de dinâmica” (Barad, 2007, p. 170). O corpo enquanto matéria escapa de qualquer reducionismo pela sua interconectividade com múltiplas forças e, mais que isso, pelas interdependências que essas forças têm entre si (Barad, 2007; Butler, 2024). O ambiente e os corpos, segundo Barad (2007, p. 170), são co-constitutivos. Assim, o corpo não é uma coisa pronta e separada de seu entorno. Ele se dá pela materialização, materialização essa que envolve elementos das mais diversas ordens, sejam elas sociais ou biológicas.

Designado como “natural” e, portanto, passivo e objetual, a agência e subjetividade do corpo lhe foi historicamente recusada. Datando pelo menos da cisão cartesiana entre corpo e mente, e talvez até antes, à matéria restou apenas a condição inferiorizada de uma biologia silenciosa e estanque, pronta a receber significado pelo labor da cultura (Barad, 2007, p. 49). O corpo na sociedade ocidental, diferentemente de outras sociedades que operam sob outras cosmologias, é radicalmente isolado da função de pensante – e, por extensão, também o é tudo que é considerado como material. No entanto, se considerarmos o orgânico e o social como indissociáveis, e se inclusive considerarmos a condição processual da materialidade sob a premissa de que a realidade é imanente e em incessante devir, esse status inferior do corpo não consegue se manter.

“Matéria e significado são mutuamente articulados”, escreve Barad (2007, p. 152). Essa ideia é indispensável para a compreensão de que o significado não é um trabalho posterior impresso sobre a massa amorfa da natureza (Preciado, 2014); ele está automaticamente implicado na materialização, assim como a matéria está implicada na significação. Em outras palavras, matéria e significado somente existem enquanto lados de um mesmo processo, como uma fita de Möbius. O mundo é uma teia complexa e

material de significados, uma teia na qual nenhum deles existe isolado – a concretude de um leva à do outro.

O corpo, longe de ser um invólucro fechado, pode ser pensado, segundo essa chave, como um momento de um processo contínuo de materialização, em contato direto e transformador com o mundo (Barad, 2007, p. 37; Butler, 2024, p. 163).

### **3.2 Sexo, gênero e suas materializações sociais**

Com isso em mente, podemos pensar diferentes elaborações sociais e discursivas que materializam o corpo – e, aqui, focar-nos-emos em uma específica materialização, talvez uma das mais inerentes ao funcionamento da sociedade ocidental: o gênero. Para fazê-lo, é preciso traçar uma breve origem do debate teórico que trouxe a atual conceituação de o que gênero é; e para isso devemos estabelecer a dicotomia Sexo/Gênero para, assim como Natureza/Cultura, desconstruí-la.

Butler (2016, p. 26) pontua como, com o advento teórico do feminismo do século XX, pensadoras como Simone de Beauvoir buscaram traçar uma distinção entre sexo, que seria a base biológica da diferença sexual entre homens e mulheres, e gênero, concebido como as construções culturais feitas a partir do sexo – ou seja, as concepções sociais de masculinidade e feminilidade designadas a homens e mulheres. Essa separação apareceu, em seu devido momento, como crucial ao movimento feminista para reivindicar a construção cultural dos papéis sociais e renunciar quaisquer explicações essencialistas que buscassem justificar a subjugação feminina. Entretanto, essa separação também precisa ser questionada.

Percebe-se aqui que a dicotomia Natureza/Cultura está na raiz de sexo/gênero: é mais uma elaboração que leva como já-dadas as fronteiras entre dois domínios que apareceriam especializados na constituição da humanidade. Sexo é a imutabilidade natural, enquanto gênero é aquilo que se faz da natureza – removendo desta qualquer agência, ao mesmo passo que situa a cultura como um trabalho posterior, derivativo. Ademais, sexo/gênero desconsidera a inscrição cultural do corpo e sua materialização enquanto processo social-discursivo; ao colocar o corpo (sexo) enquanto a tabula rasa sobre a qual a cultura age, a distinção entre sexo e gênero, da maneira como ela é conceituada, repete a mesma tradição ocidental de ignorar que não há corpo, tal como o concebemos, antes dos processos discursivos que o constroem (Butler, 2019, p. 20)

Se considerarmos a inexistência de um estado “pré-cultural”, assim como a interdependência e indissociabilidade entre “natureza” e “cultura”, podemos perceber como estabelecer uma separação radical entre sexo e gênero traz consigo implicações problemáticas. É necessário considerar que toda concepção a respeito da corporalidade (ou seja, descrições, estudos e separações, como a noção de diferença sexual) já é em si um discurso inserido em uma complexa rede de hierarquias, sociabilidades e tradições. Em outras palavras, a noção de sexo – ou de diferença sexual biológica ou, ainda, a própria ideia da existência prévia de macho e fêmea – já é uma elaboração cultural (Butler, 2016, p. 27). Não se fala de sexo sem gênero, porque o próprio sexo, segundo a conceituação que os diferencia, já é uma operação do gênero.

Butler ainda aponta, outrossim, como a formulação que distingue uma suposta base biológica de seu desenvolvimento social – masculinidade e feminilidade – contém em si sua própria contradição; isso quer dizer que, ao sugerir uma descontinuidade (Butler, 2016, p. 26) entre ambos os termos, essa teoria não-intencionalmente revoga a noção de que somente “corpos masculinos” praticarão masculinidade e vice-versa, já que haveria um intervalo intransponível entre sexo e gênero (Butler, 2016). Considerando a fragilidade dessa distinção, podemos estendê-la a ponto de afirmar que, como não há um pressuposto natural isento das maquinações da cultura, igualmente não há predestinação de que o discurso a respeito dos corpos determinará suas expressões. A descoberta da interrelação imanente entre natureza e cultura, e os outros “campos” delas derivados conceitualmente, nos permite elasticidade e espaço para inventividade.

Como mover-se, então, de uma teoria dicotômica de gênero a uma que consiga abarcar as complexidades da relação dos corpos com a sociedade? Inicialmente, deve-se considerar o que foi exposto até aqui a respeito da natureza e da cultura como dispositivos imaginários e, ainda mais, do corpo em condição social-discursiva. Se sexo é mais uma operação do gênero, uma operação essencial que naturaliza suas hierarquias e separa os indivíduos em diferentes classes com diferentes funções sociais (De Lauretis, 1987, p. 5), então é possível afirmar que o que está em jogo aqui é o mesmo mecanismo da cultura enquanto agente de materialização. Em outros termos, gênero aqui é um primo exemplo de como a matéria não é já-dada. Ela é também um *processo* contínuo (Barad, 2007). Gênero seria um primo exemplo de como o corpo é materializado pelo discursivo, pelo social, nesse caso pelo discurso da diferença sexual e das ações aprendidas no decorrer da socialização, o que Mauss chamou de técnicas do corpo.

Encontramos ecos dessas ideias em Butler, em especial na teoria da performatividade. Nela, vemos que gênero funciona materialmente por meio do movimento corporal: atos, gestos, falas, tons de voz, desejos (Butler, 2016, p. 235). Esses “movimentos” (ou atos) são aprendidos e apreendidos pelo sujeito temporalmente, e repetidos em constância e coerência (pelo menos no cenário normativo ideal do sistema sexo-gênero) ao longo de sua vida.

Por isso mesmo é que podemos falar de materialização do corpo. A performance, os atos repetidos, *inscrevem* o corpo, não somente no sentido de situá-lo socialmente em determinada categoria, mas também no sentido de que eles delimitam suas fronteiras, sua superfície (Butler, 2016, p. 236) – a performance não se resume a ações que o corpo já-dado aprende; a performance, em certa medida, cria o corpo, pelo menos o cria na maneira que ele existe no contexto social. Isso por que, como Butler aponta, o fato de o gênero ser performativo implica que todas as noções de interioridade – a essência imutável – são na verdade reverberações imaginárias da política que busca regular o corpo do sujeito por meio dos atos performativos (Butler, 2016, p. 235).

Nesse sentido, é apropriado dizer que, mais do que um núcleo inerente, gênero aparece como *efeitos*. Efeitos de gestos, efeitos de discursos, efeitos de atos, efeitos indumentários, “efeitos de verdade” (Butler, 2016, p. 236). Gênero existe na medida em que seus efeitos são sentidos e suas regras repetidas, e é esse o significado da ideia de que ele está em constante reprodução.

Com as palavras *efeitos* e *reprodução* podemos introduzir aqui o texto seminal de De Lauretis *A Tecnologia de Gênero* (1987). Nele, ressaltamos sua recuperação da teoria da ideologia do marxista Althusser para pensar o *modus operandi* do gênero. Para Althusser, o capitalismo necessita da ideologia, isto é, da “relação imaginária daqueles indivíduos com as relações reais em que vivem” (Althusser *apud* De Lauretis, 1987, p. 6), a fim de se perpetuar e manter-se em pleno funcionamento e complacência. Essas relações imaginárias precisam ser sustentadas por veículos que funcionam, de modos diversos, com o objetivo de reproduzir as posições sociais e ideias e subjetividades próprias desse modo de produção (De Lauretis, 1987, p. 3). Althusser os chamou de “aparelhos ideológicos do Estado”.

Não precisamos nos subscrever acriticamente ao marxismo estruturalista de Althusser para tomar proveito dessa teoria; podemos compreender que, apesar de sua ortodoxia, ele estava a caminho de uma ideia interessante a respeito do funcionamento do social. Sua noção de ideologia (e subsequente Aparelhos Ideológicos) nos é útil por

fornecer a ideia de que a cultura não é estanque; ela está e precisa estar em constante reprodução. E essa reprodução não se dá em somente uma esfera. Considerar que a cultura se reproduz por meio de diferentes instituições, discursos, campos do saber e dispositivos (como Althusser e De Lauretis consideram) nos leva ao entendimento de que o indivíduo está enodado, atravessado, por forças sociais que são de grande eficiência em moldar sua vida e, por extensão, sua própria subjetividade (De Lauretis, 1987, p. 18).

Isso é mister aqui. Uma das ideias-chave que essa teoria de gênero como ideologia nos traz é a de que *a ideologia interpela indivíduos em sujeitos* (De Lauretis, 1987, p. 6). Ou, para usar os termos que viemos usando até aqui: o processo social-discursivo do gênero produz os corpos não meramente como matéria (no sentido puramente físico da palavra), mas também e principalmente como corpos materializados culturalmente, corpos que estão inseridos no mundo da linguagem, corpos que são macho ou fêmea e que, dentro desse jogo, estão situados concretamente em relações hierárquicas e de poder. Corpos que são, afinal, sujeitos. E, ainda, são esses os corpos que vão, por meio da performance, reproduzir esse mesmo sistema.

Resumidamente, a ideologia do gênero (De Lauretis, 1987) materializa os sujeitos que são cruciais para seu próprio funcionamento e perpetuação. Não estamos falando, aqui, de estruturas estanques que sobredeterminam os indivíduos. Estamos falando de um movimento simbiótico em que as forças jurídicas, médicas, científicas, religiosas, familiares etc. que regulam o gênero e a sexualidade são – e precisam estar – em constante reprodução por meio da repetição constante de seus termos pelos sujeitos corporificados/corpos assujeitados que eles produzem. Butler, ecoando Foucault, diz: “em virtude de a elas estarem condicionados, os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas” (Butler, 2016, p. 15).

No entanto, esse mecanismo, justamente por depender de uma constante reprodução que precisa estar sempre atualizada, não é completamente infalível. Todo sistema, ao se estabelecer, cria seu exterior, seu desvio, e o mesmo ocorre com o sistema sexo-gênero. O binarismo normativo do gênero condena como perversão, anomalia, fetiche, aberração qualquer expressão (ou performance) de gênero e sexualidade que não se enquadre no molde tradicional da regulamentação dos corpos (Preciado, 2018, p. 76). É desse lugar – o exterior à lei sexual, suas margens – que surge o *queer* (traduzido original e literalmente como “estranho”), que aparece socialmente como doente, exótico, predador, monstro, ou até mesmo o sedutor hipersexual (Preciado, 2018). Essa narrativa

que se impõe sobre o corpo queer é inevitável dentro de um sistema que regula excessivamente os corpos, e estabelece seus parâmetros de acordo com um discurso de pureza, heterossexualidade e dualismos mutuamente exclusivos.

A violência é inerente ao funcionamento do gênero tal como ele é na sociedade ocidental (Butler, 2019, p. 32; Butler, 2024). Por um lado, de maneira a manter as hierarquias essencializadas, surge a naturalização das diferenças por meio do discurso do sexo e a “predestinação” de gênero que dele decorre – determinados corpos, ao nascer ou até mesmo antes disso, vão ser colocados em diferentes lugares sociais que vão estar em posições de poder desiguais (“mulher” embaixo e “homem” em cima) (Butler, 2016). Por outro, aqueles corpos que escapam dos papéis de gênero e sexualidade que lhe são impostos pela “ideologia” do gênero (De Lauretis, 1987) são ostracizados, excluídos da categoria de sujeito (já que o processo de assujeitamento ocidental está pautado na “generificação” binária [De Lauretis, 1987]). Isso não quer dizer, entretanto, que os corpos desviantes não passam pelo processo de materialização da cultura – como dissemos, todo sistema precisa criar seu exterior, e o exterior do sistema sexo-gênero é o queer. Preciado (2014, p. 29) o chama de “as falhas da estrutura do texto”. Essa é sua materialização. É essencial, para esse “texto”, que o queer enquanto não-sujeito exista, porque é por meio da negação de sua humanidade e condenação de sua vida que o normativo se afirma como humano e vivo: “grande parte do mundo heterossexual sempre precisou das pessoas queers” (Butler, 2019, p. 368).

*Breve parênteses:* É importante frisar, contudo, que nenhuma dessas operações são isoladas. O corpo não é somente materializado por meio do gênero – a matéria enquanto processo inclui também os discursos de raça, classe, deficiência, e outros significantes distintivos que situam os sujeitos em posições hierárquicas. Esses significantes não aparecem separados uns dos outros e atravessam os sujeitos de maneiras diversas e locais.

Preciado entra, nesse momento, com a ideia de que essa posição na qual o corpo queer se encontra é a posição apropriada para a sabotagem do heterossexismo. Por ser sua exclusão e negação, o corpo queer e sua *práxis* seria uma das peças-chave para “a desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero” (Preciado, 2014, p. 22). Preciado projeta, a partir de práticas subversivas de sexo e performance de gênero, toda uma nova maneira de organizar a sexualidade e a identidade, que ele denomina de *sociedade contrassexual*. Central a esse pensamento está o conceito de tecnologia – as práticas sexuais e de gênero não devem ser concebidas como essências

fixas (Preciado, 2014, p. 24), mas como dispositivos de delimitação do corpo que o inscreve em diferentes zonas de expressão e prazer. A alternativa contrassexual proposta pelo filósofo pretende não uma abolição utópica dos significantes de gênero, mas a abertura radical dos seus sentidos, de maneira que eles se tornem fluidos e desprendidos de determinismos biológicos e hierárquicos: “os códigos da masculinidade e da feminilidade se transformam em registros abertos à disposição dos corpos falantes no âmbito de contratos consensuais temporários” (Preciado, 2014, p. 35).

Subscrita a essa ideia está a desconstrução das dicotomias essencialistas de natureza e cultura, corpo e mente, sexo e gênero. Entender a multidimensionalidade do corpo e sua condição social-discursiva é o primeiro passo para que ele se torne um campo de criação de novos e radicais significados de performatividade, identidade, sexualidade e até mesmo de linguagem e biologia. Preciado (2014; 2018) demonstra esses potenciais de novos corpos não só com as práticas contrassexuais projetadas em seu manifesto, mas também com suas próprias experimentações com testosterona, exploradas em *Testo Junkie* (2018) e denominadas como “autocobaia” (Preciado, 2018, p. 366) ou *queer-análise*. Por ser uma comunidade formada pelos “furos” do sistema sexo-gênero e por sua marginalidade, a comunidade queer mostra, por meio de suas práticas sexuais e corporais, os calcanhares de Aquiles desse mesmo sistema, e apresenta alternativas para sua rigidez e desigualdade de poder:

Homem e mulher, masculino e feminino, e também homossexual e heterossexual parecem ser códigos e localizações identitárias insuficientes para descrever a produção contemporânea de corpos queer, trans e crip. Muito além da resignificação ou da resistência à normatização, as políticas performativas se transformarão em um campo de experimentação, um lugar de produção de novas subjetividades e, portanto, uma verdadeira alternativa às formas tradicionais de fazer política (Preciado, 2019, p. 387).

Para finalizar, precisamos ressaltar que considerar o corpo como materializado pelo discursivo, nesse caso pelo gênero, não é negar o biológico. Estamos aqui jogando luz a apenas uma das relações na qual o ser social está inserido, dando especial atenção ao fato de que o corpo só se torna matéria social de um sujeito na medida em que está atravessado pela cultura. No entanto, é necessário retomar que, como vimos na seção sobre multinaturalismo, natureza e cultura são dispositivos imaginários e que, na realidade, não existem separados:

Forças biológicas e sociais estão juntas interagindo na vida incorporada. O desenvolvimento, ou formação, do organismo presume que o biológico requer

o social para ser ativado, e o social requer o biológico para produzir seus efeitos. Um não consegue agir como poder formativo sem o outro (Butler, 2024, p. 163, tradução nossa)<sup>7</sup>.

O que Butler está falando aqui nos lembra de que o “biológico” não é “natureza”, da mesma maneira que o “social” não é “cultura”. Ambos são interdependentes e mutuamente constitutivos entre si, fluindo um no outro sem linha clara de onde um acaba e outro começa. Separar o campo do social, tal como o fizemos, é um jeito de isolar determinadas forças para que seus efeitos específicos sejam mais bem compreendidos. Preciado corrobora ao afirmar: “[o gênero] é puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria” (Preciado, 2014, p. 29). De fato, vemos como correto afirmar que o gênero materializa o corpo, mas seria igualmente correto dizer que o corpo materializa o gênero. A materialidade e, nesse caso, o gênero, deve ser vista como *processo* (Barad, 2007), um complexo de forças de diferentes ordens em interação. Diante de tal embate de processos passamos a tecer reflexões sobre as corporeidades e a transição de gênero, efetuando uma análise antropológica escalar, conectando eventos e acontecimentos que interligam as afetações do ser com o lugar e como essas afetações são experienciadas e vivências.

---

<sup>7</sup> Biological and social forces are together interacting in embodied life. The development, or formation, of the organism presumes that the biological requires the social to be activated, and the social requires the biological to produce its effects. The one cannot act as a formative power without the other (Butler, 2024, p. 163)

#### 4. TRANSIÇÃO E DESTANSIÇÃO: PELA FÉ

A transição e destransição de gênero nos aparece como problemas de pesquisa multifacetados e plurais. Por mais que não se pretenda esgotá-los, busca-se abordá-los por meio de sua continuidade, fluidez e complexidade para que seus efeitos materiais e imateriais sobre os sujeitos, grupos e instituições sejam compreendidos. A intenção deste capítulo é visualizar, de maneira não exaustiva, a transição e destransição enquanto processos que afetam diretamente a subjetividade daqueles cuja vivência é marcada pela problemática do gênero. Assim, é um texto inacabado, que pretende abrir mais portas do que pretende fechá-las.

A discussão acerca da categoria “travestis s” e “transexuais” são complexas e sofrem transformações ao longo dos séculos, da antiguidade até o hodierno. Veras (2013) aponta que os primeiros estudos da temática estão ligados a figura do hermafrodito associada a ideia de androginia, onde o masculino e o feminino estariam juntos no mesmo corpo. As corporeidades hermafroditas/andrógenos passam a construir um imaginário na Cultura Ocidental, que é amplamente explorado de modo a criar erotismo e sexualização desses sujeitos.

A utilização do termo “travestis ” e “travestis smo” com conotação sexual e clínica, foi utilizada pela primeira vez em 1910 pelo psicólogo alemão Magnus Hirschfeld, segundo Veras (2013). Estudos sobre o desejo de vestir roupas associado ao sexo “opostos” e não ligado diretamente a orientação sexual foram efetuados e termos como: transexualismo psíquico ou transexualismo da alma foram cunhados. Somente em 1923 a nomenclatura “transexualismo” foi utilizada por Hirschfeld (1910).

Vale ressaltar que o aflorar da transexualidade está diretamente conectado às mudanças de estrutura social, passando da Sociedade Disciplinar Foucaultiana para a Sociedade do Controle Deleuziana. Segundo Veras (2013) a mudança social ocorre no cerne da fragmentação da estrutura social vigente, os comportamentos “desviantes” não são mais isolados e reprimidos, ocorre a “inclusão” social. Esse processo cronologicamente está inserido no início do século XIX com o desenvolvimento de tecnologias hormonais, cirurgias e próteses que corroboram com a criação de um “novo padrão”.

Diante dessa trama complexa, inicialmente iremos efetuar uma análise antropológica escalar, visando compreender o contexto da domesticação e alienação dos corpos, passando pela instauração do binarismo de gênero e sexualização, que

corroboram com a criação de um estilo de vida pautado na arquitetura da “*Playboy*”, reestruturando o fetichismo do mercado pornográfico nos Estados Unidos. De modo que conectamos o processo ligado à sexualidade e gênero no Brasil, passando pelo mito da igualdade racial e de gênero, o país “amigo” da comunidade LGBTQIAPN+ e das minorias. E por fim, efetuamos reflexões no contexto de repressão e dominação de corpos trans que são submetidos a destruição em contexto religioso.

As grafias deste texto vão ao encontro da temática de gênero e sexualidade com aporte a realidade que estrutura as arestas histórico-sociais, essas ao serem espalhadas impõe “padrões e normas” que devem ser seguidas à risca. Mas quanto aqueles que não se enquadram no padrão de binarismo de gênero? Somos carrascos que julgam e ignoram as corporeidades e expressões vivenciadas por essas pessoas? Como essas subjetividades são ameaçadas e apagadas na contemporaneidade?

Esses questionamentos nos guiam na fomentação de reflexões ligadas à teoria *Queer* em escala nacional, entretanto inicialmente efetuamos uma retomada visando evidenciar o processo de sexualização e fetichização de corpos, associada a *Arquitetura da Playboy* ao romper o padrão e papéis de gêneros estabelecidos socialmente, passando pelo contexto da Segunda Guerra Mundial e a perseguição da comunidade gay e lésbica fomentada pelo Exército Estadunidense e o contexto da primeira cirurgia de transição de gênero realizada nos Estados Unidos, que foi amplamente midiaticizada e acompanhada de perto pela sociedade civil e os veículos de comunicação.

#### **4.1 Uma primeira aproximação: O fetichismo da pornotopia nos EUA**

A *playboy* tornar-se um meio de comunicação criando a mítica do *way of life do solteiro/recém separado Americano*, que se instala por meio de um discurso de “liberdade sexual”, “domesticidade espacial” e/ou “cobertura do solteiro”<sup>8</sup>, desde sua criação em 1953 até seu declínio após 2006, a *Playboy* se torna um símbolo de exploração e sexualização, ao promover uma reestruturação do discurso de gênero, pornografia, domesticidade e dualidade entre espaço público e privado, no contexto da Guerra Fria nos

---

<sup>8</sup> O *way of life do solteiro Americano* é vendido como a utopia da liberdade masculina. Neste contexto, o homem não necessita de uma esposa, de filhos, de uma casa grandiosa, com um quintal e cachorro. A masculinidade emerge em um apartamento/estúdio, pequeno, fruto do seu labor diário, e pronto para abrigar apenas um homem bem sucedido e disperso de amarras sociais. A esposa troféu é substituída por máquinas que otimizam o preparo de comidas e não reclamam sobre o tempo gasto em bares, o fetiche e a pacificação dos corpos “femininos” estão logo ali guardados na gaveta de cabeceira, em uma fotografia que revela e sexualiza ao criar a pornotopia.

Estados Unidos. Assim a “Playboy era muito mais que papel e garotas nuas. Nas décadas de 1950 e 1960, a revista consegue criar um conjunto de espaços que, por meio de uma difusão midiática irrefreável, chegaram a encarar uma nova utopia erótica popular” (Preciado, 2020, p. 13).

Cria-se o que Preciado (2020) denomina de “Disneylândia para adultos” o erotismo multimídia, que irrompem as folhas e as fotografias de uma revista fomentando um habitat funcional, que passa a transformar corpos impondo um novo ritmo de apreciação, *tópos* erótico alternativo a casa de família tradicional Estadunidense. Cria-se a “Arquitetura Playboy” uma batalha de estilos e moralidade, cujo principal sintoma é a “superficialidade”, “escapismo”, “indecisão” e “questionamentos à tradição e moralidade”.

Ao falar da ‘arquitetura playboy’ podemos intuir que a cadeia semântica que lhe permite estabelecer uma comparação entre estilo de vida playboy (superficial e escapista) e a arquitetura estadunidense do pós-guerra depende em parte desta significação elíptica: sexo, ou talvez, melhor, pornografia, representação pública da sexualidade. Nessa História traçada por Gideon, a palavra ‘playboy’ excede a referência literal à publicação em papel para indicar uma mutação da cultura estadunidense propiciada por um conjunto de práticas de consumo visual. A Playboy havia suposto não só a transformação do pornô em cultura popular de massa, mas também, como um ataque frontal as relações tradicionais entre gênero, sexo e arquitetura (Preciado, 2020, p.18).

O novo regime de vivências e experiências promovem uma revolução óptica que se ampara na política e sexualidade. Passando a reestruturar e fragmentar as formas de ver e habitar o espaço, associados ao prazer e o questionamento da ordem estática heteronormativa, que dominava o contexto da Guerra Fria. A masculinidade e a virilidade permeavam a figura viril do homem, com tons helênicos da masculinidade moderna, a Playboy tem a tarefa de decifrar os segredos e revelar os prazeres carnavais ocultos que afetam essa figura heroica, criando uma forma de “escapismo”, levantando questionamentos como: Qual era o corpo? De quem era o corpo? Como esse desejo carnal pode ser liberado? Como manter e criar uma conexão viril com esses homens por meio das páginas de uma revista?

Os códigos de representação social são fragmentados pela Arquitetura da Playboy que passa a fomentar um cenário de liberdade, iniciada na década de 1950, onde os papéis e divisões de gênero eram rígidos e perpassa por todas as instâncias sociais, desde o profissional, pessoal, cultural e doméstico. Tal processo de mudança sócio-cultural Estadunidense inicia-se na Guerra Fria, segundo Preciado (2020) com a primeira edição da *Playboy*, que surgiu nas bancas em 1953, vendendo 50 mil exemplares. A revista ia

contra *as leis de antiobscenity*, que restringia a produção e distribuição de conteúdo sexuais pela imprensa.

Entretanto a legislação era flutuante de acordo com os interesses do Estado, por exemplo fotografias de nus foram produzidas e distribuídas durante a Primeira Guerra Mundial pelo Exército como “material de apoio às tropas”, de modo contraditório a instituição que apoia e financia a circulação gráfica de conteúdo sexual é a mesma que proíbe a distribuição desses “em tempo de paz”, de modo a proteger a família heterossexual “o que parecia ser um sistema de comunicação descentralizado e democrático era na realidade, um aparato de censura e vigilância” (Preciado, 2020, p. 24). Pornograficamente a modernidade é instaurado na sociedade, como um dosador homeopático do desejo e libido heterossexual, alimentado pela Playboy ao emanar fetichismo criando um juízo de valor estético e moral que suscitam das novas práticas de consumo de imagem e técnicas de afetação de corpos.

Nesse contexto a pornografia moderna foi inventada, Preciado (2020, p. 25):

[...] não pelo uso de uma fotografia de um nu humano - algo recorrente nas publicações ilegais de uma revista *Nudies* da época -, mas pelo emprego de uma diagramação e da cor e pela transformação da imagem em página dupla central, que fazia da revista uma técnica portátil de “apoio estratégico” - para usar a expressão do Exército Estadunidense - para a masturbação masculina. [...] a ampliação da imagem em página dupla podia ser considerada tão pornográfica quanto o próprio nu. Aqui, a noção de pornografia não pretende emitir um juízo moral ou estético, mas simplesmente identificar novas práticas de consumo de imagens suscitadas por novas técnicas de produção e distribuição de subjetividade.

Na década de 1950 poucos homens tinham acesso a fotografias coloridas de mulheres nuas, esse contexto modifica o processo de consumo e produção de imagens. A Playboy e seu segmento estético visual podia ser facilmente camuflado nas bancas de jornais em contexto urbano, a revista passa a se infiltrar no contexto público e privado. Nesse quadro de fetichismo e aumento de sexualização, imprimia-se no imaginário do consumidor da revista a estética da “Girl Next Door”, o espaço onde podia-se libertar os quereres e o coelho *Playboy* cria um espectro de desejo para a mulher que se encontra na porta ao lado. Essa é jovem, solteira, têm aptidões e predisposições sexuais totalmente divergente da “esposa recatada”, mais uma vez a Playboy reverte as esferas do público e privado criando uma aura de reestruturação da vida e fetichismos sexuais, “a mulher de casa” e a “mulher de fora”.

Em contrapartida ao processo de reestruturação sexual e movimento de subjetividade, a masculinização heteronormativa promovida pela Playboy ataca a vida

cotidiana do Estadunidense em contexto de Guerra Fria. Quando a revista defendia a ocupação do homem no espaço doméstico, o processo estava ligado à erotização e “liberdade do ser solteiro”. Entretanto, as esferas espaciais de “lugar da mulher” e “lugar do homem” eram rigidamente definidas, criando conflitos entre a masculinidade e o lócus social. Em específico durante a Segunda Guerra Mundial as esferas de “masculinidade” e “feminilidade” entram em colisão devido o contexto de ratificação e reordenação de gênero, concomitante a esse processo as famílias são afetadas pelo alistamento e convocação compulsória dos homens para o exército, e as mulheres que estavam integradas a força de trabalho, para além da vida doméstica, passam pela implosão da estrutura social conhecida pelas afetações da Segunda Guerra.

Em meados da década de 1940 o Exército Estadunidense promove um violento processo de estigmatização da homossexualidade, visando controlar os corpos e repolitizar a dissidência sexual nos EUA. Segundo Preciado (2020), entre 1941 e 1945 aproximadamente 9 mil homens e mulheres foram “diagnosticados como homossexuais” nos Estados Unidos e submetidos a tratamentos “psiquiátricos”. Nesse sentido, a luta dos direitos civis dos homossexuais nos EUA surgiu dentro do Exército, associada à busca por direitos igualitários aos soldados independente da orientação sexual.

Concomitante a esse processo o avanço das técnicas de aplicação, modificação hormonal e cirurgia da morfologia sexual corroboram para a invenção das noções de “gênero”. Preciado (2020) afirma que em 1947 ocorreu o fomento de protocolos para o tratamento de “bebês intersexuais” e a invenção e testagem da pílula anticoncepcional. Em 1953, o soldado estadunidense George W. Jorgensen tornar-se Christine Jorgensen, sendo a primeira mulher transsexual, o seu processo de transição é amplamente acompanhado pelos veículos midiáticos. Tal contexto associada a Guerra e o capitalismo passa a fomentar um corpo, sexo e prazeres que são ligados a moral e a privacidade doméstica do Estadunidense.

No contexto de reestruturação social do tecido espacial Americano, causados pelo evento da 2ª Guerra Mundial uma campanha intitulada “*Fight for America*” é movida pelo senador Joseph McCarthy “operação que denuncia e castiga os comunistas, gays e lésbicas que ocupavam posições institucionais” (Preciado, 2020, p. 35). Criando-se os “inimigos da nação”, assim o país era lançado a um estado de paranoia, perseguindo e espionando seus cidadãos com base no corpo, gênero e sexualidade.

Fica claro a hipocrisia que se instaura nos Estados Unidos que vivencia o contexto da Arquitetura da *Playboy* e concomitantemente persegue e reprime os anseios e desejos

ligados ao gênero, sexualidade e corpo. Sendo esses desejos e anseios amplamente alimentado pelas páginas e fotografias coloridas da *Playboy* que instaura padrões e fetiches. Nesse sentido, vamos de encontro às especializações do lugar, que cria através do embate de poder a Pornotopia. O conceito é associado às heterotopias, espaço utópico, das imaginações e idealizações pautado na impossibilidade de concretude. Michel Foucault (2013) afirma que toda a sociedade cria suas heterotopias, lança aos “*outros lugares*”, fantasias acerca da realização dos desejos, alterando as relações entre forma e função.

A pornotopia para Preciado (2020) passa a estabelecer uma ligação com lugar, de modo específico, como exemplo de pornotopia pode-se citar a *Mansão Playboy* que funcionava como um complexo midiático da sexualização, ao explorar as subjetivações dos sujeitos que afloram dos imaginários, associado a impossibilidade ou necessidade de concretude de fetiches e sexualização de corpos e gênero, tendo em vista o discurso proferido que aquele lugar era para poucos, criando-se assim uma mítica de exclusividade de acesso. Logo o desejo de participar desse seletivo grupo era fomentado nas psiques dos sujeitos que observavam de fora as sessões de fotos, as festas, as Coelhinhos da Playboy e todo o fetichismo criado por aquele lugar.

A pornotopia nasce da capacidade de interligação entre espaço/lugar, sexualidade, prazer e tecnologia que se associam para a manutenção ou exploração<sup>9</sup> das convenções sexuais e/ou gênero, que são produzidas pela subjetividade carnal que interconecta-se com o recorte do espaço/tempo. Nesse sentido, a pornotopia se interliga a fetichização dos corpos, criando um elo de teatralidade fiada nas arestas da espetacularização corporais, vinculada a economia, sexualidade e dominação, que culminam a remeter a Sociedade Disciplinar Foucaultiana.

Portanto, a pornotopia se vincula a uma materialidade (espaço/lugar) físico que cria uma áurea de sexualização, aumentando a tensão interconectando ao prazer, e as possibilidades fetichistas que são massificadas pela técnica<sup>10</sup> (tecnologia). Esse processo complexo corrobora com a manutenção ou redescoberta da sexualidade e gênero, por meio das subjetivações sexuais que usualmente são reprimidas pelo contexto social, e a

---

<sup>9</sup> Termo utilizado ligado a genealogia da palavra advinda do latim *onis*, que é diretamente associada ao processo de espionagem, exame ou observação. Logo a exploração se liga a descoberta por meio da ‘práxis’ visual.

<sup>10</sup> Conceito desenvolvido por Santos (2018), onde essa é o tempo empiricizado em um recorte do espaço/tempo, essa é um conjunto de meios instrumentais e sociais com que o homem realiza a sua vida e re-cria o lugar.

pornotopia é uma forma para “derrubar” as estigmas e paradigmas sociais da “família tradicional”. Seguindo tal processo, para Preciado (2020) existem seis tipologias de pornotopias que são evidenciadas na tabela 02.

**Tabela 02:** Tipologias de Pornotopia

<b>Pornotopias – Tipologias e Sexualidade</b>	
<b>Tipologia de Pornotopia</b>	<b>Descrição</b>
Proliferação	Essa tipologia se conecta com o território e as normas específicas que são criadas naquele recorte, a exemplo os clubes de strip de Las Vegas que estruturam um ambiente “normado” associado às relações de poder que impõe uma dinâmica singular as corporeidades, gerando embates e conflitos do/no recorte territorial, mais propício o prazer corporal que segue determinadas normas do território;
Localizadas	Tipologia associada ao recorte espacial, por exemplo: cabines pornô, casas de swing e sadomasoquismo. O processo age sobre os sujeitos e passa a determinar seus comportamentos e corporeidade de acordo com a localização onde estão inseridos;
Restrição	A tipologia emerge do contexto de privação e restrição dos corpos por meio de regras e normas, a exemplo da prisão, do colégio e de hospitais que criam reservas de energia libidinal;
Transição	Esta emerge como um momento de transição, liga aos rituais cotidianos, como o quarto da noite de núpcias que vai “consumar” o elo de ligação entre os sujeitos que estão se unindo;
Subalternas	Ligada ao processo de consolidação e dissidência de uma minoria que consegue atravessar a normativa consolidada e se fazer visível para a população como um todo, a exemplo, os bairros Gays de Nova York;
Resistência	

	Essa tipologia é associada ao espaço público cidadão, que ligado as subjetivações sexuais passam a cartografar e grifar um espaço como manifestação de orgulho, associado a comunidade gay, lésbicas e transgêneros.
--	--

Adaptação: Preciado (2020)

Como observado na tabela 02, as seis (06) tipologias de pornotopia (Proliferação Localizadas, Restrição, Transição, Subalternas e Resistência) estão relacionadas à corporeidade e as manifestações da sexualidade na topografia cidadina, sendo a urbes o lugar que codifica e decodifica as alteridades e rituais de prazeres carnavais do ser. Vale ressaltar, que segundo Preciado (2020) as pornotopias não se destroem ou se anulam, essas são como bolhas espaço-temporais que criam recortes de poder ativando e/ou remodelando metáforas, relações econômicas, significados, sexualidades e corporeidades que vão adaptando-se aos contextos de pornotopias.

Desse modo, as problemáticas evidenciadas nos Estados Unidos apresentam conexão com os poderes geopolíticos nodais, perpassando reflexões sobre as visões e interpretações biomédicas, o tratamento patológico dos LGBTQIAPN+ e as criações de subjetividades que influenciam diretamente a Arquitetura da Playboy ao fetichizar corporeidades correlacionadas a indústria pornografia, ao romper os modelos tradicionalistas de reprodução Cultural Estadunidense. Essas retomadas se fazem necessárias para compreendermos o contexto de instalação do processo de transição de Gênero no Brasil, perpassando pela interseccionalidade entre gênero, classe e raça.

#### **4.2 O Brasil – Transição de Gênero e interseccionalidade**

No Brasil a problemática de Gênero e as interseccionalidades causam inúmeros conflitos, tendo em vista o contexto de desenvolvimento socioespacial do país. A discussão de gênero, deve transcender a estruturação biológica não está ligada a genitália ou características fenotípicas. O gênero segundo Berenice (2017, p. 109) está associado à performance, práticas e reconhecimento social “Não existe gênero em uma estrutura corpórea, existe na prática. Nós fazemos gênero no dia a dia”.

Nesse sentido, o corpo é entendido como elo de ligação do ser com seu espaço, modo de conexão e criação de alteridades, estando intrinsecamente ligado aos dispositivos de biopoder, “o corpo é a casa da memória” (Santos, 2018, p. 22) que

conveniente-mente e oculta determinadas camadas espaço/temporal, assim segundo Berenice (2017):

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos órgãos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (Berenice, 2017, p. 13).

Nesse quadro “ideal” corporal a transexualidade passa a ser vista como uma “transgressão” aos padrões heteronormativos, corpos que estão na liminaridade, o “entre”. O gênero na perspectiva de Berenice (2017) é uma máquina binária de produção de subjetividades e dismorfias que taxam e classificam os humanos, e essa máquina centrífuga aquelas que não cabem nos seus moldes, os deixando as margens e moldando seus corpos, desejos e experiências.

Vale ressaltar a potência da análise interseccional, pois, o Gênero e a Sexualidade são as categorias de análise norteadoras desta pesquisa, entretanto buscamos analisá-las não de modo independentes, tendo em vista que tal processo é permeado e catalisado pelo contexto econômico, racial e religioso. Portanto, partimos de uma perspectiva de indissociabilidade e complementaridade de *Gênero, Sexualidade, Raça, Classe, Religiosidade* e outros temas catalisadores de problemáticas que complexificam, pois segundo Berenice (2017, p. 27)

A humanidade e o ser humano não são autoevidentes. Quando se mata um travestis, a motivação do crime está na negação daquele corpo em coabitar o mundo humano, que é dividido em homens-pênis e mulheres-vaginas. E seria a heterossexualidade natural dos corpos que daria sentido ao dimorfismo sexual através do discurso de complementaridade. Tensionar a compreensão do que seria direitos humanos é pôr em evidência uma guerra que é travada todos os dias por seres que estão fora da festa celebratória da humanidade. A humanidade não está pronta. É um Projeto racionalizado, generificado, sexualizado.

Tecemos assim reflexões sobre essas pessoas e suas subjetividades, que estão “a margem” sobrevivendo ao mito da democracia sexual e de gênero no Brasil que afeta e escarifica a vida cotidiana da comunidade LGBTQIAPN+, em específico as pessoas trans, adentrarmos na temática da violência sistêmica a qual esses sujeitos são submetidos.

Sobre o mito da pacificidade da sociedade brasileira, como primeiro ponto é necessário observar a criação de estereótipos que classificam e padronizam toda a realidade nacional. Nesse sentido, a ideia de que existe somente um contexto nacional é

criado, negando às multiplicidades e intersubjetividades que ocorrem no espaço, assim é inventado um lugar a qual nomeamos como “Nação Brasileira”. Essa boa nação é ordeira, sem conflitos, feliz, sexualizada, sem racismo e discriminação da comunidade LGBTQIAPN+. Um povo ordeiro e pacífico que é naturalmente alegre.

Berenice (2017) aponta como efeito prático desse discurso de unicidade da “Nação Brasileira”, no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando o mundo passava por conflitos ligados à ideia de “Raça Superior”, “limpeza racial” e “eugenismo” o Brasil era visto como exemplo de “democracia racial”. Bastava olhar para a diversidade de “raças” que estampam nossa epiderme, a miscigenação e pluralidade de tons de pele, cabelos, narizes... o fenotípico do brasileiro “único”. Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU) contrata uma equipe de pesquisa para aferir essa “Nação Brasileira”, e como resultado é constatado que o Brasil é um país que não existe democracia racial, negros são precariamente incluídos<sup>11</sup> no mercado de trabalho, direitos a cidade, saúde e educação são negados, e a elite brasileira é apontada como responsável pela construção de tal mítica.

O processo evidenciado é brutal no tocante a comunidade LGBTQIAPN+, que cotidianamente convivem com a máxima de um discurso de cordialidade, como por exemplo a fomentação do Pinkwashing, em específico podemos citar o mês da visibilidade LGBTQIAPN+, em junho. Entretanto, as sutilezas desse discurso também advêm da institucionalização de pré-conceitos e George Agamben, evidencia essa problemática, onde o Estado deveria ser o fomentador de direitos culmina por “sacrificar” e institucionalizar essa prática contra sua população.

Agamben (2002, p. 122) utiliza-se do termo Homo Sacer, sendo “o Sacer se consubstancia de um indivíduo que é impuro e que por este motivo não é nada além de uma vida nua, vida fisiológica”. O concatenado ao Homo Sacer não é sua divindade sacra, mas a violência que é submetido, vinda da exclusão e privação exposto em sua cotidianidade, vivendo uma vida nua semelhante à uma estátua viva, desenvolvendo uma relação simbiótica com a morte. Segundo Agamben (2002) esses sujeitos são “pertencentes” ao mundo dos mortos, e é lhes permitido levar apenas uma vida nua.

---

<sup>11</sup> Jose de Souza Martins (1997) cunha a terminologia precariamente incluídos, tendo em vista que os sujeitos não são totalmente excluídos do processo de habitar e viver a cidade. Entretanto, esses se encontram a margem, como exercito de reserva sistêmica com pouquíssimos ou nenhum direitos assegurados pelos Poderes estatais.

No Brasil a comunidade LGBTQIAPN+ é submetida a essa vida nua, às margens da sociedade, tendo suas corporeidades e subjetividades exploradas, sem a possibilidade de desfrutar e gozar direitos. Em específico as pessoas trans e seus corporeidades não são atribuídos puramente o registro de marcadores biológicos, mas condições que advêm da alteridade, cultura, desejos, medos e afetos sociais, segundo Berenice (2017).

O contexto que afeta as pessoas transgênero e a comunidade LGBTQIAPN+ como um todo, está ligado a um plano político nacional de desconexão e precária inclusão desses sujeitos, os lançando em “vidas nuas” com sentimento interiorizados de segregação e subalternização em relação ao “outro”. Dispositivos de dominação social que agem pelo medo e vergonha que tornar-se autorreferenciado sendo alimentado pelas próprias vítimas, enquanto os algozes seguem livres e sem amarras, nesse sentido segundo Berenice (2017, p. 57):

O sujeito *queer*, no Brasil, não se restringe exclusivamente aos LGBTT. São os que não conseguem se inserir completamente na categoria humanidade, tampouco usufruem da condição de cidadania plena estabelecida na lei. Nos marcos das contradições que marcam o meu país, diria que sofremos de um racismo cordial e de uma LGBTTfobia cordial, na medida que não há uma segregação legal e o “outros”, os *queer* que constituem a nossa nação (a população negra e os LGBTT) têm o mesmo estatuto legal que os não *queer*.

A noção de cordialidade ocorre devido a um aparato legal-jurídico que garante a todos “direitos iguais”. Entretanto na prática sabemos que a realidade é fugaz e complexa e essa anedota de um país democrático e igualitário, encontra no indivíduo a explicação e responsabilidade pelas precárias inclusões do sujeito no sistema social. Logo, o sujeito é responsável pela sua própria atribulação. Diante dessa problemática, pode-se citar os altos índices de o transfeminicídio, terminologia criada pela socióloga Berenice Bento, referida ao assassinato de mulheres trans e travestis s. As pessoas trans apresentam corporeidades e subjetividades que demarcam e transpassam o discurso hegemônico binário, principalmente associada a suas genitálias “os corpos trans seriam a própria materialidade da impossibilidade de assimilação” (Berenice, 2017, p. 60). Segundo a ONG Internacional Transgender Europe, o Brasil é o país onde há os maiores índices de assassinatos de transexuais e travestis s:

Entre janeiro de 2008 e abril de 2013, foram 486 mortes, quatro vezes a mais que no México, segundo país com mais casos registrados. Em 2013 foram 121 casos de travestis e transexuais assassinados em todo o Brasil. Mas estes dados estão subestimados. Todos os dias, via redes sociais, nos chegam notícias de jovens transexuais e travestis que são barbaramente torturadas e assassinadas (CLAM, 2024, p.2)

Os dados evidenciados pela CLAM (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos) denotam o transfeminicídio, como uma política intencional de eliminação da população trans no Brasil. Diante de tal contexto de violência sistêmica intencional visando efetuar uma reconstrução genealógica do processo sócio-histórico do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, em específico os transgêneros, trataremos uma pesquisa que sintetiza a temporalidade em quatro momentos que afetaram a estrutura social do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil.

O processo do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, pode ser subdividido em quatro momentos associados ao desenvolvimento e articulação das lutas e pautas de reivindicações da comunidade. No primeiro momento vai até meados de 1980 é caracterizado pela estruturação do movimento, visando associar as diferentes realidades tendo como principal pauta a despatologização da homossexualidade.

Nesse momento o movimento apresentava uma “hegemonia” gay, com conflitos internos das “bichas vs “bofe”. Os gays com corporeidades e padrões femininos e/ou performáticos eram estigmatizados como inferiores por desviar da masculinidade e ligados ao “enfraquecimento do movimento” pela conduta divergente que não concatenava com a “imagem de respeito social”, ao qual o movimento desejava alcançar. A nomenclatura “bicha” era amplamente vinculada aos travestis s, segundo Cunha 2023.

No Brasil até a década de 1960 as travestis s<sup>12</sup> eram percebidas como “uma gay muito afeminada”, nesse primeiro momento não havia uma comunidade trans, as identidades eram todas assimiladas a homossexualidade, o que corroboravam com a invisibilidade e negação do fenômeno trans, já que esse era massivamente interpretado como homossexualidade.

O segundo momento vai de 1980 a 1990, sendo marcado pela disseminação do HIV, o que levou a uma reestruturação do movimento, marcado por dois pólos de articulação entre movimentos sociais e Estado que dialogavam, visando criar um modo de combater o espriamento da HIV que afetava gays e travestis s. O segundo pólo era ligado à pauta de direitos civis como saúde, casamento e etc, segundo Cunha (2023).

Vale ressaltar que nesse momento a divisão entre os gays masculinos e as travestis era vigente, e a perspectiva do “movimento gay bofe” passou a ser a norteadora para a

---

<sup>12</sup> As travestis são uma comunidade autodeclarada. Essas assumem fenotipicamente aspectos da feminilidade, sem reivindicar a categoria de “mulher”, identificando-se por meio de aspectos culturais como roupas, linguagem, maquiagem a construção da autoimagem e do ser travestis .

implementação das políticas públicas contra o HIV. Coube assim a reorganização das travestis para que essas fossem escutadas e suas pautas fossem levadas em consideração na criação de estratégias.

A terceira onda se inicia na década de 1990 até o final dos anos 2000, nesse contexto ocorre a implosão de pluralidade dentro do movimento, e a categoria transexual é criada e inserida no movimento. Nesse período, o que está em voga é a ampliação e busca por direitos para as pessoas LGBTQIAPN+, segundo Cunha (2023, p. 144):

Em 1990, o Brasil se torna o primeiro país da América Latina a aprovar políticas públicas concretas e dirigidas à conscientização, prevenção e combate ao HIV. Nesse período nota-se uma explosão do associacionismo, havendo a criação e formalização de diversas organizações e associações comprometidas com as causas LGBT

Nesse contexto, a vinculação de trans-identidade a um marco biomédico, garante e assegura o reconhecimento relativo a direitos e acesso público às modificações corporais. Logo, ocorrem profundas mudanças no tocante a organização interna da comunidade.

Por fim, o quarto momento cronologicamente vai de 2000 a atualidade, nesse período vivemos a maximização da consolidação da pluralidade dentro do movimento se transmutando em LGBTQIAPN+ abarcando o grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan, Não-binárias e mais. Vale ressaltar que a busca por direito para a comunidade é longa, e nós podemos citar a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 como o marco inicial.

Como primeiro ponto das conquistas de direitos da comunidade LGBTQIAP+ , citamos a ADPF nº 132 e ADI nº 4.277: união estável homoafetiva a qual o Supremo Tribunal Federal atribuiu a possibilidade de casamento entre pessoas do mesmo sexo. O segundo ponto foi a descriminalização da homossexualidade em instancia Militar, garantido direito à liberdade sexual dos sujeitos. O terceiro ponto emerge da equiparação de regimes de sucessão de bens entre companheiros em união estável homoafetiva. O quarto item diz respeito à alteração do nome de pessoas transexuais no registro civil sem a necessidade de intervenções cirúrgicas, o nome social é garantido a utilização em Esfera Federal pelo Decreto nº 8.727/2016.

O quinto item diz respeito à criminalização da homofobia pelo decreto da Lei nº 7.716/1989. E Por fim, o sexto item trata da ADPF nº 457, julgado pelo Supremo Tribunal Federal corroborando com ensino e divulgação de material escolar sobre gênero e orientação sexual, visando romper o discurso de “ideologia de gênero”. O último tópico

diz respeito à inconstitucionalidade do art. 64, IV, da Portaria nº 158/2016 do Ministério da Saúde, vedando a doação de sangue por pessoas homossexuais.

No contexto, de realização das cirurgias de resignação de Gênero, as primeiras cirurgias representavam um momento de avanço na técnica, por exemplo, os procedimentos realizados foram desenvolvidos para casos de hermafroditismo, segundo Galli et al. (2013). Fica claro que até meados da década de 1960 “o conceito de gênero vinha sendo aplicado ao hermafroditismo” (Bento, 2006, p.42)

Os procedimentos até então efetuados eram extremamente invasivos e tinham como técnica a retirada da genitália masculina, e posteriormente a construção da genitália feminina (neovagina), por meio de enxertos retirados das coxas e nadelas, o que culminava por comprometer a sensibilidade do órgão, segundo Galli et al. (2013).

Foi somente em 1956 que Fogh-Anderson utilizou a pele do pênis para criar a neovagina. Contudo, tal técnica consistia em apenas destacar a pele do pênis, conservando seu formato tubular. Somente alguns anos mais tarde outros médicos, como Harold Gillies e o ginecologista francês Georges Burou, em Casablanca, desenvolveram a técnica que até os dias de hoje é utilizada como base para a realização desse tipo de cirurgia. A técnica criada por Burou foi nomeada de “inversão peniana” e consistia na utilização do material retirado do pênis de maneira invertida para a construção da neovagina (Galli et al, 2013 p. 448)

No Brasil a primeira cirurgia de resignação de gênero foi efetuada em 1971, pelo cirurgião Roberto Faria (Galli et al., 2013). E segundo o código penal vigente a cirurgia foi considerada mutiladora o que culminou em o médico perdeu o direito de exercer a medicina. Segundo Butler (2003), esse quadro somente mudou com a abertura da temática para toda a sociedade civil, que passou a discutir sobre gênero não mais como uma patologia, mas como uma expressão do ser com o mundo que necessita de apoio social, uma identidade.

[...]em 2008, houve um avanço na questão legal da cirurgia com a edição de uma portaria do Ministério da Saúde (Portaria nº 1707) e outra da Secretaria de Atenção à Saúde (Portaria nº 457), que instituem, respectivamente, o processo transexualizador no âmbito do SUS e a regulamentação de tal processo (Brasil, 2008). Tais regulamentos incluem acesso universal ao tratamento livre de discriminação, atenção de equipe multidisciplinar e tratamento hormonal e cirúrgico (Galli et al., 2013, p. 448)

O Sistema Único de saúde (SUS) atende as necessidades da comunidade associada com as políticas de prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis desde 2000 (3º momento da genealogia proposta). Segundo Ministério da Saúde (2023) com a edição da portaria GM/MS nº 2.803, de 19 de novembro de 2013, a cobertura do SUS foi ampliada para toda a população, garantindo tratamento ambulatorial e hospitalar,

associado ao cuidado integral das pessoas trans, garantindo acompanhamento clínico, pré e pós-operatório. Atualmente, com a edição da portaria a portaria GM/MS nº 4.700, de 29 de dezembro de 2022, um dos principais critérios para realização da cirurgia pelo SUS é ter 21 anos, ou mais e ter passado por tratamento clínico hormonal por mais de dois anos.

Tal retomada no tocante às garantias de direitos na legislação se faz fundamental, para compreendermos os avanços na promulgação de direitos da comunidade LGBTQIAP. Entretanto, isso não quer dizer que o quadro de precária inclusão e segregação foi modificado, pois a realidade é complexa, o Brasil é um país com dimensões continentais que corrobora com a instalação de processo de desigualdades sociais e não cumprimento da legislação vigente.

Diante de tal pluralidade de conflitos com a comunidade LGBTQIAP+ que ocorrem no território, verticalizaremos a análise no tocante a violência simbólica que ocorre em contexto religioso, buscando evidenciar como o sagrado é utilizado como artifício para “curar” as corporeidades que emergem do ser transgênero.

#### **4.3 O sagrado e o “corpo Profano”: A religião como metodologia de assepsia**

Iremos efetuar reflexões sobre as relações que ocorrem no campo da religiosidade e as corporeidades trans, enfocando nas práticas sagradas como técnicas de poder e dominação que agem de modo a determinar ações e modo dos sujeitos. As igrejas protestantes no Brasil criam uma ordem do discurso que afeta a relação do fiel com sua família e sua auto-imagem, suscitando questionamentos e repressões quanto à sexualidade e gênero baseado em um “preceito cristão”. Nesse sentido a adesão religiosa passa a doutrinar determinadas práticas e subjetivações criando um *ethos*<sup>13</sup> sagrado e um estilo de vida “puro”, segundo Natividade e Dias (2022):

Os discursos e práticas religiosas são, portanto, constituintes de um processo que produz a sexualidade como dispositivo histórico de poder (Foucault, 2014) e que atua, primordialmente, por meio do estabelecimento de uma verdade sobre o sexo que é corroborada por processos de normalização de determinadas práticas e formas de ser em detrimento de outras (Natividade e Dias, 2022, p.5)

Nas Sociedades Ocidentais modernas as ideologias são indissociáveis da alteridade, a religiosidade passa a fomentar um sistema experiencial comportamental e

---

<sup>13</sup> Palavra derivada do grego que significa caráter moral, sendo o *ethos* um fio condutor de costumes e liminaridades de comportamento que vão distinguir determinado grupo.

contraditório, que é retroalimentado pelos “princípios bíblicos”, segundo Natividade e Gomes (2006) a experiência religiosa ocorre por três vertentes sendo, “identidade ou pertencimento; adesão, experiência ou crença; e, em um terceiro plano, o *ethos* religioso, como disposição ética ou comportamental (Natividade e Gomes, 2006, p. 43).

As igrejas passam a explorar a alteridade, de modo a causar reflexões e autoflagelos baseados em um ciclo de conversão que se baseia nas exposições de uma vida antes da sacralidade, e a vida após a aceitação de Jesus que “limpa” todos os pecados do passado pregresso. Esse processo é evidenciado na figura 01.

**Figura 01:** Religiosidade e ciclo de autoflagelo de conversão



Organização do autor (2024)

Inicialmente o sujeito estava inserido em uma vida de pecado e transgressões, fora dos preceitos cristãos, contra a moral e os bons costumes que são estabelecidos na igreja. O passo seguinte é o arrependimento das transgressões, escolhendo abandonar os hábitos ruins e se converter, aceitando as normas da religiosidade, por fim tem-se o testemunho que é efetuado em um lugar de visibilidade pública, no púlpito da igreja, como uma forma de demonstrar as maravilhas que Deus prepara na vida dos fiéis, sendo essa etapa uma das mais importantes, segundo Natividade e Gomes (2006, p. 43):

O testemunho público da conversão é uma característica do campo evangélico pentecostal. Aceitar Jesus é um momento significativo tanto para o indivíduo

que se converte quanto para o conjunto dos membros de uma denominação. Um dado marcante nesse processo é o espaço dado nos cultos aos fiéis convertidos: eles têm na palavra, na oralidade, a oportunidade de contar os infortúnios vividos no passado. A plateia presente ouve confissões dramáticas, sempre baseadas na perspectiva formulada pós-conversão. Nessas narrativas, a vida anterior do indivíduo é quase sempre associada a algum tipo de dor (provindas de doenças físicas, problemas emocionais ou sociais, influências espirituais). É a dinâmica do compartilhamento que imprime nas narrativas uma moral para o grupo

O processo de testemunho se caracteriza como um dos pontos altos da conversão pelo caráter público da exposição, tendo em vista que ocorrem narrativas sobre os comportamentos e condutas libidinosas e a libertação da “influência maligna” deve ser comemorada e exposta. Natividade e Gomes (2006) enfatizam como exemplos dessas narrações eventos como: traição, uso de drogas, homossexualismo, transexualismo e prostituição. Esse ato religioso é marcado pelo apelo da conversão do outro, uma forma de ensinar moral uma “verdade religiosa” que demonstra o poder de Jesus.

Compreendemos que a religiosidade, nos moldes de imposição de poder fomentam um campo de disputa entre gênero, sexualidade, moral e sacralidade. Os comportamentos e as corporeidades não são reconhecidas e necessitam de adequação. As subjetividades transgênero são consideradas como não adequadas aos padrões “sacros” e necessitam se alinhar para se salvar, logo é necessário adesão do *ethos* religioso e a adoção de um estilo de vida para aceitação na comunidade religiosa.

Postulado tal quadro de precária inclusão e o desejo de participar da comunidade faz com que algumas pessoas optem pela destransição de gênero, almejando participar da comunidade e compartilhar das vivências da congregação. Citamos o contexto de solidão e apagamento a qual as corporeidades trans são submetidas, e essa inserção em uma comunidade seria a saída para apaziguar e minimizar as afetações causadas pelo processo de vida cotidiana.

Como exemplo, podemos citar o caso que apresenta certo apelo midiático, a influenciadora Catty Lares, mulher trans que passou pela destransição de gênero ao se converter para a fé cristã e passou a chamar-se Carlos Manuel. Mas porque o caso do Carlos Manuel chama atenção? O processo de transição de Carlos Manuel começou aos 16 anos e foi acompanhado amplamente pela comunidade LGBTQIAP+, principalmente por ser digital influencer com contas no Instagram e Tiktok com mais de 4 milhões de seguidores, abordando temas e conteúdo que alimentavam memes da comunidade LGBTQIAP+ que inundavam as redes sociais e causavam a sensação de proximidade e vinculação com o público.

O processo de destransição de Carlos Manuel afetou todo o público que o segue, mas vale ressaltar a necessidade de tato com uma temática tão complexa e delicada, poderíamos entender nessa perspectiva de que o gênero está em trânsito? No permanente *devoir* que se conecta às subjetividades e as especificidades do recorte do espaço/tempo? Segundo Brito et al (2022, p. 3)

[...] pensar nos processos de ‘destransição’ de maneira ampla, como possibilidades de trânsitos de gênero, envolve descolá-los de um sentido conservador que visa negar e, em última instância, aniquilar as pessoas trans\*. Há, portanto, movimentos de resistência ao aprisionamento das subjetividades em identidades rígidas e aos sistemas de classificação. Se por um lado há uma grande insistência em classificar certos sujeitos cujas vivências de gênero ou sexualidade borram os limites da norma, há por outro, a resistência em não se deixar capturar

Portanto, como essa é uma temática delicada, não buscamos apontar se esse processo está correto ou errado, entretanto vamos evidenciar as ordens dos discursos que são postas e apresentadas sobre a temática. Principalmente, que o processo de destransição de gênero é comumente vista como a libertação de uma patologia, a cura da “*epidemia transexual*”, a exemplo os estudos apontam a transexualidade como histeria e enfermidade, segundo Brito et al (2022).

Nesse quadro o estabelecimento de uma relação de cultivo do sagrado torna-se um catalisador para a manutenção de identidades conflitantes. O acesso à igreja por pessoas que não se enquadram no padrão do *ethos* religioso, evidenciam a necessidade de domínio e subjugação do corpo, gênero e sexualidade dos fiéis acarretando tensões que podem causar o processo longo de aproximação, permanência, afastamento e reaproximação. A rígida moralidade da igreja ao interpretar e implementar regras de cosmologias sagradas, criam uma barreira de autoflagelo subjetivo, onde os fiéis têm que dominar seu alter por meio da eliminação e controle dos “prazeres carnis” para acenderem a um panorama religioso de iluminação e pureza.

## 5. GÊNERO COMO IDEOLOGIA E IDEOLOGIA DE GÊNERO

Para abordar ideologia neste trabalho, fez-se uso de duas diferentes análises a respeito do conceito. No capítulo 3, foi empregada a abordagem do marxista Louis Althusser, intermediada pela pensadora De Lauretis, para compreender como o sistema sexo-gênero opera em instituições e discursos sociais, moldando as subjetividades. Neste capítulo, entretanto, foi-se utilizada a análise de Marilena Chauí, não-contraditoriamente, para tecer uma perspectiva que considerasse o conceito de ideologia de maneira abrangente e situar os termos da discussão para desenvolvê-la no contexto dos objetivos da pesquisa. Aqui, ideologia aparece como um fenômeno social fundamental para o funcionamento da cultura e seus sistemas de representação.

A primeira vez que o termo ideologia é utilizado foi em 1801 no livro Destutt de Tracy - *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia), segundo Chauí (2008). A corrente buscava tratar dos fenômenos naturais que se davam na relação do corpo humano, como um organismo simbiótico vivo, para Chauí (2008, p.10)

Os ideólogos franceses eram antiteológicos, antimetafísicos e antimonárquicos. Pertenciam ao partido liberal e esperavam que o progresso das ciências experimentais, baseadas exclusivamente na observação, na análise e síntese dos dados observados, pudesse levar a uma nova pedagogia e a uma nova moral. Contra a educação religiosa e metafísica, que permite assegurar o poder político de um monarca, De Tracy propõe o ensino das ciências físicas e químicas para “formar um bom espírito”, isto é, um espírito capaz de observar, decompor e recompor os fatos, sem se perder em vazias especulações.

Nesse contexto os ideólogos apoiaram Napoleão Bonaparte no Golpe de 18 de Brumário, pois acreditavam na continuidade da Revolução Francesa por meio do movimento. Entretanto, em 1812 Napoleão atribuiu aos ideólogos todas as desgraças que assolavam a França, essa é a primeira vez que a terminologia ideológica é associada ao cunho negativo, modificando todo o processo de compreensão e estruturação do termo, Chauí (2008). O termo volta a ser utilizado por Comte, que se embrica em duas significações, a primeira se liga a relação corporeidade e natureza, que já foi aqui evidenciada como um sinônimo de teoria. E a segunda é um conjunto de ideias uma “opinião geral”, conectada a ideia de convicções e princípios partindo do princípio comum.

A ideologia vai ganhar espaço nas reflexões fomentada por Durkheim, no segundo capítulo do livro *Regras para o Método Sociológico*, onde fundamenta-se uma objetividade na científica buscando a separação entre sujeito e objeto, buscando a

neutralidade, e todo o conhecimento que não respeitar esses critérios é uma ideologia para Durkheim, segundo Chaui (2008). Seguindo para as concepções Marxistas de ideologia, que se pautam na ideia de que a classe dominante visa dominar as ideias de toda a sociedade, perpassando pelo plano material, social e político.

[...] 1) embora a sociedade esteja dividida em classes e cada qual devesse ter suas próprias idéias, a dominação de uma classe sobre as outras faz com que só sejam consideradas válidas, verdadeiras e racionais as idéias da classe dominante; 2) para que isto ocorra, é preciso que os membros da sociedade não se percebam como estando divididos em classes, mas se vejam como tendo certas características humanas comuns a todos e que tomam as diferenças sociais algo derivado ou de menor importância; 3) para que todos os membros da sociedade se identifiquem com essas características supostamente comuns a todos, é preciso que elas sejam convertidas em idéias comuns a todos. Para que isto ocorra é preciso que a classe dominante, além de produzir suas próprias idéias, também possa distribuí-las, o que é feito, por exemplo, através da educação, da religião, dos costumes, dos meios de comunicação disponíveis; 4) como tais idéias não exprimem a realidade real, mas representam a aparência social, a imagem das coisas e dos homens, é possível passar a considerá-las como independentes da realidade e, mais do que isto, inverter a 'relação fazendo com que a realidade concreta seja tida como a realização dessas idéias (Chaui, 2008, p. 36).

Cria-se assim um plano de ideias que se encarrega de transformar as necessidades de poucos em representações coletivas, de modo a ativar um espírito de coletividade social, com pautas que privilegiam uma parcela exclusiva da sociedade, sendo a ideologia um meio de controle e dominação.

Segundo Chaui (2008, p. 41) “A ideologia é uma das formas da práxis social: aquela que, partindo da experiência imediata dos dados da vida social, constrói abstratamente um sistema de ideias ou representações sobre a realidade”. Na contemporaneidade os discursos conectados a ideologia são massificados de modo a atingir o maior número de pessoas possíveis, reestruturando a organização social criando uma forma de pensar e agir pautada nas ideias de uma parcela social, podemos voltar a afirmação clássica de Marx que define a “religião como ópio do povo”, sendo essa um dispositivo de dominação e manobra de alteridades.

Logo, podemos observar a intrínseca ligação da ideologia e discurso, o poder da classe dominante que tem como necessidade conquistar, acumular e manter seus privilégios e interesses como os primordiais, pois segundo Foucault (2012, p. 8) “[...] toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Adentramos em um jogo que interconecta circunstância, espaço/tempo, poder, direito/privilegio, sujeito e alteridade criando interdições nodais que se multiplicam no campo da política, economia, religião e cultura. A conexão de ideologia e poder, criam as chamadas doutrinação. Isto é, grupos ideológicos que compartilham de princípios que os conduzem e os guiam pela superestrutura histórica do espaço/tempo.

Diante do exposto, adentramos nas reflexões ligadas a binaridade de gênero, que se constitui basicamente a partir da dicotomia homem e mulher, limites que definem e limitam os corpos dos sujeitos os enquadrando em preceitos e paradigmas socialmente pré-determinados pela construção histórica social e sua performance com o mundo. Esses modos determinam e enquadram as ações e o modo de ser e agir do ser, levemos em consideração Lei nº 6.015/1973 Art. 54, que afirma: “Art. 54. O assento do nascimento deverá conter: 1º) o dia, mês, ano e lugar do nascimento e a hora certa, sendo possível determiná-la, ou aproximada; 2º) o sexo do registrando; 3º) o fato de ser gêmeo, quando assim tiver acontecido; 4º) o nome e o prenome, que forem postos à criança” (Brasil, 1973). Logo, ao nascermos no Brasil e ser registrados já somos subjugadas as nuances de binaridade social, que é definida e associam o sexo e o gênero como barreiras fixas e estruturantes das corporeidades, nesse sentido Butler (2018, p. 21)

[...] o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino.

Podemos observar que vivemos em um sistema binário, que corrobora com o mascaramento de um discurso hegemônico de dominação e subjugação dos corpos. Nesse sentido, as pluralidades são silenciadas em detrimento da regulação binária da sexualidade corroborando com o fortalecimento das hegemonias heterossexuais

normativas, reprodutivas e estruturantes sociais que corroboram com a manutenção do poder de determinados grupos. Confluyente a esse discurso algumas narrativas são criadas, como por exemplo a “ideologia de gênero” e os perigos que a comunidade LGBTQIAPN+ representam para os valores da família tradicional. Buscando observar tal processo de formatação social, que se dá pelo conflito e contradições interconectada aos discursos religiosos, efetuamos reflexões que tangem a unificação da Igreja Católica com as Evangélicas em prol da “erradicação” ideologia de gênero.

### **5.1 Ideologia de gênero**

As primeiras menções de gênero como a ideologia do perigo emergem na década de 1990, quando Conselho Católico Romano trata o “gênero” como uma ameaça aos valores da família e a autoridade da igreja católica, segundo Butler (2024). No hodierno esse discurso tornar-se ainda mais expressivo quando a Igreja Católica forja uma aliança discursiva associada as igrejas evangélicas da América Latina, “Deus criou os sexos de forma binária, e não é prerrogativa dos humanos refazê-los fora desses termos” (Butler, 2024, p. 38 - tradução nossa), logo essa é uma lei universal e Deus determinou essa lei natural que deve ser atendida por todos aqueles que seguem os preceitos cristãos.

A igreja católica afirma que os estudos fomentados pelos acadêmicos sobre a temática do gênero, criam uma ideologia que desvia os papais que foram atribuídos na sacralidade familiar, o homem deve sair e trabalhar fazendo parte da vida social, enquanto a mulher deve ficar em casa cuidar dos afazeres domésticos e da família. Tal discurso foi amplamente endorsado pelo Papa Bento XVI, que afirmava que na atualidade os valores que foram estabelecidos na gênese<sup>14</sup> estavam ameaçados pela ideologia de gênero que iria destruir a família e seus valores (Butler, 2024).

A mudança do pontifício em 2013 para o Papa Francisco, foi considerado um grande avanço, segundo Furtado (2021, p. 676) “a igreja católica agora tinha um líder diferente”, o Papa Francisco é considerado progressista e estava alinhado as temáticas que tangiam a comunidade LGBTQIAPN+. Entretanto, em 2016 o Papa Francisco demonstrou que sua ideologia está associada aos preceitos disseminados pelo Papa Bento XVI, quando:

O Papa Francisco, apesar de suas visões ocasionalmente progressistas, continuou a linha desenvolvida pelo Papa Bento XVI e soou um alarme ainda

---

<sup>14</sup> Tal terminologia esta associado aos preceitos da criação do mundo, pela ótica da genealogia da religião. Deus criou o mundo em sete dias, criando Eva a partir da costela de Adão, logo essa seria o padrão determinado pela sacralidade divina e deve ser seguido a risca.

mais alto: "Estamos vivenciando um momento de aniquilação do homem como imagem de Deus". Ele incluiu especificamente como uma instância dessa desfiguração "[a ideologia do] 'gênero'". Ele estava claramente indignado que "hoje as crianças — crianças! — são ensinadas na escola que todos podem escolher seu sexo... E isso [sic] é terrível!" (Butler, 2024, p. 39 - tradução nossa).

Essa afirmação vai de encontro a ideia de gênese crista, e segundo os argumentos do Papa Francisco quem vai contra a “forma correta” instituída por Deus são como implantam “armas nucleares visando a própria criação” (Butler, 2024, p. 39 - tradução nossa). Essas afirmações são transpassadas de uma violência “sutil”, vindo de alguém que era considerado “aliado” o que torna o cenário mais complexo, associando por meio de metáforas de destruição em massa. Logo, a “ideologia de gênero” deve ser combatida como uma guerra, uma “limpeza” deve ser efetuada, esse processo deve ser combatido.

Um passo importante dessa “guerra” foi a aliança efetuada pelo Vaticano com Nicolas Sarkozy em 2011, para recortar dos livros didáticos da França a sessão de “gênero”. Dando mais um passo desse combate lascivo, o Vaticano afirma que o gênero pode minar as bases dos direitos humanos. Perpassando a ideia de que as corporeidades que não se enquadram no binarismo social não são humanas, logo o Ser humano seria definido pelo sexo?

esse fantasma chamado “gênero” é tanto diabólico quanto ideológico. “Diabólico” significa que o gênero vem do diabo e é obra do diabo, e, portanto, não é uma criação divina, constituindo uma forma rival, falsa e destrutiva de “criação”. Na medida em que “gênero” é entendido pelo Vaticano como uma doutrina ou crença que afirma que se pode criar um gênero que não foi atribuído ao nascimento, é uma forma falsa e enganosa de criação (Butler, 2024, p. 41 - tradução nossa).

Nesse discurso sobressai a ideia de que o único que tem o poder de criação é o sagrado Deus, e as discussões de “gênero” quer assumir tal responsabilidade ao tomar os poderes que são unicamente atribuídos a Deus, sendo essa uma força diabólica que deve ser combatida devido os riscos de “ideologia” que essa problemática cria, influenciando e moldando aos mais jovens. Nesse sentido, a perspectiva de que o gênero é se fomenta como uma nuance de alteridade, ligado as subjetivações, ao sentir e ser, as experiências, ao desejo e ao querer é totalmente silenciada e excluída. Em alguns momentos a igreja católica defende que o gênero não é construção social, pois esse processo emerge do excesso de liberdade.

A construção social como catalisador para as questões de gênero e sexualidade, fomentam a ideia de que podemos esquecer as restrições, imposições sociais e as amarras

do inconsciente na formação das nossas subjetivações, logo “De fato, essa identificação do gênero com a ideia de liberdade pessoal constrói a luta coletiva que é necessária para abrir espaço para novas formas de ser de gênero que sejam mais viáveis do que aquelas que nos foram atribuídas” (Butler, 2024, p. 43 - tradução nossa).

Podemos citar Jorge Scala como um dos críticos mais influentes na Igreja Católica, que afirma que o gênero e sexualidade associado a construção social é uma forma perigosa e é baseada no excesso de liberdade. Nesse sentido, tal discurso se opõe a ideia de liberdade excessiva, como uma associação aos poderes sagrados de Deus e um desvio a ordem natural das coisas, assim as crianças não deveriam aprender sobre tal temática na escola, pois é uma “ideologia” e os professores estariam ensinando os mais jovens a serem “gays”, logo, “[...]esse discurso pivotava em outra direção: o gênero é uma forma de doutrinação. As crianças não deveriam ser tão livres! As crianças não deveriam perder sua liberdade! Ou o gênero ensina que alguém é radicalmente livre, ou o gênero é o que tira a liberdade” (Butler, 2024, p. 43 - tradução nossa).

Contradições como essas evidenciadas por Butler (2024) são comuns nos discurso “ant-ideologia de gênero”, tal discurso perpassa inúmeras camadas sociais e como exemplo podemos citar o processo de eleições Nacionais. Esse discurso é utilizado como um instrumento políticos nos meios midiáticos, a exemplo das eleições do Brasil em 2018, onde essa ferramenta foi amplamente utilizada.

Bolsonaro utilizava os discursos conservadores ligados a família e as ideologias de gênero para fomentar uma narrativa de perseguição aos valores e princípios da família tradicional. A exemplo, pode-se citar a fake news (noticiais falsas) associada a distribuição de Kit Gays<sup>15</sup> nas escolas, fomentada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O “Kit Gay” nada mais era que uma cartilha produzida em 2010, associada ao programa “Escola Sem Homofobia” e iria ser distribuída em escala Nacional como uma política pública de enfrentamento à homofobia. Entretanto, uma campanha de fake News foi iniciada associada a narrativa de ideologia de gêneros nas escolas públicas do Brasil e como isso ia contra os valores familiares e cristãos defendidos por Jair Messias Bolsonaro.

Segundo Souza et al 2022 no Brasil a primeira vez que a palavra ideologia de gênero foi utilizada pelos vínculos midiáticos foi em 2004, associado a um pedido do Vaticano:

---

<sup>15</sup> <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/kit-gay-relembre-a-polemica-sobre-a-cartilha/>

[...] na matéria “Documento do Vaticano condena o feminismo”. Neste documento, o Vaticano pede aos governos que “harmonizem a legislação e a organização do trabalho com as exigências da missão da mulher dentro do núcleo familiar” (...) o texto revisa os ensinamentos sobre a mulher ativa na vida pública e sua “vocação” maternal, a vida familiar e a necessidade de que ela seja fundamentada no casamento entre um homem e uma mulher (...). Rechaça ainda “o questionamento da família, a equiparação da homossexualidade à heterossexualidade e um modelo novo de sexualidade polimorfa” e a “ideologia de gênero” (FOLHA DE S. PAULO, 2004). É a partir de 2015 que o Brasil passa a implementar mais incisivamente o pedido do Vaticano e a expressão passa a ser amplamente usada nas Conferências de Educação (CONAEs) e nos debates dos Planos de Educação do país para se contrapor às questões de GDS (Nelson SOUZA; SOUZA; DRUMMOND, 2018), como exemplificado na matéria “‘Ideologia de gênero’ será desastrosa para crianças, afirma a CNBB” (FOLHA DE S. PAULO, 2015).

Nesse sentido, fica claro que a tentativa de criar um levante contra as pluralidades que ocorrem no contato do ser com seu lugar, suas subjetividades, cultura, desejos, sexualidade e identidade. Cria-se o discurso de que o gênero é uma ideologia que deve ser combatida, pois refuta a realidade criada pelos poderes divinos. As identidades trans passam a ser ignoradas e consideradas como um desvio, pelo excesso de liberdade pessoal e não é digna de reconhecimento e validação pela sociedade como um todo. Tal quadro se intensifica ainda mais associada aos discursos e regimes totalitaristas, pois segundo Butler (2024, p. 45 - tradução nossa) “No Brasil, sob Bolsonaro, assim como na Rússia de Putin, a própria ideia da nação, da masculinidade, foi entendida como ameaçada por uma “ideologia de gênero” caracterizada como uma perigosa importação cultural”.

Os discursos contra a ideologia de gênero têm início, segundo Daudén e Brandt (2016, p. 215)

Em 1995, no processo de preparação para a Conferência de Pequim, Dale O’Leary, líder da direita religiosa norte-americana (representante da Associação Nacional de Pesquisa) criou a tese da “ideologia do gênero”. Na reunião preparatória de março daquele ano, esses grupos religiosos de direita distribuíram aos delegados oficiais, e especial dos países do Sul, um panfleto que – distorcendo um artigo da bióloga feminista Anne Fausto Sterling sobre o continuum de gênero da intersexualidade – afirmava que, ao usar o termo gênero, as feministas reivindicavam a existência de cinco sexos.

Observamos a cronologia a qual essa narrativa vem sendo construída e disseminada de modo a “garantir os direitos” da família tradicional e da religiosidade que é ameaçada pelo “gênero”. Tal processo no Brasil, segundo Butler (2024), iniciou em 2000 e foi catalisado pela visita do Papa Bento XVI em 2007. Seguindo a necessidade de por em prática a erradicação da ideologia de gênero católicos e evangélicos se associam visando derrubar qualquer menção a gênero nos materiais didáticos do país. Essa narrativa é mais acentuada com a eleição de Bolsonaro em 2018, quando em 1 de janeiro de 2019

em seu discurso de posse assume o compromisso de erradicar do Brasil a ideologia de gênero nas escolas. Com o quadro favorável as pautas tradicionais, mais de 200 propostas legislativas em esfera Federal, Estadual e Municipal foram promulgadas objetivando banir a “doutrinação de gênero e sexual” das escolas brasileiras, segundo Butler (2024).

Como observado há uma união de diferentes seguimentos com pautas ligadas as protecionais da “família”, “pátria” e “valores morais” que se unificam quando a argumentação é contra o gênero, evidenciando uma linearidade no discurso conservadorista, que cria contraposições as mudanças socioculturais que se fomentam no hodierno, a exemplo a luta por direitos iguais da comunidade LGBTQIAPN+ e de igualdade de gênero.

A defesa dos valores familiares é evocada de modo a causar conflitos e disputas por meio de discursos inflamatórios que buscam mobilizar, equalizar e converter seguidores políticos por meio de pautas “unificadoras”, que emergem por discursos conflitantes. Esse cenário é uma propagação de novas formas de interpretação e ressignificação da realidade, tomemos como exemplo a bandeira LGBTQIAPN+ “Criada por Gilbert Baker (San Francisco, 1978). Foi usada pela primeira vez na "Gay and Lesbian Freedom Day March". Em seguida foi adotada pelo Pride Parade Committee após assassinato de Harvey Milk” (Manual Todas as Formas de Existir, 2022, p. 9).

Os grupos com pautas tradicionalistas associam as cores da bandeira ao arco-íris a fragilidade, a imoralidade, as “bichas” que merecem ser eliminadas, pois estão destruindo os valores cristão. E mais uma vez emerge o discurso raso que elimina o significado original a qual o símbolo foi criado, pois “abreviação dos movimentos feministas e LGBTQIA+ como “gênero” permite uma condensação de tais preocupações em uma única “ideologia” e cria uma sensação de que há um único inimigo, e ele pode e deve ser derrotado” (Butler, 2024, p. 52 - tradução nossa), emergindo assim discursos sobre a patologização e criminalização da comunidade que são apontados como transgressores do sistema e das normas culturais, morais e religiosas.

## **5.2 Ideologias: Sistematização em sites de igrejas Neopentecostais**

Diante da criação da narrativa das ideologias de gênero alguns recursos são utilizados pelos líderes religiosos como metodologias para subjugação e controle das alteridades, desejos, corporeidades, sexualidade e gênero. Nesse sentido, os dispositivos Foucaultianos, serão utilizados como recursos para compreendermos o processo de subjugação e sistematização dos discursos de ideologia pelos atores religiosos. Os

dispositivos são compreendidos e utilizados no jogo de poderes e dominação das corporeidades de modo a unificar e padronizar as subjetivações dos seguidores religiosos, os dispositivos são definidos, como:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Os dispositivos se dão como uma articulação entre ações, materialidades, leis, organizações administrativas, cientificidade e técnica fomentando práticas discursivas e não discursivas, que coadunam instancias de poder sobre a égide de uma intencionalidade, uma ferramenta que é constituída para ordenar e pacificar os sujeitos, sendo essas práticas disciplinares modernas. Tomemos como exemplo os sites dos centros religiosos que são utilizados como meio de massificar discursos e propagar argumentações contra a sexualidade e o gênero.

Como exemplo desses dispositivos que fomentam um modo de organização social criam paradigmas e buscando implementar e dominar as subjetividades, podemos citar o CitizenGo, site fundado na Espanha em 2013 que mobiliza pessoas contra organizações que defendem os direitos das comunidades LGBTQIAPN+, essa é uma ferramenta online poderosa que se embriçou em esfera global, tendo mais de 9 milhões de seguidores, Butler (2024). Demonstrando sua força de coalizão, passou bots<sup>16</sup> para lançar campanhas contra os direitos reprodutivos no Quênia, tendo êxito na proibição temporária dos serviços de aborto. O CitezenGo atuou fortemente no levantamento de assinaturas em petições online, contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo, eutanásia e aborto em mais de cinquenta países do continente África, segundo Butler (2024, p. 48)

Em 2019, o CitizenGo se vangloriou por realizar campanhas contra clínicas que ofereciam aborto no Maláui, Nigéria e Tanzânia, além do Quênia. Relatou-se que a organização pagou pessoas para espalhar desinformação nas redes sociais para se opor tanto aos direitos reprodutivos quanto à educação sexual para jovens em várias regiões.

Em suma o CitizenGo fundado na Espanha por Ignacio Arsuaga, que já havia sido o idealizador de um grupo supremacista chamado Hazte Oír (Faça-se Ouvir). Atualmente

---

<sup>16</sup> Programa de computador que imita padrões repetitivos nas redes sociais fingindo ser um humano.

o CitizenGo tem influência espalhada em toda Europa, África e Estados Unidos, seu discurso se pauta nos discursos de gênero criando conflitos, influenciando leis, políticas públicas e ações regionais e locais com base em um discurso e pautas tradicionalista. A exemplo em 2017, na Espanha Arsuage, fez campanhas contra o casamento gay e os direitos trans tendo como norteamento a tese de complementaridade do Vaticano<sup>17</sup>, Butler (2024).

Nesse mesmo período uma guerra começou a ser travada e é inflamada com a utilização de um ônibus, com um slogan “Meninos têm pênis e meninas têm vaginas” transitava pelas ruas labirínticas da Madri, porém o partido socialista conseguiu frear o avanço dessa campanha baseada no discurso de ideologia de gênero, segundo Butler (2024). O CitizenGo se embrica em vários níveis de afetação criando células em países como: Rússia, Hungria, Alemanha, Espanha, Itália, Chile, México, Brasil e Estados Unidos. Sempre levantando problemáticas interconectadas a pautas ultraconservadoras.

Outro dispositivo citado por Butler (2024) é o World Congress of Families (WCF) um projeto de organização familiar que conecta um número avassalador de cristãos ortodoxos, católicos e evangélicos visando defender a “família natural” e como os direitos da comunidade gays, lésbicas e trans ferem ideias de família, logo a diminuição das taxas de natalidade estão em declínio devido a direitos de legalização ao aborto que é associado aos discursos feministas e LGBTQIAPN+, rompendo com a masculinidade e a família tradicional.

Visando elencar esses dispositivos utilizados pelas redes evangélicas em específico, as vertentes Pentecostais no Brasil, foi efetuado uma etnografia em meios digitais visando elencar os principais sites e os discursos propagados sobre as pautas ultraconservadoras no Brasil.

### *5.2.1 Pesquisa em meios: O quadro da Problemática das Igrejas Evangélicas no Brasil*

No Brasil há uma crescente de conflitos interconectados as pautas ultraconservadoras em âmbito nacional, que tem campo de expansão predominante com

---

<sup>17</sup> Os ensinamentos da Igreja Católica sobre o matrimônio e a complementaridade dos sexos apresenta uma verdade fundamentada na razão natural. De acordo com essa perspectiva, o matrimônio não é uma simples união entre seres humanos, mas uma instituição estabelecida pelo Criador, dotada de uma natureza própria, propriedades essenciais e específicas (homem e mulher). Nesse sentido, a Igreja afirma que nenhuma ideologia pode suprimir a verdade, enraizada na mente humana, de que o verdadeiro matrimônio ocorre exclusivamente entre um homem e uma mulher. Essa união, caracterizada pela doação recíproca e exclusiva dos parceiros, visa à plena comunhão de vida e ao aperfeiçoamento.

a ascensão do bolsonarismo que se conecta ao discurso de defesa aos direitos da família tradicional e o ataque às feministas e às comunidades LGBTQIAPN+, interconectando pautas políticas e religiosas, de modo a reestruturar e criar conflitos profundos nas camadas sociais do país.

Visando aprofundar a análise no tocante à religiosidade e os conflitos que emergem desse embate no Brasil, principalmente associados ao discurso de ideologia de gênero, efetuamos a Tabela 03 que constroem uma genealogia das principais igrejas protestantes no Brasil, enfatizando sua vertente e as características que estruturam seus discursos e narrativas.

**Tabela 03:** Principais Igrejas Protestantes no Brasil

<b>Igrejas Protestantes no Brasil</b>			
<b>Cronologia</b>	<b>Igreja</b>	<b>Vertentes</b>	<b>Principais Características</b>
1822	Episcopal Anglicana	Protestante Histórica	Vertente anticatolicista, pregando ética, democracia, filosofia liberal.
1824	Luterana (IECL)	Protestante Histórica	
1855	Congregacional	Protestante Histórica	
1859	Presbiteriana	Protestante Histórica	
1867	Metodista	Protestante Histórica	
1881	Batista	Protestante Histórica	
1900	Luterana (IELB)	Protestante Histórica	
1910	Congregação Cristã	Pentecostal Clássico	Vertente anticatolicista, ascetismo
1911	Assembleia de Deus	Pentecostal Clássico	

1946	Avivamento Bíblico	Pentecostal (2ª vertente)	Vertente que tem ênfase na cura do corpo e expulsão do mal, utilização de rádio para pregações
1953	Evangelho Quadrangular	Pentecostal (2ª vertente)	
1955	Brasil para Cristo	Pentecostal (2ª vertente)	
1962	Deus é amor	Pentecostal (2ª vertente)	
1964	Casa da Bênção	Pentecostal (2ª vertente)	
1976	Sara Nossa Terra	Neopentecostal	Vertente pautada em uma ideologia da prosperidade, o fiel deve dar para receber, massivo uso das redes sociais e utilização do discurso do Diabo como criador de conflitos e ideologias
1977	Universal do Reino de Deus	Neopentecostal	
1980	Internacional da Graça de Deus	Neopentecostal	
1986	Renascer em Cristo	Neopentecostal	
1998	Mundial do Poder de Deus	Neopentecostal	
Fonte: Adaptação Tricontinental Brasil, 2020			

Como é possível observar na tabela 03 a evolução da presença das igrejas Pentecostais no Brasil, se deu em quatro momentos (Protestante Histórica, Pentecostal Clássico, Pentecostal - 2ª vertente e Neopentecostal). Esses momentos estão ligados segundo Pereira (2021) ao processo de genealogia da fé, inicialmente elencamos a chamada Protestante histórica conectada aos primeiros movimentos separatistas da igreja católica. O segundo momento Pentecostal clássica vai de 1910 á 1950, como uma onda anticatolicista. A terceira fase vai de 1950 até meados de 1960, pautada na operação de milagres e cura das enfermidades por meio da fé. E por fim, de 1970 até a década de 1990,

que se pauta na massificação da fé por meio das mídias de comunicação associada aos testemunhos de fé, segundo Pereira (2021).

Foram elencadas 19 congregações de igrejas pentecostais que serviram como primeiro elemento norteador para a pesquisa em meio digital. Onde por meio dessa filtragem inicial efetuou-se uma busca ativa dos website dessas instituições religiosas, traçando o perfil dessas igrejas, ao efetuar um levantamento dos principais modo de organização dessas instituições, como essas agem para arrecadar fundos, quais seus princípios e valores, o que defendem, como essas disseminam seus discursos, onde estão inseridas, qual a receptividade da comunidade LGBTQIAPN+, tal levantamento resultou na tabela 04 que reúne as síntese das informações sobre essas congregações.

**Tabela 04:** uma aproximação com a vertente pentecostal na Web

<i>sites e vertentes</i>		
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil		
Endereço do Site	Descrição	Localização
<a href="https://ieab.org.br/dioceses-e-distrito-missionario/">https://ieab.org.br/dioceses-e-distrito-missionario/</a>	Os princípios do anglicanismo iniciam-se na idade média na Inglaterra e continua a ser desenvolvida no Brasil. Contando com encontros de jovens, seminários com por exemplo “consciência pela votação”. E uma escola que se baseia nos princípios da religião e programas de doação para mantimento da obra.	A IEAB é composta por nove Dioceses. Atualmente, as Dioceses e o Distrito estão distribuídos nas chamadas áreas provinciais, a saber: Área 1- formada pelas Dioceses Meridional, Sul Ocidental e de Pelotas. Área 2- formada pelas Dioceses do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Paraná. Area 3- formada pelas Dioceses do Recife, de Brasília, da Amazônia e Distrito Missionário.
Igreja Luterana (IECL)		
Endereço do Site	Descrição	Localização
<a href="https://www.luterano.org.br/">https://www.luterano.org.br/</a>	A igreja Luterana no Brasil Busca ser reconhecida como Igreja de Comunidades atrativas, inclusivas e missionárias, que atuam em fidelidade ao Evangelho de Jesus	A Igreja conta com 18 sínodos, tomemos como exemplo o <b>Sínodo da Amazônia</b> que está presente nos Estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima e noroeste do Mato Grosso.

	<p>Cristo, destacando-se pelo testemunho do amor de Deus, pelo serviço em favor da dignidade humana e pelo respeito à criação. Apresentando atividades ligadas: Grupos comunitários, Culto e Liturgia, Fé e Justiça, Música e Formação, contando com escolas e universidades interligadas ao preceito da fé</p>	<p>São 71 comunidades e 34 pontos de pregação, organizados em 9 paróquias e 5 Comunidades com Funções Paroquiais. A sede administrativa está localizada na cidade de Cacoal/RO.</p>
Igreja Evangélica Congregacional do Brasil		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<p><a href="https://www.iecb.org.br/">https://www.iecb.org.br/</a></p>	<p>A visão congregacional é essencialmente baseada na liberdade de consciência e de escolha. Essa liberdade de escolha pressupõe alternativa real e em última instância se deve ao fato de que o próprio Deus escolheu adotar a natureza humana integrando as pessoas de boa vontade a um novo nível de existência como filhos e filhas de Deus, oferecendo cursos e formações que se baseiam na fé.</p>	<p>A IECB está organizada em paróquias, distribuídas pelos estados da região sul e centro-oeste do Brasil e também no Paraguai (onde constituem a IECB). As paróquias constituem regiões dentro da igreja de acordo com a sua distribuição geográfica na área de atuação da IECB, com 49 templos</p>
Igreja Presbiteriana do Brasil		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<p><a href="https://www.ipb.org.br/">https://www.ipb.org.br/</a></p>	<p>Fé Reformada, à verdadeira religião cristã foi recuperada durante a Reforma Protestante dos séculos 16 e 17. A Fé Reformada adota todas as doutrinas apostólicas estabelecidas na Bíblia e formuladas em credos pelos grandes concílios ecumênicos da Igreja Primitiva. Ela é um relacionamento com Deus, através da mediação de Jesus Cristo, baseado no Evangelho revelado por Ele e pelas Escrituras Sagradas. A Igreja</p>	<p>Igreja Presbiteriana do Brasil conta com centenas de unidades em todas as Regiões do Brasil.</p>

	Presbiteriana do Brasil conta com escolas, associações, missões, e projetos de rádios e tv.	
<b>Igreja Metodista do Brasil</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://metodista.com/">https://metodista.com/</a>	O Metodismo é um movimento de despertamento religioso surgido no Séc. XVII na Inglaterra, cuja a principal liderança foi o Rev. John Wesley. Teve como desafios integrar a experiência religiosa pessoal com a prática de transformação social e da vivência comunitária. No Brasil ela conta com escolas, universidades e missões que enviam jovens para pregar a palavras	94 unidades distribuídos pelo Brasil
<b>Igreja Batista do Brasil</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://convencaobatista.com.br">https://convencaobatista.com.br</a>	A Igreja pertence ao Senhor Jesus. Ela existe para corresponder com os interesses dEle, o noivo. Ninguém pode usar a Igreja para interesses e glória pessoais. Tudo que fizermos deve ser para a glória daquele que nos chamou e enviou para fazer o maior número de discípulos de todas as nações até que Ele volte. As igrejas contam com escolas, universidades, congressos, uma emissora de tv e rádio	Convenção Batista Brasileira (CBB) é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. É a maior convenção batista da América Latina, representando cerca de 8753 igrejas, 4.944 Congregações e 1.706.003 fiéis
<b>Igreja Luterana do Brasil (IELB)</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://www.ielb.org.br/">https://www.ielb.org.br/</a>	Nossas congregações aceitam e pregam os ensinamentos baseados na Bíblia, prezando também pelas tradições herdadas da reforma no século XVI com Martinho Lutero:	Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) hoje reúne cerca de Locais de Culto 933 igrejas

	Somente a Graça, Somente a Fé, Somente a Escritura. Sendo composta por Ensino, expansão Missionária, Educação Cristã, Ação Social, Comunicação e Administração	
<b>Congregação Cristã no Brasil</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://congregacaocristanobrasil.org.br/">https://congregacaocristanobrasil.org.br/</a>	A CONGREGAÇÃO CRISTÃ tem origem num pequeno grupo de evangélicos italianos que, na cidade de Chicago nos Estados Unidos da América, no ano de 1904, passou a se reunir em suas casas, buscando a guia Divina para seguir os ensinamentos bíblicos cristãos, dentro da simplicidade da Fé apostólica. Contando com atividades setorizadas em: SETOR 1 - Unidades Prisionais Masculinas e Femininas, e para Menores; SETOR 2 - Clínica de Dependentes e Albergues; SETOR 3 - Forças de Segurança; SETOR 4 - Hospitais e Instituição para Idosos e SETOR 5 - Projetos Educacionais e Universidades	147 Unidades em todo o Brasil
<b>Igreja Assembleia de Deus</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>

<p><a href="https://assembleia.org.br/">https://assembleia.org.br/</a></p>	<p>Em um mundo em transformações que frequentemente modifica suas premissas e valores, os princípios absolutos da Bíblia Sagrada permanecem inabaláveis, evidenciando o propósito divino para a humanidade. Temos a Bíblia como a revelação de Deus, dada a santos homens por inspiração do Espírito Santo e a reconhecemos como autoridade única e infalível quanto a fé e conduta, atualmente a igreja conta com seminários, encontros de jovens uma emissora de televisão e podcast e web rádio</p>	<p>Mais de 100 mil templos espalhados por todo o Brasil.</p>
<p>Igreja Avivamento Bíblico</p>		
Endereço do Site	Descrição	Localização
<p><a href="https://avivamentobiblico.org/">https://avivamentobiblico.org/</a></p>	<p>Na atualidade, a IEAB tem a seguinte configuração: a Convenção Geral, instância máxima da Igreja, na qual todas as leis e diretrizes são estabelecidas, bem como se elege o quadro de liderança superior, o Conselho Geral, que é composto do Presidente, dos Superintendentes Regionais e Diretores Gerais. Temos 4 áreas gerias de atuação: Administração, Ação Social, Cultura e Educação Cristã, Evangelismo e Missões.</p>	<p>Conta com templos em todo o Brasil, Trabalhamos com uma divisão territorial no Brasil em 9 Regiões: Sudeste 1, Sudeste 2, Sudeste 3, Sul 1, Sul 2, Sul 3, Centro Oeste, Norte e Nordeste; nos demais países a coordenação está sob responsabilidade da área geral de Evangelismo e Missões.</p>
<p>Igreja Evangelho Quadrangular</p>		
Endereço do Site	Descrição	Localização
<p><a href="https://www.portalbr4.com.br/">https://www.portalbr4.com.br/</a></p>	<p>Igreja do Evangelho Quadrangular nasceu no coração de Deus e foi confiada às mãos da evangelista Aimée Semple McPherson, conhecida como "Irmã Aimee" que, em seu ministério, foi responsável por diversas ações que resultaram em</p>	<p>Templos em todo o Brasil</p>

	grandes impactos evangelísticos. Cremos que homem foi criado à imagem de Deus, diante de quem andava em santidade e pureza que por voluntária desobediência e transgressão, caiu no pecado e na iniquidade. Isso fez pesar sobre a humanidade a herança desse pecado e suas consequências	
<b>Igreja Brasil para Cristo</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://www.conselhonacional.org.br/">https://www.conselhonacional.org.br/</a>	Movimento itinerante de evangelismo, cura e libertação' – quebrou paradigmas religiosos, enfrentou a censura do regime militar e por fim se notabilizou como uma das maiores denominações evangélicas do país. Cremos em Deus, que é único e um só, plena e eternamente subsistente em cada uma das três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, com perfeita comunhão entre si	Conta com 22 convenções em todo o país
<b>Igreja Deus é amor</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://ipda.com.br/home">https://ipda.com.br/home</a>	Crems que a Bíblia é a suprema Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo, imutável, inerrante e suficiente para comunicar a vontade de Deus à humanidade. Por ser a Palavra de Deus é completamente verdadeira e tem autoridade em si mesma, sendo a única regra de fé e prática para a Igreja. A Bíblia é um manual de vida que direciona todos que acreditam nela, a viver em abundância. A Palavra de Deus é viva, eficaz e jamais voltará a Deus vazia, contando com emissoras de tv, rádio, programas de	Fundada em 1962, a Igreja Deus é Amor tem atualmente cerca de 22 mil templos e tendas espalhados no Brasil e no exterior

	internet, livrarias e orquestras	
<b>Igreja Casa da Bênção</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://cb.org.br/inicio/historia/">https://cb.org.br/inicio/historia/</a>	Uma igreja eminentemente brasileira, sem nenhum vínculo com as tradicionais igrejas evangélicas vindas da Inglaterra, País de Gales, Suécia e Estados Unidos; nascia no reduto da tradicional família mineira, num momento em que estar fora da religião Católica, que se dizia oficial e se imaginava única, era considerado pela grande maioria como um grande e pecaminoso erro.	São mais de 2000 igrejas espalhadas por todos os recantos brasileiros e dezenas de igrejas em outros países, pois já estamos nos Estados Unidos, Argentina, Chile, Ghana, Costa do Marfim, Japão, Inglaterra, Suíça e inúmeros outros países.
<b>Igreja Sara Nossa Terra</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://saranossaterra.com.br/">https://saranossaterra.com.br/</a>	A Sara Nossa Terra nasceu em Brasília (DF), fruto da palavra profética de Deus pregada por seus fundadores, Bispos Robson e Lúcia Rodovalho. Eles acreditam que a missão do ministério é fazer de cada pessoa um cristão, de cada cristão um discípulo e de cada discípulo um líder, multiplicando os ensinamentos do Evangelho por meio da abertura de novas igrejas	903 templos em todo o Brasil
<b>Igreja Universal do Reino de Deus</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://www.universal.org/">https://www.universal.org/</a>	Há 4 décadas, a Universal expressa a sua fé e crença no <b>Deus vivo</b> . Com base na <b>Bíblia</b> , ela revela o poder que o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm em transformar e salvar vidas. Após a criação dos seres humanos, Deus-Pai foi o Primeiro a se manifestar ao homem, ensinando-lhe como seguir e	A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tem cerca de 8.773 templos no Brasil.

	obedecer às Suas doutrinas. A igreja apresenta como modos de disseminação da palavra emissoras de tv, de rádios, jornais, livraria, programas e mídias sociais que desenvolvem um amplo trabalho.	
<b>Igreja Internacional da Graça de Deus</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://www.ongrace.com/">https://www.ongrace.com/</a>	A Igreja Internacional da Graça de Deus é um ministério reconhecido pelo trabalho do Missionário R. R. Soares, ao disseminar a Palavra de Deus e realizar milagres por meio da fé. A IIGD transmite sua palavra por meio da Rit Tv e de 18 retransmissoras Am e FM espalhadas pelo Brasil, ainda conta com revistas e livros próprios.	A Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) possui mais de 5 mil templos no Brasil.
<b>Igreja Renascer em Cristo</b>		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://www.renascerecristo.com.br/">https://www.renascerecristo.com.br/</a>	A Igreja Renascer em Cristo é um ministério que busca a restauração total de vidas por intermédio de Jesus Cristo. Nasceu em 1986, em São Paulo, na casa do Apóstolo Estevam Hernandes e da Bispa Sonia Hernandes. O casal acolheu 12 jovens drogados, que receberam cuidados e amor, tendo suas vidas totalmente transformadas. Desde então, a Igreja cresceu, abrindo portas em todo o país e em diversas nações. A Renascer possui uma rede de rádio e televisão que leva a mensagem transformadora do Evangelho 24 horas por dia. Além disso, realiza obras assistenciais, como o Centro	A Renascer tem 315 templos, a maior parte deles (214 dos 315) no estado de São Paulo

	Assistencial Bispo Tid Hernandes, a Associação Renascer Angola, O2 Anunciar, Fé com Obras e o Expresso da Solidariedade, que distribui mensalmente toneladas de alimentos para comunidades carentes	
Igreja Mundial do Poder de Deus		
<b>Endereço do Site</b>	<b>Descrição</b>	<b>Localização</b>
<a href="https://impd.org.br/">https://impd.org.br/</a>	A chamada ministerial da Igreja Mundial do Poder de Deus começa com a vida de seu fundador, o Apóstolo Valdemiro Santiago. a Igreja Mundial do Poder de Deus tem trabalhado em prol de alcançar vidas, indiferente de fronteiras e estados, para anunciar o evangelho, que significa boas novas. Segundo a Palavra de Deus, a bíblia, o ser humano foi criado para Adorar e Servir a Deus, desde o Jardim do Éden e sua conexão foi perdida pelo pecado. Entretanto, Deus, em sua infinita misericórdia e na maior prova de amor existente, enviou Seu Único Filho em sacrifício para redimir a humanidade e nos religar novamente com Ele	A Igreja Mundial do Poder de Deus conta com cerca de 6.000 templos divididos entre Brasil e demais países do mundo.

Fonte: Adaptação dos sites pentecostais (2024)

Como observado na tabela 04, as igrejas evangélicas foram seccionadas de acordo com seu período genealógico no território brasileiro, evidenciado na tabela 03. As primeiras sete congregações Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Luterana - IECL, Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Metodista do Brasil, Igreja Batista do Brasil e Igreja Luterana do Brasil - IELB são linkadas ao Protestantismo Histórico, nesse sentido seus princípios e leis usualmente estão conectado a sociedades europeias, amplamente anticatolicistas e tem uma

consolidação periódica ampla devido a cronologia em que estão agindo sobre determinados espaço.

As igrejas Congregação Cristã no Brasil e Igreja Assembleia de Deus estão vinculadas aos preceitos Pentecostal Clássico, ligadas a autodisciplina, eliminação dos prazeres carnis e físicos se mantendo puro para Deus criando uma comunidade de escolhidos para a sacralidade. As igrejas Avivamento Bíblico, Igreja Evangelho Quadrangular, Igreja Brasil para Cristo, Igreja Deus é amor e Igreja Casa da Bênção são vinculadas as nuances Pentecostal de segunda vertente que acredita nos milagres e demônios expulsos dos corpos, o demônio como influenciador de mãos hábitos e cabe a igreja expulsar esses maus das corporeidades por meio de jejuns e oração.

Já as igrejas Sara Nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Mundial do Poder de Deus Neopentecostal estão ancoradas em uma ideologia da prosperidade, e sua genealogia são predominantemente interconectadas ao Brasil, tendo seu desenvolvimento em território nacional geralmente seus fundadores eram integrantes de outras denominações religiosas e por conflitos internos á deixam e fundaram sua própria congregação.

A utilização da pesquisa em meio digital revelou modos de operação comuns entre todas as vertentes, sendo elas: a utilização de veículos de comunicação como, canais de televisão próprio da denominação religiosa, onde se pode filtrar os conteúdos e notícias vinculadas, fazer propaganda das obras e buscar arrecadar fundos de doações e criar personalidades líderes da congregação. A utilização dos canais de rádios AM e FM funciona do mesmo modo operante. Algumas igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Deus é amor, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus compreenderam o contexto da contemporaneidade e o poder da internet, assim essas congregações mantem contas nas redes sociais ativas instigando a participação do chamado grupo de jovens com postagens diárias, outro ponto é produção de podcasts que corroboram com a disseminação da palavra.

Nesse sentido, a figura de um líder que guiara a comunidade nos preceitos de Deus é fundamental. Em todas as denominações essa é uma figura importante, composta geralmente por um casal ou por uma figura masculina que defende os direitos e morais familiares apontados pela bíblia. Outro ponto nos sites, são a existência de testemunhos que demonstram as maravilhas causadas pela igreja, temáticas como: drogas, prostituição,

destransição de gênero, saída da comunidade LGBTQIAPN +, cura de doenças etc. Essas são as temáticas mais tocadas nos vídeos de testemunhos, que estão presente nos sites, de modo a evidenciar esse processo selecionamos quatro testemunhos que marcaram a pesquisa e seguem os preceitos de organização e disseminação das igrejas pentecostais.

**1º Testemunho** - Meu nome é Luiza, tenho 25 anos e agradeço pela direção que o Espírito Santo lhe deu para que escrevesse o livro, A Mulher V, e, desta maneira, atingisse milhares — ou milhões — de mulheres pelo mundo.

Quando não conhecia a DEUS, pensava que para ser notada pelos homens tinha que andar “praticamente pelada”. Usava roupas decotadas, curtas (tudo ao mesmo tempo). Adorava quando os homens “viravam o pescoço” para me olhar — achava que estava “abalando”. Ficava com um rapaz, depois com outro e assim ia vivendo a vida. Nunca cheguei a namorar sério com rapaz algum, só “ficava” e tchau. Na maioria das vezes, me vestia decentemente, porém, quando saía para balada, ia “daquele jeito”. Mas com o passar do tempo, vi que essa vida não me acrescentava absolutamente nada. Passei por muita coisa nessa vida, dona Cris. Durante 4 meses, fui garota de programa, e só não morri pela misericórdia de DEUS. É um mundo de muita imundície. Mas DEUS me resgatou do inferno e me levou para a luz.

Fonte:<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/de-ex-prostituta-a-mulher-v%E2%80%8F/>

**2º Testemunho** - Uma criança atormentada, que via criaturas ameaçadoras na fisionomia dos pais. Parece roteiro de um filme de terror, mas isso acontecia com Luiz Alberto dos Santos por volta dos dez anos de idade. “Eu gostava muito de jogar bola, mas meus pais não deixavam. Em ocasiões assim, espíritos malignos me perturbavam, fazendo com que eu visse meu pai e minha mãe transfigurados. Era como se monstros estivessem estampados no rosto deles, e eu os ouvia dizendo que me espancariam quando eu estivesse dormindo. Aterrorizado, fugia de casa. Certa vez, fiquei escondido durante quatro dias, deixando-os desesperados”. Esse tormento espiritual acompanhou Luiz Alberto até os 14 anos. Pouco tempo depois, ele piorou: começou a beber, fumar e consumir outras drogas. Tudo declinou ainda mais quando, um tempo depois, ele se tornou padeiro e confeitiro e recebeu uma proposta para trabalhar em outro estado. O abismo se aprofundava: “Vivia perdendo o emprego e, sem salário, não conseguia pagar o aluguel do imóvel onde eu morava. Sem ter como me manter, fui morar nas ruas.” Em locais públicos, Luiz apanhou de pessoas más e se alimentava de detritos. “Eu revirava lixeiras em busca de comida.

Um dia, vi um cachorro comendo uma quentinha que deixaram na calçada. Esperei que o cão ficasse satisfeito e, quando foi embora, fui lá comer o resto deixado por ele.” A história de Luiz Alberto começou a ser reescrita quando ele foi evangelizado na rua. “Senti vontade de conhecer a Igreja da Graça e comecei a participar dos cultos, inclusive das reuniões de Libertação.” Na Igreja, ele foi aprendendo a Palavra, praticando a fé e se libertou. “Tornei-me membro da casa de Deus e obreiro logo depois. Hoje, sou ministro de louvor na IIGD em Pedra de Guaratiba (Estrada da Pedra – 4652, no Rio de Janeiro). Sou abençoado, pois Deus me salvou e me deu um trabalho e uma família. Sem Ele, não sou nada.”

Fonte: <https://www.ongrace.com/noticias/comia-resto-de-comida-de-cachorro/>

**3º Testemunho** - Ex-trans relata conversão após ouvir a voz de Deus: “Eu te criei homem”. Após realizar a cirurgia de transição de gênero, Robert Diego confessou: “Deus, o meu pecado afetou gerações”. ele contou que cresceu em uma família humilde e passou a frequentar uma Assembleia de Deus com a irmã, aos 7 anos. Lá, ele recebeu uma profecia: “Você vai dar a volta em muitos lugares e quando você estiver achando que é o seu último dia de vida, Eu vou vir e vou te resgatar, porque Eu te escolhi, Eu te amo”, relembrou Robert. “Eu nunca tinha ouvido: ‘Eu te amo’. Então, eu chorei muito. Eu sabia que essa palavra existia, mas quem disse para mim pela primeira vez foi Deus”, acrescentou. Robert destacou que, como o pai e a mãe eram separados, ele não tinha uma figura masculina de referência: “Os homens só tinham duas referências para mim: ou eles me humilhavam e me ofendiam ou tocavam o meu corpo de criança”. Para ele, essa era uma demonstração de amor e, a partir dos filmes pornográficos que teve contato durante esse período, Robert associou que ser mulher era bom, pois elas recebiam “amor”. “Quando um homem não se posiciona, outros homens virão e na grande maioria são os abusadores, porque eles não estão tão longe assim — eles estão mais próximos do que a gente pensa”, destacou ele. Em 2001, quando tinha 15 anos, Robert contou que a série “Malhação”, que era exibida pela TV Globo, apresentou um personagem que vivia a mesma crise de identidade que ele. “Ele era homossexual e depois que eu vi, eu pensei: ‘Agora eu sei quem eu sou’”, contou Robert. Um dia, sua tia o levou na casa de um homossexual mais velho, que o orientou a conhecer outros gays na cidade. Em 2010, Robert fez a cirurgia de transição de gênero em Bangkok, capital da Tailândia. “Com 16 anos, eu transicionei e virei uma mulher trans. Com 17 anos, eu já tinha feito as cirurgias plásticas necessárias e, com 18 anos, já não morava mais no Brasil”, disse ele. Enquanto

morava no exterior, Robert viveu em baladas, se prostituindo e consumindo drogas. Nesse período, ele frequentou o candomblé e relatou diversas experiências malignas. Encontro com Deus Até que, na virada do ano de 2012 para 2013, ele relatou: “Eu ouvi uma voz nitidamente dizer: ‘Esse é o seu último ano de vida. Esse ano, você vai descer à sepultura’”. Um dia, depois de consumir muita droga enquanto se prostituía com um “cliente”, ele travou em cima da cama e ouviu novamente a voz que havia escutado na virada do ano: “Quando eu deitei, meu corpo travou. Quando eu pensei: ‘Eu acho que eu vou morrer’, a voz da virada do ano falou comigo de novo: ‘Chegou o dia’”. Sem eu merecer, eu vi que Deus cuidou de todos os meus passos. Então, a minha maior gratidão é pelas mãos Dele estendidas sobre a minha vida”, declarou. Robert também refletiu sobre o papel da igreja em sua vida e encorajou a todos que pensam “vou viver assim, e um dia eu aceito Jesus” a se entregarem ao Senhor enquanto há tempo: “Não vale a pena a gente contar com a sorte, vale a pena a gente contar com Deus”.

Fonte: <https://guiame.com.br/gospel/testemunhos/ex-trans-relata-conversao-apos-ouvir-voz-de-deus-eu-te-criei-homem.html>

**4º Testemunho:** Maria Aparecida Aguiar, 58 anos, moradora de Caculá, Bahia. Veio até a Cidade Mundial dos Sonhos de Deus, Brás, para buscar a cura do câncer para sua querida filha Rosileide Aguiar De Oliveira de apenas 36 anos. “Minha filha descobriu que estava com câncer no útero, e a partir deste dia a vida dela acabou, ela só chorava, e infelizmente entrou em depressão. Então eu peguei carona com os meus parentes que estavam vindo para São Paulo, porque tinha a certeza que aqui na Igreja Mundial do Poder de Deus encontraria a cura para minha filha” relata Maria Aparecida. “Quando cheguei na igreja estava com muita fé, e consegui dois abraços do Bispo Jorge Pinheiro, e naquele momento, tive a certeza que minha filha recebeu a cura lá na Bahia.” diz mãe de Rosileide. “Quando cheguei lá na Bahia, ela estava bem, então fomo para o hospital fazer os exames, o médico surpreso com o resultado disse: Aqui consta que você nunca teve câncer, o seu útero está limpo” finalizou Maria Aparecida. A mãe de Rosileide, louvou e glorificou ao senhor pelo milagre recebido no altar da Cidade Mundial dos Sonhos de Deus.

Fonte: <https://impd.org.br/milagres/2324>

Como observado nos relatos a temática da cura e libertação é algo comum nas narrativas criadas pelas igrejas, vale ressaltar que optou-se por transcrever os relatos do modo como eles são expostos nos websites, para que possamos perceber a ordem do

discurso acionada por esses líderes religiosos e como eles afetam o cotidiano dos fieis. Portanto, os quatro relatos acionam temas complexos como: prostituição, pessoas em situação de ruas com vícios, de transição de gênero e cura. Essas são temáticas muito exploradas nos relatos e revelam os modos operante das igrejas Pentecostais, que utilizam essas narrativas como forma de evidenciar as mudanças que Deus pode causar na sua vida. desde que você esteja disposto a abdicar dos prazeres carnis.

Nesse sentido, vamos ao encontro a afirmação de Natividade (2006, p. 12) que as corporeidades são limpas “[...]ao fazer uso das noções de corpo carne e corpo templo, ideias presentes com maior ênfase na literatura sobre batalha espiritual, mas também em livros (e contextos rituais) que focalizam a cura”. Tal ideia de corpo templo foi amplamente observada nos relatos que a partir da limpeza um novo paradigma foi vivido pelas corporeidades. Assim a etnografia em meios digitais serviu como fio condutor de reflexões sobre as vivências nas comunidades pentecostais onde uma cosmologia cria-se e doutrinas são perpassadas entre seus frequentadores que devem aderir um corpo asséptico, livre do pecado e agradar os preceitos de Deus.

## **6. DISCURSOS NOS SITES DE IGREJAS NEOPENTECOSTAIS SOBRE TRANS E TRAVESTIS S: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO**

Como os discursos religiosos neopentecostais moldam a identidade e a percepção de travestis e trans dentro de uma “lógica de assujeitamento” (GONÇALVES, 2009)? Quais são os mecanismos discursivos utilizados nas igrejas neopentecostais para vincular promessas de superação pessoal e como isso afeta a adesão e a exclusão?

Uma hipótese preliminar é a de que o assujeitamento presente nos discursos religiosos neopentecostais promove uma reconfiguração da identidade sofrida, em que a promessa de felicidade e realização pessoal, sustentada por interpretações bíblicas específicas, exerce um papel central na aceitação e internalização dessas crenças.

A partir dos seus resultados e dos dados coletados, esta pesquisa pretende chegar a interpretações mais concretas sobre tais questões. Por um lado, será possível traçar uma linha cronológica do discurso neopentecostal sobre diferentes fatos e temas relacionados ao enfoque da pesquisa.

Trata-se de uma análise de conteúdo sobre o discurso referente ao universo trans e travestis nos sites das igrejas Universal do Reino de Deus, Sara Nossa Terra, Bola de Neve e Deus é Amor. Considerando que esses sites são plataformas centrais na disseminação de mensagens que visam a orientar os fiéis sobre questões morais e espirituais, incluindo a visão sobre travestis e pessoas trans, acabam por desempenhar um papel significativo na criação de comunidades online em que as interações, mensagens morais e de conduta, comentários acerca de notícias internacionais e os testemunhos de transformação pessoal são frequentemente compartilhados, reforçando a mensagem e autoridade institucional.

A análise de conteúdo é uma metodologia que permite examinar e compreender o conteúdo dos documentos, revelando aspectos e fenômenos específicos que seriam difíceis de acessar de outra forma (OLABUENAGA e ISPIZÚA, 1989). Além de ser uma abordagem adaptável e flexível, esse método tem a capacidade de revelar dados geralmente latentes nas mensagens transmitidas pelos comunicadores. Os atores sociais geralmente estão atrelados a uma interpretação complexa das percepções, que pode ser abordada com relativo sucesso através dessa técnica metodológica e das possibilidades que ela oferece. Dessa forma, pela análise do conteúdo, o sujeito, o objeto e a teoria encontram-se em movimento contínuo.

Optou-se, sobretudo, por dados dos últimos seis anos, ou seja, de 2018 até 2024, período que abrange o antes, o durante e o depois da pandemia. A análise cobre esse tempo que compreende transformações significativas na dinâmica social, quando a digitalização das atividades religiosas se intensificou. O período mencionado, portanto, foi escolhido a fim de fornecer uma compreensão de atitudes, enunciados e perspectivas das empresas neopentecostais em relação à comunidade trans e travestis ao longo dos desafios dos últimos tempos.

## 6.1 Resultados

No site da Igreja Universal do Reino de Deus, foram encontrados 38 resultados para as palavras-chaves "travestis /travestis s", de 2013 a 2024; 27 resultados para "transexual/transexuais", de 2011 a 2023; 52 resultados para "transgênero/transgêneros", de 2018 a 2024; 19 resultados para "trans", de 2017 a 2023.

No site da Sara Nossa Terra, foram encontrados 3 resultados para as palavras-chaves "transexual / transexuais", de 2015 a 2019; 5 resultados para "travestis / travestis s", de 2015 a 2018; 9 resultados para "transgênero / transgêneros", de 2016 a 2021; 3 resultados para "trans", de 2019 a 2024; nenhum resultado para as palavras-chaves "transexual / transexuais", "travestis / travestis s" e "transgênero / transgêneros".

**Tabela 05:** Frequência diferencial de menções à transexualidade e travestis lidade em cada igreja

<b>Palavras-chave</b>	<b>Igreja Universal do Reino de Deus (%)</b>	<b>Sara Nossa Terra (%)</b>
Travestis /Travestis s	27.94%	25%
Transexual/Transexuais	19.85%	15%
Transgênero/Transgêneros	38.24%	45%
Trans	13.97%	15%

Fonte: elaboração nossa (2024)

Os números mostram que as igrejas neopentecostais dão bastante importância às questões envolvendo gênero, sexualidade, trans, travestis e correlatos, ainda que de maneiras diferentes, conforme veremos.

Resultados preliminares no site da Sara Nossa Terra mostram simples repliques do tipo copia-e-cola de notícias que já prepararam o que seria relevante para seus donos e membros. Por exemplo, de que a prefeitura de São Paulo, com o então prefeito Fernando

Haddad, pagaria um salário mínimo a travestis (em grande parte em condições de rua), replicada sem opinião ou críticas d'*O Globo* (PREFEITURA..., 2015), ou então a notícia (com fonte do site Gospel Prime) em forma de alerta de que pastores que atuam como conselheiros voluntários em prisões no estado de Kentucky (EUA) seriam proibidos de se referir ao comportamento homossexual e a transgêneros como "pecado" em meio às discussões daquele país sobre o casamento gay (PASTORES..., 2015).

Há também mero cópia-e-cola de *fakenews* da *Revista Oeste*, identificada com o conservadorismo e com a extrema-direita, sobre uma performance do cantor não-binário Sam Smith e de Kim Petras, artista trans, durante a 65ª edição do Grammy Awards, patrocinada pela Pfizer, associando, portanto, uma suposta representação de Satanás durante a música com investigação do CDC "para saber se as vacinas contra a COVID-19 da farmacêutica estão provocando derrames em idosos" (Sam..., 2023).

Uma "notícia" também no site da Sara Nossa Terra sobre "área gospel" no carnaval de Olinda a coloca como "contraponto" ao polo de "Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis s, Transexuais e Transgêneros (LGBT)" (Olinda..., 2017). Essa colocação do polo gospel como contraponto ao polo LGBT+ já revela muito sobre os resultados da pesquisa e reflete uma dicotomia cultural e ideológica presente no moralismo cristão, em que questões relacionadas à sexualidade e religião muitas vezes são polarizadas.

Em contraposição, replicou do Gospel Prime notícia de que, segundo uma pesquisa de 2016 de David Giles, gerente de mídia social e internet do Exército da Salvação, embora um terço dos cristãos não goste de compartilhar sua fé nas mídias digitais, grupos LGBT usariam o Facebook para debater os ensinamentos do cristianismo e desenvolver amizades com crentes, destacando que talvez essas conversas não ocorressem abertamente no ambiente da igreja (Um terço..., 2016). Esse aspecto sublinha a potencialidade das redes sociais para facilitar diálogos que transcendem as barreiras encontradas nos espaços físicos tradicionais da sociedade e mesmo do culto neopentecostal.

Uma notícia de 2013 da BBC Brasil foi replicada pelo site da Sara Nossa Terra em 2017 sobre a decisão da Alemanha de permitir o registro de um terceiro sexo nas certidões de nascimento (Alemanha..., 2017). O texto é copiado e colado sem interferências, a não ser no título que é levemente mudado, o que demonstra mera atenção a certas notícias sobre o tema pesquisado e suas palavras-chaves, ou talvez tenha sido compartilhado em *link* nas redes à época com alguma opinião mais incisiva enquanto "alerta".

Às vezes, no site da Universal, as palavras-chaves são identificadas *en passant*, levam a textos sem maiores julgamentos. Por exemplo, discutindo a falta de ética nos negócios, em matéria sobre a crise econômica da família Civita, trata do fato da cartunista transsexual Laerte, "uma das principais do país", ter sido atacada por um dos colunistas de uma revista da Editora Abril (A falência, 2017), ou quando veicula casos de denúncias a padres da Igreja Católica por abuso sexual, apresentando o relato de uma das vítimas, "por acaso" transsexual (Jovens, 2019). Esse teor isento também se encontrou nas abordagens por certas ruas de diversas cidades de "obreiros" voluntários da igreja diante de prostitutas e transsexuais, sobretudo durante a pandemia, conforme veremos mais adiante.

Os resultados são apresentados com base em relatos em primeira pessoa e em "notícias". Nos próprios sites das igrejas mencionadas, muitas vezes há textos em formato de "notícias" que pretendem-se sérios ou textos avulsos (em blogs dos bispos e membros) em primeira pessoa que são supostamente de fiéis. Em ambos os casos, os fiéis "protagonistas" são de países estrangeiros e do Brasil. As "notícias" também referem-se a fatos e questões do mundo todo, ou seja, de relevância mundial e perfazem a maior parte dos resultados encontrados.

No site da Sara Nossa Terra, a área de notícias é vinculada à nomeação "blog", enquanto o site da Universal "separa" bem os blogs de pastores da área das "notícias", supostamente mais séria e menos informal, e que possui ao menos oito opções: "Todas Notícias", "Notícias da Universal", "Vida a Dois", "Fim dos Tempos", "Ação Social", "Comportamento", "Em Foco" e "Folha Universal".

Ressalte-se que, enquanto os textos que se passam por "notícias" do site da Universal são "originais" e com aparente acabamento "jornalístico", com exceção da área de blogs, o site da Sara Nossa Terra, em praticamente todas as páginas encontradas na pesquisa, há meramente cópia e cola de "notícias" de outros sites.

Dessa forma, a análise foi dividida da seguinte forma:

- Relatos ou "testemunhos" de ex-travestis s;
- "Notícias" sobre ações sociais envolvendo travestis antes e durante a pandemia;
- "Notícias" e relatos sobre transição e "destransição";
- "Notícias" contra a "ideologia de gênero";
- Material sobre "Jesus travestis ".

Uma das categorias identificadas na análise é a dos relatos ou “testemunhos” de ex-travestis. Esses depoimentos, geralmente em primeira pessoa, narram experiências pessoais de indivíduos que suposta ou realmente deixaram de se identificar como travestis. Esses testemunhos, sempre carregados de experiências negativas mais ou menos padronizadas, costumam enfatizar uma transformação ou redenção pessoal, muitas vezes associada à conversão religiosa ou a um novo entendimento espiritual. Veremos que no site da Universal é possível encontrar opiniões favoráveis à inclusão sexual, embora obviamente as opiniões contrárias prevaleçam como conclusão final. Além disso, não são mostrados relatos positivos sobre experiências trans para contrapor.

Outra categoria significativa é a das “notícias” sobre ações sociais envolvendo travestis antes e durante a pandemia. Essas notícias, identificadas apenas no site da Universal, pois esta igreja investe amplamente em tais ações, destacam iniciativas sociais, caritativas ou comunitárias realizadas para supostamente ajudar populações vulneráveis, inclusive a população travestis que se prostitui nas ruas junto a prostitutas cis, especialmente em tempos de crise, como a pandemia de COVID-19. Tais ações são retratadas para passar a imagem de compromisso social das igrejas com os mais vulneráveis.

A terceira categoria abrange “notícias” e relatos sobre transição e “destransição”. Esses textos discutem tanto o processo de transição de gênero quanto os casos de “destransição”, quando indivíduos que haviam passado pela transição de gênero decidem reverter esse processo. Os resultados identificaram casos estrangeiros, sobretudo dos EUA, e não há maiores informações em português a não ser nos sites das igrejas, que os “importam” exclusivamente. Os relatos buscam oferecer uma perspectiva sobre os desafios e as motivações por trás dessas decisões, sempre com “opiniões” de supostos especialistas, nomes repetidos em várias páginas sem direito ao contraditório e sem opinião de outros especialistas mais renomados. Ou seja, a religião apropria-se de um pseudocientificismo.

Há também uma categoria de “notícias” que se posicionam contra a chamada “ideologia de gênero”. Esse material revela uma verdadeira cruzada moral que critica as teorias e práticas associadas à identidade de gênero, sempre apresentando argumentos baseados em doutrinas religiosas ou valores conservadores, mesmo quando em nome da educação, do desenvolvimento biológico e psicológico e correlatos. Essas “notícias” visam alertar e conscientizar os fiéis sobre os supostos perigos dessa “ideologia”, que

seria disseminada pela mídia, por escolas e pela cultura das artes e do entretenimento internacional.

Finalmente, foi identificado algum material referente à imagem de "Jesus travestis". Este é um tema particularmente polêmico e é abordado em textos que tentam discutir a ideia de Jesus como travestis, seja para confrontar ou apoiar essa noção. Esses textos não variam amplamente em tom e conteúdo, refletindo um debate intenso e, muitas vezes, controverso dentro e fora das comunidades religiosas.

A análise dos resultados revelou uma ampla gama de categorias temáticas, todas interligadas por uma perspectiva religiosa e social sobre a questão dos travestis e da identidade de gênero. A diversidade de narrativas e enfoques aponta para um diálogo complexo e multifacetado dentro e fora das igrejas, abordando desde transformações pessoais até debates teológicos e sociais.

## 6.2 Relatos (“testemunhos”) de “ex-travestis s”

O testemunho é um momento fundamental da mudança de vida e da conversão nas igrejas evangélicas, porque é o momento em que os fiéis descrevem o "antes", marcado por miséria (seja física, econômica, moral, espiritual) e o "depois" (representado sempre por superação, alívio, conforto, e mesmo sucesso material, emocional, espiritual) (Oliveira *et al.*, 2010, p. 63). Segundo Oro (2001, p. 73), o neopentecostalismo possui “[...] ênfase em rituais emocionais”, ou seja, por meio do testemunho, acaba por promover identificação com os enunciadorees, que se tornam participantes do culto.

A pesquisa devolveu diversos supostos relatos de “ex-travestis s”, brasileiros e estrangeiros, às vezes denominados apenas pelo primeiro nome, às vezes com sobrenome e fotos de “antes” e “depois” da conversão.

Mesmo antes do recorte temporal, alguns relatos no site da Universal chamam a atenção preliminarmente:

- A história de um denominado Luiz, "ex-travestis" no blog de Edir Macedo (Luiz..., 2013), não se sabe se fictícia ou não, abandonado em um orfanato e que caiu no mundo da prostituição, drogas e crimes, encontrando suposta saída na Universal de Sítio Cercado (PR) com o apoio da comunidade religiosa.
- Pergunta de uma noiva ao bispo Renato Cardoso ao descobrir que seu noivo se envolve com travestis e prostitutas, ao que é julgada em diversos pontos e aconselhada a começar a "Terapia do Amor" (Meu noivo..., 2014). Esse tipo de relato, de mulher casada ou noiva que descobre que seu marido/noivo a trai com

travestis s, repete-se anos depois, às vezes em programas televisivos da Universal e mostrados em blogs de pastores, em outros relatos muito parecidos (Não..., 2019; ENTRELINHAS..., 2019; Ela tem..., 2022).

- O relato de Márcio, um suposto ex-travestis , que agradece à Universal, antes tão criticada por ele, por tê-lo ajudado a se "libertar" da "escravidão do homossexualismo" (Tempos..., 2014).
- Alguns relatos intitulados "Parecia impossível mudar..." no blog de Edir Macedo, apresentando diretamente o texto em primeira ou terceira pessoa, assinado, e com respectivas fotos de rapazes brasileiros e estrangeiros em "antes" (transexuais) e "depois" (vestidos com roupas masculinas e sem maquiagem). Em quatro relatos coletados (Parecia..., 2015; Parecia..., 2016; Parecia..., 2017; Ele..., 2017), há uma linha em comum e uma tônica dominante: sofreram passado de abusos sexuais, família desestruturada, tendo sido criados como meninas, em meio à violência, preconceito, vícios e prostituição, encontrando suposta redenção para seus sofrimentos apenas após assistirem a TV Universal, quando se converteriam nas reuniões religiosas e abandonariam a versão transexual.
- Ainda no blog de Edir Macedo, uma postagem intitulada "A história de um ex-travestis ", trazendo uma foto da transexual e um vídeo de Michael Bermudes, falante de língua espanhola, já de cabelo curto, sem maquiagem e vestindo roupa masculina em depoimento em vídeo no *YouTube* (A história..., 2017).

Esses relatos se seguem nos anos posteriores no site da Universal, ora em primeira pessoa, ora enquanto notícia escrita por terceiros. Nesta última forma, ocorre sobretudo quando envolve nomes famosos, fatos nacionais e internacionais maiores ou documentários.

O depoimento de Bertony Souza, por exemplo, aparece em pelo menos três páginas no site da Universal em forma de notícia, com fotos e vídeos de relato (Parecia..., 2017; Ele..., 2017; “Eu fazia...”, 2018). Há fotos de seu “antes” (transgênero) e “depois” (orando na igreja). É apresentado que sua família "frequentava casas de encostos", que foi abusado sexualmente aos 5 anos e que começou a tomar hormônios femininos aos 12 anos de idade por não se aceitar como homem, que fazia “cerca de dez programas por noite”, tendo ligado a rádio "em um dia de aflição" e ouvido a programação da Universal, "o que o motivou a participar de uma reunião" ("Eu fazia"..., 2018).

Outro "ex-travestis ", com então 33 anos, de nome Luis da Silva Filho, participou do programa "Morning Show", transmitido pela TV Templo, relatando sua vida marcada pela prostituição, vícios, abusos, violência e problemas psicológicos, tendo se transformado após entrar na Universal (Conheça..., 2021). Ao final, o texto em formato de "notícia" pergunta se o leitor se identificou com aquela história e que pode encontrar um templo da Universal mais próximo clicando num determinado link para participar também de um "encontro de fé".

Uma "jovem americana, de 18 anos", teria se arrependido de ter feito cirurgia de redesignação, porque "estava cortando fisicamente meu verdadeiro eu" (Inconscientemente..., 2022). O texto em questão não é relato direto, mas em formato de notícia, que também afirma, pela boca de uma professora de educação infantil que participara do programa "Fala Que Eu Te Escuto" (programa da Igreja Universal transmitido na TV Record), que a "ideologia de gênero vai contra a ciência" (ibidem). Essa intersecção temática entre "ideologia de gênero" e conquistas trans é muito comum no site da Igreja Universal, conforme será melhor visto mais adiante na próxima categoria.

Um caso de arrependimento de mudança de gênero, envolvendo Michelle Zacchigna, uma mulher transgênero no Canadá, noticia que, após remover útero e seios, processa oito profissionais de saúde, incluindo médicos, psicólogos e psicoterapeutas, alegando ter sido influenciada pela internet e pela comunidade LGBT a "acreditar" que era um homem transgênero (Ex-Transgênero..., 2023). O texto termina afirmando que esse não é um caso isolado e que no mundo todo pessoas têm se "arrependido da mudança de gênero" (ibidem).

E, de fato, apresenta link para outra notícia divulgada na *Newsweek* e no programa *60 Minutes* sobre disforia de gênero envolvendo jovem dos EUA que relatou arrependimento após cirurgia de transição (Jovem..., 2021). Esse texto afirma ainda que, durante reportagem do *60 Minutes*, mais de 30 jovens supostamente arrependidos foram entrevistados e que em um grupo de mídia social cerca de 19 mil compartilham "experiências desastrosas que tiveram ao mudarem de gênero" (ibidem).

Uma outra notícia, ainda no site da Universal, afirma que jovem ex-transgênero de 19 anos, arrependida da transição, "teve conta censurada no Instagram" (Ex-Transgênero é..., 2023). Além disso, o texto relata que está processando o sistema de saúde Kaiser Permanente por realizar os tratamentos cirúrgicos quando era ainda mais jovem. Chloe Cole, que agora se identifica novamente como mulher, faz apelo ao

Congresso Americano para que impeça que outras crianças se tornem "vítimas" de tratamentos transgêneros (ibidem).

O testemunho de Larissa de Andrade mostra uma moça sorridente com a seguinte lide: "Saiba como ela se livrou das dores do passado" (Eu tinha..., 2020). Tendo sofrido transtornos mentais, emocionais e físicos e abusos desde cedo, envolveu-se com drogas e alunos problemáticos na escola:

“Eu tinha confusões na minha mente sobre quem eu era. Me sentia revoltada por tudo que aconteceu comigo e não me aceitava. Cheguei a me mutilar para chamar atenção e pôr para fora o vazio que eu sentia. Foi quando comecei a ter complexos e passei a acreditar que como mulher jamais seria feliz, pois não poderia me defender. Comecei a alimentar desejo por mulheres e me envolvi com uma na escola”, recorda.

Depois desse episódio, Larissa mergulhou de cabeça em festas e baladas e o desejo de se parecer fisicamente com um homem se intensificou. “Comecei a fazer academia e a tomar suplementos e hormônios masculinos, para que pudesse crescer músculos e pelos em mim. Pesquisava cirurgias que me tornaria uma transexual. Eu me perdi dentro de mim mesma”, diz.

A "luz no fim do túnel" foi ter acompanhado a mãe e a irmã num culto da Universal, onde teria sentido paz e onde passou a frequentar as "correntes": "Comecei a acreditar em mim e na Palavra de Deus. Abandonei meu passado: as pessoas tóxicas, a casa, os relacionamentos, as roupas e os costumes. Compreendi que Deus tinha um propósito em minha vida" (idem).

Curiosamente, no site da Sara Nossa Terra não foram localizados relatos em primeira pessoa de ex-travestis que possam ter se convertido. Fora da seara pessoal, o site dessa igreja concentra-se sobretudo em textos de formato notícia para questões de maior repercussão, conforme veremos mais adiante na pesquisa.

### *6.2.1 “Notícias” sobre ações sociais da Universal antes e durante a pandemia*

Em uma notícia sobre o Dia Internacional do Voluntário, o site da Universal informa sobre ações de solidariedade no mundo todo e lista diversos programas sociais da igreja, incluindo o "EVG Night", que, segundo o site, "oferece assistência a garotas de programa e travestis s" (Dia..., 2018).

O programa foi criado em 2018 para "oferecer apoio social às garotas de programa e travestis de todo o Brasil": “Toda sexta-feira à noite, os voluntários visitam pontos específicos de prostituição, como becos, vielas e avenidas nas proximidades de boates e motéis” (Em Roraima..., 2019). Travestis e garotas de programa recebem de voluntários

(chamados de “obreiros” e “evangelistas”) bíblias, exemplares de livros de Edir Macedo e da Universal, kits de higiene, lanches, cestas básicas, além da possibilidade de assistência de médicos, advogados, enfermeiros e psicólogos (idem).

Ainda segundo o site da Universal, a EVG Night, em 2019, "beneficiou 8.806 pessoas deste grupo [garotas de programa e travestis s], com ajuda social, orientação jurídica e apoio emocional" (Universal..., 2019). Segundo o bispo Renato Cardoso, “em número de beneficiados, os programas sociais da Universal já representam quase um terço do Bolsa Família” (idem). Em 2021, segundo outra matéria, o EVG Night teria acompanhado "53.971 pessoas que foram lembradas do quão valiosas são para Deus e que Ele pode mudar a realidade de suas vidas" (A inegável..., 2021). Uma matéria posterior informa que o EVG Night teria ajudado, de 2018 a 2022, "194.296 pessoas no Brasil" (EVG Night..., 2022).

Abundam matérias sobre tais ações sociais, sobretudo durante a pandemia de COVID-19, em que diversos grupos sociais se tornaram ainda mais vulneráveis. Dessa forma, prostitutas, garotas de programa e travestis supostamente receberam ajuda humanitária dos voluntários da Universal, que distribuíram álcool em gel, máscaras e cestas básicas (COVID-19..., 2020), promovendo eventos inéditos que oferecem atendimento médico e jurídico (Evento..., 2020) e levando pelos bairros das cidades "apoio e fé para mulheres, travestis e homens que vivem da prostituição" (EVG..., 2021).

Num dos períodos mais críticos da pandemia, uma das notícias afirma que iniciativas da Universal "distribuíram 40 milhões de quilos de alimentos", um socorro que teria abrangido cidades do Brasil e também países com grande desigualdade social, como Índia, Burundi e Haiti, sendo que os números divulgados pelo site da igreja quanto às ações da EVG Night ("Apoio social a garotas de programa e travestis ") mostram-se expressivos naquele período, muito maiores do que os de 2018 (Em meio..., 2020; A cada..., 2021).

De acordo com uma dessas matérias:

Tendo a prostituição como a única fonte de renda, garotas de programa e travestis não conseguem obedecer à quarentena e ficam expostos ao risco de contágio pela COVID-19. Com o objetivo de ajudar na prevenção da doença, o EVG Night – programa social da Igreja Universal do Reino de Deus – incrementou as visitas a pontos específicos de meretrício, em todo Brasil, para prestar assistência social ao grupo (Evento..., 2020).

Essas notícias sobre a ação social da Universal valem-se, inclusive, de pesquisas importantes, concluindo o seguinte:

- Que 90% das prostitutas gostariam de mudar de vida (Evento..., 2020);

- Que, segundo a Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), 55% das garotas de programa se prostituíram para ajudar no sustento da família (Nas noites..., 2020);
- Que, de acordo com a revista *Psychiatric Times*, em artigo intitulado "Prostitution is Sexual Violence", 75% de pessoas envolvidas na prostituição já moraram na rua e que entre 85% a 95% daqueles que vivem na prostituição e desejam sair desta situação não têm meios alternativos de sobrevivência (EVG night..., 2022).

Trazendo ainda relatos de mulheres, travestis e homens em prostituição auxiliados pelos voluntários da Universal, as matérias reconhecem que esse grupo está exposto "cotidianamente a situações de risco, como o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e a violência das ruas" (Nas noites..., 2020).

No pós-pandemia, as ações continuaram em diversas cidades do país (Belém do Pará, Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo, Campinas foram algumas das notadas nas matérias). Numa delas, voluntários ofereceram gratuitamente a prostitutas aferição de pressão, manicure e corte de cabelo (Região..., 2022). A matéria inicia assim:

Muitas mulheres, travestis e transexuais, após encontrarem portas fechadas, recorrem à prostituição como forma de conseguirem recursos para se sustentarem. Tal decisão não é fácil e, além disso, eles precisam lidar com o preconceito e rejeição da sociedade. Por isso, os voluntários do EVG Night realizam ações e eventos para mostrar que a situação que eles vivem tem saída (EVG night..., 2022).

Segundo o pastor Ricardo Azevedo, responsável pelo grupo EVG Night no Templo de Salomão da Universal:

São pessoas rejeitadas pela sociedade, que enfrentam diversas dificuldades. Por isso, apresentamos a eles o Senhor Jesus, que está sempre de braços abertos. Na última sexta-feira, também oferecemos lanche e demos a caixinha de promessas (EVG night, 2022).

Matéria de 2022 informa que receberam kit de higiene, livros, lanches, além de atendimento médico e assessoria jurídica, sendo que a casa dos mais necessitados também chegou a ser visitada pelos voluntários (EVG night..., 2022). De acordo com uma das voluntárias, "Elas aceitam bem o trabalho do EVG Night. A maioria se emociona com o tratamento, o afeto e a atenção que recebem" (idem).

Em 2023, uma ação atendeu, segundo o site da Universal, "1,5 mil pessoas em 52 cidades brasileiras" (Garotas..., 2023). De acordo com o pastor Felipe Santos, "O rosto, que antes demonstrava desconfiança e dor, mostra confiança, alívio e paz. Elas têm de

volta a certeza de que terão a oportunidade de escrever uma nova história, pois tudo é possível através da fé” (idem). A matéria finaliza com o depoimento transcrito de duas garotas de programa de nome não identificado, uma de 39 anos, outra de 28 anos, sendo que a primeira teria dito o seguinte:

O café da tarde que recebemos é um momento muito especial, a presença dessas pessoas nos traz esperança de dias melhores. **Me sinto maravilhosamente bem, pois mesmo sendo trans, nunca fui discriminada.** A mensagem que eles trouxeram foi muito confortante (idem – grifo nosso).

Uma matéria do ano seguinte, informando os números e o alcance das ações da Universal em todo 2023, afirma que o EVG Night, "que acolhe garotas de programa e travestis s, concedeu suporte a cerca de 27 mil" (Universal..., 2024).

A atuação social, conforme se vê, continua após a pandemia, inclusive por meio de outro programa da igreja, o Universal Socioeducativo, que leva voluntários para prestar "assistência espiritual" nas unidades socioeducativas com o objetivo, segundo a própria Universal, de ressocializar jovens por meio de palestras, atividades esportivas, cursos, apresentações artísticas, doações, estendendo-se também aos familiares dos internos (Universal socioeducativo..., 2022). De acordo com a Folha Universal:

Além de unidades socioeducativas, o USE atua ainda em casas de acolhimento de crianças e adolescentes, casas de acolhimento de mulheres e transexuais e em comunidades carentes. “Levamos fé e esperança para pessoas que, muitas vezes, sofreram abusos ou abandono familiar e carregam traumas inimagináveis. Com base na Palavra de Deus, mostramos que a Fé inteligente é capaz de acolher, cuidar, sarar e transformar as suas vidas”, diz o Pastor [Ulisses Gomes, coordenador do USE]. (Universal socioeducativo..., 2022).

Neste ano de 2024, outra ação também ouviu as histórias de garotas de programa e travestis na rua, entregando lanches, cesta básica, kits de higiene, bíblias e exemplares do livro *Os Segredos e Mistérios da Alma*, de Edir Macedo (EVG night..., 2024). Há fotos de uma ação em que “obreiros” e “evangelistas” estão sentados com garotas de programa e travestis para ouvirem suas histórias, enquanto, em contrapartida, os voluntários da Universal citam a passagem bíblica

[...] Lucas 8:43-48, que fala sobre a mulher hemorrágica que tocou com fé em Jesus, todas puderam entender que, por mais que elas se sintam excluídas, assim como as mulheres com hemorragia de antigamente se sentiam, é possível que elas sejam agraciadas pelo poder de Deus (idem).

Ao final da matéria, o texto oferece três links:

- Um para saber mais sobre as ações da Universal no país e no mundo;

- Outro para se tornar voluntário, encontrando a igreja mais próxima para conversar com o pastor;
- Um último para ser um patrocinador, fazendo doação via PIX.

A pesquisa no site da Igreja Sara Nossa Terra não retornou notícias semelhantes relacionadas a ações sociais com enfoque em travestis s.

### 6.2.2 “Notícias” e relatos sobre transição e “destransição”

O site da Sara Nossa Terra noticiou em 2019 (com fonte do site Gospel Prime) que "Centenas de jovens transexuais estão buscando a 'destransição' no Reino Unido". Segundo o texto, Charlie Evans, uma mulher britânica de então 28 anos, identificando-se como "ex-transexual", lançaria uma instituição para ajudar na "destransição" de centenas de pessoas a fim de voltarem ao seu sexo biológico (Centenas..., 2019).

Não faltam matérias e supostos relatos a respeito. Um exemplo direto disso é a matéria no site da Universal "Bloqueadores da puberdade e cirurgias de mudança de sexo: quais os efeitos da transição de gênero?", responsabilizando, na lide, profissionais: "Pesquisa popular elege farmacêuticos e médicos como os responsáveis pelos efeitos" (Bloqueadores..., 2023).

A discussão se inicia com uma análise sobre os bloqueadores de puberdade, medicamentos que interrompem temporariamente o desenvolvimento sexual em adolescentes. Aponta-se que esses medicamentos são controversos por conta de efeitos colaterais e supostos impactos irreversíveis no desenvolvimento físico e psicológico (ibidem).

Além dos bloqueadores, o texto ainda coloca os possíveis riscos das cirurgias de mudança de sexo por conta da disforia de gênero (mastectomia, vaginoplastia e faloplastia). Problemas como complicações cirúrgicas, resultados estéticos insatisfatórios e a necessidade de cirurgias adicionais são apresentados. O texto conclui enfatizando histórias de arrependimento por conta de supostas decisões precipitadas e problemas contínuos no longo prazo (ibidem).

Em outra matéria, afirma-se já no título que "Centenas de crianças e adolescentes passam por transição de gênero em São Paulo" (Centenas..., 2023). Essa matéria vale-se de dados, que, segundo a lide, são "alarmantes", visto que as crianças não seriam capazes de "tomar uma decisão tão radical (ibidem). Um projeto de lei na Escócia deste ano discute tais questões, ao que a Universal “notícia” em tom alarmante que "Pais podem ser presos por recusarem transições de gênero dos filhos" (Pais..., 2024).

O caso de Kate Scottow, ocorrido na Inglaterra, "mas que se reflete também no Brasil" (Transfobia..., 2019), uma mãe de família foi detida por sete horas após se referir a uma pessoa transgênero pelo pronome masculino no Twitter. A ativista Stephanie Hayden, que defendia o direito de mudança de sexo apenas com laudo médico, acusou Scottow de transfobia, resultando em sua prisão por comunicação maliciosa.

Scottow, cuidando de seus filhos em casa no momento da detenção, afirmou não ser transfóbica e pediu a devolução de seus aparelhos eletrônicos, essenciais para seus estudos, que foram apreendidos pela polícia. Este caso ilustra as complexas interações entre preconceito enquanto "liberdade de expressão" e os direitos da comunidade transgênero, refletindo questões sociais e legais que se estendem também ao Brasil.

O texto no site da Universal possui título enfático: "Transfobia? Mãe é detida por usar pronome masculino no Twitter", mas a pergunta inicial coloca certa aparência de isenção que se pretende jornalística.

O episódio de Scottow é um exemplo de como a internet pode ser um campo propício para acusações rápidas e, muitas vezes, destrutivas. Casos semelhantes, como o do romancista Graham Linehan e do cantor brasileiro Nego do Borel, são colocados pelo texto no site da Universal como exemplos de que erros no uso de pronomes podem levar a acusações de transfobia, afetando gravemente a vida pessoal e profissional dos envolvidos (ibidem). A situação de Nego do Borel, que perdeu contratos e cancelou shows devido a um comentário supostamente "mal-interpretado", evidencia a necessidade de cautela nas interações online. Para a Universal, não seria justo penalizar severamente indivíduos por suas "opiniões" ou "enganos".

No site da Universal, uma outra notícia envolvendo pais e filhos, em pesquisa supostamente realizada nos EUA, informa que pais teriam relatado que seus filhos tiveram "saúde mental deteriorada após passar por transição de gênero" (Pais..., 2023). Os relatos apresentados são os de que os pais teriam sido pressionados pelos médicos a apoiarem a transição dos filhos. A pesquisa teria destacado que a disforia de gênero afetava mais frequentemente as meninas biológicas (seriam 75% dos casos). Mas o texto informa apenas dois casos de arrependimento, nomeando Chloe Cole (mesmo nome mencionado em outra notícia do site) e Grace Lidinsky-Smith para representar os supostos riscos associados à transição de gênero em menores de idade. Este mesmo nome aparece em outra matéria com o título "Jovem relata arrependimento após passar por cirurgia de transição de gênero" que seria, para a Universal, "um alerta sobre a disforia de gênero", contando o caso em seguida (Jovem..., 2021).

Outro caso, de Shape Shifter, é apresentado já no título a partir de seu relato: "Cruel experiência médica e social", diz arrependido da transição de gênero" ("Cruel"..., 2022). Compartilha detalhes sobre o processo de transição, incluindo as expectativas iniciais e a realidade enfrentada após a cirurgia. Ele menciona que, embora esperasse encontrar paz e satisfação após a transição, acabou se deparando com uma série de desafios inesperados que afetaram gravemente sua qualidade de vida.

Destaca as dificuldades médicas e psicológicas enfrentadas pelo indivíduo, incluindo complicações cirúrgicas e um profundo sentimento de arrependimento. O autor enfatiza que a decisão de passar pela transição foi fortemente influenciada por pressões sociais e pela falta de uma avaliação adequada de suas necessidades e expectativas. Ele critica a abordagem adotada por profissionais de saúde que, segundo ele, não ofereceram o suporte necessário e foram rápidos em recomendar a cirurgia.

O texto da Universal, assim como os outros do tipo, não apenas sugere que a transição de gênero é uma decisão complexa e que deve ser abordada com extrema cautela, mas simplesmente é mais uma ênfase a escamotear e desconsiderar enorme estatística de pessoas trans felizes e satisfeitas após a transição.

Na mesma página, encontra-se também relato de outro estrangeiro, de nome Keira Bell, que enfrentou infância e adolescência difíceis, marcadas por mãe alcoólatra e depressiva (Cruel..., 2022). Aos 14 anos, abandonou a escola e descobriu o Sistema Público de Saúde Tavistock, que oferecia tratamento para crianças trans. Após conversas superficiais com assistentes sociais, iniciou o uso de bloqueadores de puberdade, testosterona e realizou a mastectomia.

Keira que, segundo o site, na época não compreendia plenamente as implicações de saúde da transição, sentiu que os profissionais deveriam ter a orientado sobre as consequências dessas decisões, que incluíam possível infertilidade, perda dos seios e capacidade de amamentar, atrofia genital, alteração permanente da voz e crescimento de pelos faciais.

O texto informa ainda que, baseada em sua experiência, Keira Bell lutou na justiça britânica e conseguiu estabelecer que menores de 16 anos não teriam maturidade para consentir com o uso de bloqueadores hormonais. Ela também contribuiu para o fechamento do Tavistock após uma investigação independente que questionou a segurança dos procedimentos médicos realizados em crianças e adolescentes.

Apresentando na seção de "Comportamento" a história da mulher transgênero Eva Tiamat Baphomet, conhecida como "Mulher-Dragão", que passou por diversas

modificações corporais extremas para se assemelhar a um réptil, a Universal critica a sociedade moderna por permitir e, em alguns casos, encorajar tais transformações, sugerindo que estas são reflexo de uma crise de identidade e espiritualidade (Mulher-Dragão, 2019).

A imagem da "Mulher-Dragão" pode chocar até mesmo trans e travestis que não tenham passado por diversas modificações corporais não-heterodoxas. Entre as alterações dela, destaca-se a remoção das orelhas, além de tatuagens visualmente agressivas e implantes subdérmicos. Muitas vezes, sua figura serve como um exemplo extremo de como a busca pela identidade e a autoexpressão podem levar a decisões radicais e permanentes, gerando debates sobre os limites da modificação corporal.

A "mensagem" da Universal, portanto, é a de que a verdadeira satisfação e autoaceitação só podem ser encontradas através de um relacionamento com Deus, e não através de mudanças físicas drásticas. O texto pretende despertar uma reflexão sobre os valores e a busca por significado na vida contemporânea.

### **6.3 “Notícias” contra a “ideologia de gênero”: cruzada moral, crianças, educação e ciência**

Conforme nota-se, em todos os relatos pessoais vistos anteriormente há destaque na imbricação entre precocidade e tratamentos hormonais e cirúrgicos. Isso se explica pelo fato das crianças enquanto seres não só em formação, mas como efetivamente ingênuos serem um dos pontos-chaves do discurso religioso neopentecostal, em forma de bode expiatório, ao mesmo tempo em que tentam adentrar em discussões científicas. Conforme visto anteriormente, matérias sobretudo no site da Universal tentam articular crianças com questões científicas de transição, valendo-se de supostos ou reais dados e pesquisas populares (cf. Bloqueadores..., 2023; Centenas..., 2023). “Crianças” estão sempre atreladas à formação biológica e educacional, portanto conjuminadas a uma rede de disputas ideológicas dessas e de outras áreas.

Vejamos, por exemplo, texto no site da Universal sobre o Dia Mundial da Criança, em que se afirma:

Recentemente, Marcus Evans, ex-chefe de enfermagem e diretor clínico associado dos Departamentos de Adultos e Adolescentes da Clínica Tavistock – especializada em psicoterapia analítica – afirmou que a ideologia de gênero “corre o risco de encaminhar as crianças a um caminho para intervenções médicas concretas e, por vezes, irreversíveis”.

Isso porque, segundo o especialista, as crianças têm sido expostas às ideologias, mas ninguém pode se opor, porque são “intensamente promovidas por lobbies pró-trans, que classificam os médicos como ‘transfóbicos’. Por

isso, “clínicos que estão tentando proteger a criança de embarcar prematuramente em tratamento irreversível são rebatizados como malignos, influência que atrapalha o que a criança ‘precisa’”, completou ele. (20 de novembro..., 2020).

A matéria, no entanto, também fornece o "outro lado". No cenário político e social, a promoção do que a Universal e outros conservadores chamam de "ideologias de gênero" seriam defendidas por partidos de esquerda como o PSOL, que teria atuado para que escolas respeitem crianças e adolescentes que não se identificam com a heterossexualidade cisgênero (20 de novembro..., 2020). O texto no site da Universal apresenta trecho de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade protocolada pelo partido junto ao STF para combater o bullying homofóbico nas escolas (ibidem).

O Dia Universal da Criança, celebrado em 20 de novembro, foi estabelecido para garantir os direitos das crianças, originando-se da Declaração Internacional dos Direitos da Criança da ONU, assinada pelo Brasil em 1990. Para a Igreja Universal, esse dia visa proteger as crianças de ideologias e pressões que possam prejudicar seu desenvolvimento natural e saudável, como as discussões sobre "identidade de gênero" que, conforme dito acima, poderia levar a intervenções médicas irreversíveis.

O cuidado com as crianças envolve a educação e também a sociedade, que, por sua vez, estão atreladas a questões ideológicas conflitantes maiores. Portanto, as palavras-chaves referentes a travestis s, transexuais e trans também devolveram outros temas adjacentes contra os quais as igrejas neopentecostais agem, como “ideologia de gênero” e “linguagem neutra”. Miskolci & Campana (2017; 2018), Lionço *et al.* (2018) e outros autores recentes têm identificado que tais termos são utilizados como "pânico moral contemporâneo" e cujo combate possui diversos interesses por trás:

Nos últimos anos, em diversos contextos nacionais, emergiram debates sobre o que grupos - religiosos e laicos - denominam de “ideologia de gênero”. [...] Demandas de direitos humanos têm sido interpretadas por empreendedores morais como ameaças à sociedade, engendrando, ao mesmo tempo, um pânico moral e um campo discursivo de ação. (Miskolci & Campana, 2017, p. 725)

A "ideologia de gênero" é "um espectro que serve de eixo articulador de diferentes grupos de interesse que lutam contra o avanço dos direitos sexuais e reprodutivos" (Miskolci, 2018) e “tem sido o principal argumento de fundamentalistas religiosos/as e extremistas conservadores/as para ofensiva contra direitos sexuais [...] com ênfase para o cerceamento da educação sobre gênero e sexualidade nas escolas” (Lionço *et al.*, 2018). Trata-se de uma “cruzada moral” (Miskolci, 2018). Mais do que isso, permite fazer com

que discursos de extrema-direita e neopentecostais adentram em discussões científicas com fundamentalismo e pseudociência (Lionço *et al.*, 2018).

Em diversas páginas, sejam de “notícias” ou de “opinião”, a Universal é enfática – através da fala dos mesmos “especialistas” consultados sempre – em afirmar que a “ideologia de gênero vai contra a ciência” (Secretaria..., 2022). Ou seja, aqui, não é nem mais questão de se afirmar que Deus teria criado apenas o homem e a mulher – o que não deixa de existir, quando, por exemplo, o discurso de ódio de um pastor de Los Angeles, John MacArthur, de pregação bíblica que afirma que Deus fez "o homem e a mulher" é encarada como "censura" do YouTube (Youtube..., 2022) –, mas sim de que a fisiologia, a biologia e outros ramos científicos não admitiriam LGBTQ+. Obviamente, essa colocação contraria frontalmente a visão pouco simplista e dicotômica da própria ciência, não só das ciências sociais, mesmo da neurociência, da genética e da endocrinologia, embora o intuito da atual pesquisa não seja o de apresentar e colidir tais dados.

No site da Igreja Sara Nossa Terra, replicando notícia do Reuters, lemos que "milhares de cristãos marcham contra ideologia de gênero na Croácia" (Milhares..., 2018). Naquela altura, estava em discussão a adesão daquele país à Convenção de Istambul, cuja versão mais recente defendia gênero como uma construção social, pedindo a legalização de casamentos homoafetivos e garantia de direitos a transexuais.

Na maior parte das matérias ou opiniões encontradas a respeito nos sites das igrejas, a questão trans e travestis é colocada quase que como de forma indissociável à “ideologia de gênero” e “linguagem neutra”.

É por isso que a garantia do Departamento de Seguros da Califórnia (EUA), em portaria de 2021 para cirurgia de mudança de sexo, foi avaliada como um "risco" ao Brasil na área de notícias do site da Universal, pois haveria “pressões em diversos setores da sociedade brasileira para que as crianças possam realizar tais procedimentos” e que “a ideologia de gênero tem sido propagada em diversos meios e protegida, inclusive, por órgãos públicos” (Crianças..., 2021).

“Identidade de gênero” e “linguagem neutra” têm sido utilizados em diversos outros grupos pela sociedade em outras chaves de forma inclusiva em escolas e mesmo em hospitais, em alguns locais onde até o termo “leite materno” teria sido proibido em face da nova realidade de transmasculinos grávidos “para agradar trans e não-binários”, conforme afirma uma notícia no site da Universal (Ideologia..., 2021).

Em várias partes do Brasil, crianças transgênero têm conseguido alterar seus nomes no Registro Geral (RG) para refletir suas identidades de gênero, noticia o site da

Universal em 2020 (Crianças..., 2020). Essa mudança é facilitada por decisões judiciais e políticas mais inclusivas. A medida é vista por alguns como um avanço na proteção dos direitos individuais e na promoção da inclusão social.

No entanto, essa possibilidade de mudança de nome levanta debates intensos sobre a capacidade de crianças compreenderem plenamente as implicações de tais decisões. Críticos argumentam que intervenções tão significativas na identidade de uma criança devem ser feitas com cautela e profundo acompanhamento psicológico. A preocupação central, segundo o site da Universal, é a de que crianças podem não ter a maturidade emocional necessária para tomar decisões que terão impactos duradouros em suas vidas (ibidem).

Pais e profissionais de saúde enfrentam o desafio de equilibrar o respeito pela identidade das crianças com a necessidade de garantir que essas decisões sejam tomadas de forma responsável. O debate continua polarizado, com defensores da mudança de nome argumentando que ela é essencial para o bem-estar psicológico das crianças trans, enquanto os opositores pedem uma abordagem mais conservadora, priorizando o desenvolvimento natural e a estabilidade emocional a longo prazo.

No site da Universal, um caso ilustra bem a separação entre suposto respeito ou tolerância a trans e quando o tema envolve crianças. Para jogar com paradoxos e disputas internas, o site da igreja "noticia" que a militante transexual Marina Mathey, que se identifica como multiartista e militante pelos direitos de pessoas trans, publicou um artigo polêmico no qual argumentaria que os pais não deveriam "impor" um determinado gênero a seus filhos, comparando essa prática a uma forma de violência (Militante..., 2021).

Embora utilize a linguagem neutra em seu texto, substituindo pronomes como ele e ela por "elus", refletindo uma postura progressista e alinhada com teorias que veem o gênero como uma construção social separada do sexo biológico, Mathey defenderia que o tratamento de uma criança conforme seu sexo biológico é uma obrigação social que deveria ser evitada (ibidem).

Mathey compartilha sua própria experiência, relatando que teria sido forçada a adotar comportamentos, vestimentas e gostos associados ao gênero masculino, supostamente imposto pela sociedade, família e médicos. Esta visão, no entanto, gera controvérsias, especialmente quando aplicada ao cuidado infantil, onde muitos pais e especialistas preocupam-se com a estabilidade e o bem-estar das crianças.

Como é de praxe, a Universal se vale de "especialistas" para opinar sem direito ao contraditório. No caso, trata-se de uma suposta psicóloga já citada em outras páginas da

igreja (cf. Porque..., 2018) que adverte que a exposição precoce a discussões sobre identidade de gênero poderia ser prejudicial, causando confusão e conflito emocional em crianças que ainda não possuem maturidade suficiente para lidar com questões tão complexas. Ela enfatiza que, independentemente de sua natureza, pode distorcer o desenvolvimento natural da criança e criar dilemas emocionais desnecessários.

Esse ponto de vista é reforçado pela apresentação de outro nome, uma mãe que expressa preocupações sobre a influência de "ideologias de gênero" nas escolas. Questiona se o ambiente educacional está permitindo que as crianças experimentem a infância de maneira plena, livre de influências que possam distorcer sua compreensão do mundo e de si mesmas. Não é apresentado o discurso oposto a este de alguma outra mãe. O texto termina citando o documentário *O Vestido Roxo*.

Ainda nesse aspecto, o site da Universal noticiou também que São Paulo tem visto um aumento significativo no número de crianças e adolescentes que passam por processos de transição de gênero. São "centenas", segundo matéria no site da igreja (Centenas..., 2023). Este fenômeno reflete uma maior aceitação social e avanços nas políticas públicas de saúde que reconhecem e apoiam a diversidade de identidade de gênero. Centros especializados oferecem suporte médico e psicológico para esses jovens e suas famílias, visando garantir um processo de transição seguro e respeitoso.

Apesar do apoio crescente, a transição de gênero em crianças e adolescentes continua a ser um tema controverso. Para a Universal, críticos e certos especialistas apontam para os riscos associados a intervenções médicas e hormonais em corpos jovens, além das implicações psicológicas a longo prazo. Para isso, o texto lista uma psicóloga, uma professora e a já citada Chloe Cole, que teria se arrependido de sua transição de gênero, para questionar as práticas médicas e afirmar que o fenômeno é uma "imposição" ideológica que desrespeitaria o desenvolvimento infantil e até mesmo iria contra a ciência (Centenas..., 2023).

Por outro lado, noticia também que em Utah, nos EUA, cirurgia de mudança de gênero foi proibida para crianças e adolescentes (Cirurgia..., 2023). Sempre valendo-se de debates científicos, a "notícia" afirma que a medida reflete preocupações sobre a irreversibilidade dessas intervenções médicas e os possíveis impactos psicológicos em jovens que ainda estão em desenvolvimento. A implementação da nova legislação, afirma o site da Universal, buscaria proteger menores de decisões precipitadas que podem ter consequências duradouras (ibidem).

Uma professora que teria sido demitida por se opor ao ensino de "ideologias LGBT" nas escolas, gerando um debate acalorado sobre liberdade de expressão e crenças religiosas no ambiente educacional, relata, segundo site da Universal, que a imposição dessas ideologias vai contra suas convicções pessoais e religiosas (Demitida..., 2020).

O caso, para a Universal, levantaria questões sobre os limites da inclusão e a proteção dos direitos individuais no ambiente escolar. Grupos religiosos e conservadores defendem que o ensino dessas ideologias pode confundir crianças e adolescentes, desviando-os de valores tradicionais e familiares. Eles argumentam que a educação deve focar em conteúdos acadêmicos, deixando questões de identidade e orientação sexual para serem discutidas no âmbito familiar.

Por outro lado, defensores dos direitos LGBT afirmam que a inclusão dessas temáticas no currículo escolar é essencial para combater o preconceito e promover a diversidade (ibidem). Ou seja, a escola tem um papel crucial na formação de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as identidades e orientações são respeitadas.

Segundo outra "matéria" no site da Igreja Universal, de acordo com um relatório do grupo Parents Defending Education, mais de mil distritos escolares nos Estados Unidos adotaram políticas que permitem a professores e funcionários ocultar dos pais informações sobre a identidade de gênero escolhida por seus filhos (Escolas..., 2023). Essas políticas, presentes em 18.335 escolas com mais de 10,7 milhões de alunos, são conhecidas como "Políticas de Transgênero/Não Conformidade de Gênero" e defendem o sigilo da identidade sexual dos alunos para proteger seu bem-estar e privacidade.

Os defensores dessas políticas argumentam que notificar os pais sobre a identidade de gênero dos alunos pode representar um risco, especialmente se os responsáveis não apoiarem a transição de gênero. Esse apoio pode incluir mudanças no nome ou o uso de bloqueadores de puberdade e hormônios do sexo oposto. Para proteger os alunos, as escolas permitem que eles usem banheiros e vestiários do sexo oposto e compitam em modalidades esportivas correspondentes ao gênero com o qual se identificam. No entanto, os funcionários são instruídos a usar os pronomes e o nome de nascimento ao se comunicarem com os pais dos alunos.

Para a Universal, essa abordagem suscita questões importantes sobre os limites da autoridade escolar e o papel dos pais na "educação moral" dos filhos (ibidem). Tradicionalmente, os pais são os principais responsáveis por transmitir valores éticos e morais, incluindo lições sobre tolerância, empatia e respeito ao próximo. Segundo o texto,

eles também conheceriam "melhor" o desenvolvimento e a capacidade intelectual de seus filhos para discutir assuntos complexos como a "identidade de gênero".

Uma vez que escolhas relacionadas à identidade de gênero podem ter consequências duradouras, seria essencial, para a igreja, que os pais estejam envolvidos nessas decisões. Ao invés de enriquecer a discussão com casos diferentes, inclusive positivos, o texto da Universal cita novamente o de Chloe Cole, que realizou a transição de gênero na infância e agora lida com as consequências dessa decisão. Esse exemplo é usado para realçar a importância de os pais fornecerem orientação e apoio aos filhos para protegê-los das sérias consequências de decisões tomadas de forma inconsciente por hormônios e cirurgias. A crescente inclusão do que chamam de "ideologia de gênero" nas escolas gera debates sobre até que ponto as instituições de ensino devem intervir na "educação moral" e nas escolhas pessoais dos alunos.

Questionando no título de uma notícia se a mídia poderia influenciar jovens em questão de gênero, em entrevista com o psiquiatra Alexandre Saadeh para o site da Universal, afirma que, à medida a divulgação pela mídia da "existência de pessoas trans [...] se populariza, muitos transexuais podem sair da invisibilidade [...] Mas o fenômeno também atrai pessoas confusas e instáveis [...]" (Mídia..., 2019).

O documentário *Transhood*, exibido pela HBO, teria causado, nas palavras da Universal, "indignação na internet" por mostrar adultos "induzindo menino de 4 anos a dizer que é menina" (Documentário..., 2020). O documentário, intitulado no Brasil *Transhood: Crescer Transgênero*, mostra, na verdade, a vida de quatro crianças transgêneros ao longo de cinco anos até chegarem à maioridade, de forma tocante e humana.

A "matéria" do site da Universal destaca um trecho em que Phoenix, de 4 anos, teria sido induzido por adultos, incluindo sua mãe, a afirmar que é uma menina. O texto da Universal apresenta a "opinião" de críticos, que alertam sobre os supostos perigos da promoção da "ideologia de gênero" entre crianças, apontando para uma suposta crise de saúde mental entre adolescentes e a influência de "terapeutas afirmativos" que incentivariam a transição de gênero como uma solução para a "infelicidade infantil" (Documentário..., 2020).

Nesta presente pesquisa, em imbricação a respeito do nome do psiquiatra, foi localizado que, à época, a ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais emitiu nota de repúdio assinada por vários coletivos, associações e redes quanto à sua

entrevista ao Portal Universa/Uol em que afirmava que adolescentes confusos “virariam” trans “para fugir do padrão” (ANTRA, 2019).

Outra notícia informa que o assunto sobre se a autonomia de crianças para escolher o próprio gênero seria crime ou não havia sido discutido no programa Fala Que Eu Te Escuto da Universal (TV Record). Traz informações superficiais sobre a legislação em outros países e no Brasil, que avança, e a opinião de duas especialistas, uma em educação sexual e outra professora infantil, alertando que a criança “ainda está em desenvolvimento” e que “criaram essa ideologia [...] impor uma verdade acima do que já existe [...], mas vai até contra a ciência” (Crianças..., 2022).

Uma vez que a linguagem das áreas de “notícias” dos sites das igrejas neopentecostais pretende-se jornalística, os enunciados nem sempre são diretamente opinativos ou críticos. Às vezes, lançam mão de perguntas que parecem transmitir certa neutralidade e abertura: por exemplo, o título “Escola pode impor ideologia de gênero?” (Escola..., 2020), ainda que o verbo “impor” não seja exatamente sutil.

A controvérsia envolvendo uma escola no estado de Wisconsin, nos Estados Unidos, que começou a tratar uma “aluna” de 12 anos como menino sem o consentimento dos pais, desencadeou um processo legal e trouxe à tona questões complexas sobre direitos parentais e identidade de gênero, segundo o site da Universal (Escola..., 2021).

Esse caso é daqueles que destaca, uma vez mais, a tensão entre a autonomia dos pais, que é defendida por conservadores e igrejas neopentecostais apenas quando aqueles são contrários à questão, para decidir o melhor para seus filhos e a abordagem das instituições de ensino diante de questões de disforia de gênero.

Enquanto os pais buscaram afastar a filha da escola e do centro de saúde mental para evitar uma transição imediata de gênero, a instituição escolar justificou suas ações sob alegações de conformidade com sua doutrina disciplinar, revelando princípios contraditórios sobre como lidar com casos semelhantes no sistema educacional. O texto da Universal termina divulgando mais uma vez o documentário *Vestido Roxo*, ou seja, um caso isolado e infeliz é de maneira renitente utilizado para casos múltiplos e diferentes.

Dois casos semelhantes noticiados no site da Universal, um sobre o professor cristão Enoch Burke, preso na Irlanda por supostamente se recusar a chamar aluno pelo pronome “elu” (Professor..., 2022), e outro de matemática, Kevin Lister, que foi demitido em escola da Inglaterra por não chamar aluno trans por pronome masculino (Professor..., 2023), destacam situações polêmicas, de tendência sensacionalista, envolvendo

professores que se recusaram a usar os pronomes escolhidos por alunos em transição de gênero como forma de "alerta" do que vem ocorrendo cada vez mais no mundo contemporâneo.

A conexão entre essas notícias reside na complexa interseção entre o que alguns chamam de "liberdade religiosa", liberdade de expressão e direitos LGBTQ+. Ambos os casos levantam questões sobre até que ponto os direitos coletivos e pessoais devem ser equilibrados com as políticas de inclusão e respeito às identidades de gênero.

Enquanto o professor irlandês invoca sua fé cristã como justificativa para sua recusa, o professor inglês expressa preocupações sobre a influência do ativismo trans nas políticas escolares e sua "liberdade acadêmica".

Além disso, as notícias revelam as diferentes abordagens legais e institucionais adotadas em cada país diante dessas situações. Na Irlanda, o professor foi preso por desafiar uma ordem judicial e enfrenta possíveis consequências legais, enquanto na Inglaterra, o professor está processando a escola por demissão injusta.

Esses eventos ilustram como as questões de identidade de gênero estão sendo debatidas e enfrentadas de maneiras distintas em diferentes contextos culturais e legais. Ambos os casos também ressaltam a urgência de um diálogo aberto e inclusivo sobre questões de gênero e diversidade nas instituições educacionais. Seria preciso pesquisa mais aprofundada sobre o que levou de fato os professores a tais penalidades graves, pois com certeza não foi apenas a não aceitação da forma de tratamento. Material sobre tais casos existe sobretudo em inglês pela internet.

Em perspectiva oposta, ou seja, desta vez a partir de um professor inclusivo, de acordo com a Universal a partir do tabloide *Daily Mail*, outro caso na quinta série da escola Riverview, em Minnesota, despertou polêmicas (Professor..., 2021). Um professor instruiu os alunos a não compartilharem com seus pais uma pesquisa sobre raça e gênero, gerando desconforto em uma aluna, Hayley Yasgar, que procurou o conselho escolar para alegar que se sentiu pressionada a omitir informações de sua mãe, indo contra o que sempre lhe foi ensinado sobre confiança e transparência (ibidem).

Uma das questões proposta pelo professor, que não teria permitido pular nenhuma pergunta, era a seguinte:

Você, atualmente, se identifica como mulher, homem, transgênero (pessoas trans têm uma identidade de gênero ou expressão de gênero que difere de seu sexo atribuído. Por exemplo, eles nasceram homens, mas agora se identificam como mulheres), ou algo mais? (ibidem – tradução do site).

A pergunta trazia cinco opções: "Female", "Male", "Transgender" e "Non-binary" (ibidem), ou seja, abrangia uma diversidade de escolhas. O texto da Universal enfatiza que trata-se de uma "postura mundial", e apela diretamente ao leitor:

Você já deve ter ouvido falar da ideologia de gênero na cidade onde mora. Como o próprio nome diz, ela caracteriza uma ideia que algumas pessoas têm de que ninguém nasce homem ou mulher, ou seja, o gênero masculino ou feminino seria uma construção social. Muitas pessoas tentam impor esse pensamento como único e verdadeiro para crianças e adolescentes por meio das escolas, filmes, novelas etc. Assim, a infância tem sido o alvo principal nos debates sobre a teoria de gênero. (ibidem).

De acordo com a “notícia”, um colega de classe de Hayler teria perguntado se podia pedir explicações a respeito da questão para sua mãe, pois "estava confuso", mas o pedido foi negado pelo professor, que teria insistido para que os pais não soubessem (ibidem). É citada Kelsey Yasgar, mãe de Hayley, que deu entrevista à *Fox News*, canal televisivo conservador dos EUA, enfatizando a importância da autorização dos pais para abordar tais temas com os filhos.

Essa atitude levanta questões sobre os limites da educação escolar e a necessidade de uma comunicação aberta entre escola e família. Além disso, o texto destaca a controvérsia em torno da disseminação da "ideologia de gênero" nas escolas, com alguns políticos lutando contra sua implementação.

Além da educação, a área da saúde é o outro foco principal do tópico. Também na Inglaterra, informa outra página na Universal, o médico David Mackereth, que se recusou a usar pronomes transgêneros em seus pacientes alegando princípios cristãos, enfrentou a justiça e foi demitido (Médico..., 2022). Enquanto o médico defende sua fé e a crença na criação divina de homens e mulheres, as autoridades britânicas argumentam que suas convicções não são compatíveis com os valores de uma sociedade democrática e não estão protegidas pelas leis de igualdade.

Afirmando que sua intenção não era a de constranger transgêneros, considera enquanto profissional da saúde "irresponsável e desonesto encorajar esse pensamento em um paciente":

Como cristãos, não estamos tentando ser indelicados com as pessoas de forma alguma. Como cristãos, somos chamados a amar todas as pessoas com amor cristão. Mas não podemos amar as pessoas verdadeiramente quando vivemos e disseminamos uma mentira”, afirmou. (Médico..., 2022).

A intersecção entre "ideologia de gênero", educação e conquistas trans foi se tornando cada vez mais acirrada também no Brasil. Já em 2017, a decisão do MEC de retirar as expressões “identidade de gênero” e “orientação sexual” da base nacional

curricular foi vista como uma influência significativa de grupos religiosos na formulação de políticas educacionais para o site da Sara Nossa Terra (MEC..., 2017).

A visita da Frente Parlamentar Evangélica ao então presidente Michel Temer, após o impeachment de Dilma Rousseff, e a subsequente ação do MEC indicavam um movimento político estratégico que visava atender às demandas de um segmento específico da população, o que levantou questões sobre a laicidade do Estado e a pluralidade de vozes na construção das diretrizes educacionais. Na “notícia” replicada pela Sara Nossa Terra, o então deputado Alan Rick, ligado à Igreja Batista, afirma que foi uma "vitória" contra o “apagão” ideológico:

Defendo os princípios que a sociedade me cobra. Os pais não querem ver seus filhos doutrinados. Falam pra mim: ‘Deputado, meu filho vai à escola para aprender matemática, português, não para ser ensinado que ele pode ter vários gêneros’. Falam que existe mais de cem gêneros. Isso é uma loucura!”, sublinhou. (ibidem).

Anos depois, um texto em particular, agora na Universal, destoa bastante da fachada de acabamento jornalístico das demais páginas da área de "notícias" daquele site. O título, "Advogada de esquerda quer doutrinar crianças dentro das igrejas", é seguido pela seguinte "lide": "Em live, Laura Astrolabio explicou qual era o plano. Entenda o caso." (Advogada..., 2022). A pesquisa devolveu essa página, que não trata diretamente de trans e travestis s, por causa da frase "Na live, ela estava acompanhada da parlamentar **trans** Benny Briolly (PSOL-RJ)" (ibidem – grifo nosso).

Laura Astrolabio, na realidade, defendia a atuação da esquerda nas igrejas para disputar debates relevantes da sociedade e ensinar que Jesus amava os pobres, ao contrário do que certos pastores ensinam. Para a Igreja Universal, a proposta representaria uma tentativa explícita de minar as igrejas "de dentro para fora". A mensagem final do texto é um alerta aos cristãos sobre a necessidade de vigilância contra ideologias que buscariam se opor aos ensinamentos bíblicos. A igreja ressaltou a importância de seus programas internos, como a Escola Bíblica Infantil (EBI), para assegurar que as crianças e suas famílias estejam sendo acompanhadas de perto e alinhadas com os valores cristãos (ibidem).

Ao final do texto, são disponibilizados outros com os seguintes títulos reveladores: "Entrelinhas: Contradições da esquerda", "Entrelinhas: Por que o cristão não pode ser de esquerda?" e "A esquerda, suas contradições e hipocrisias". O que provavelmente explique esse tom mais ríspido, incisivo e diretamente direitista é o fato de ser aquele ano

de 2022 um outro ano eleitoral delicado, quando o dono dessa igreja, “bispo” Edir Macedo, marcou posição explícita, o que se "aliviaria" passado o pleito.

A decisão da Escócia de permitir que crianças a partir de quatro anos escolham seu gênero no ambiente escolar sem a necessidade de consentimento dos pais gerou reações diversas, notícia a Universal em 2020 (Crianças..., 2020). Muitos veem essa medida como um avanço nos direitos das crianças e no reconhecimento da identidade de gênero, enquanto outros, especialmente grupos religiosos, expressam preocupações significativas sobre o impacto dessa política.

Líderes religiosos argumentam que crianças tão jovens não teriam a maturidade necessária para tomar decisões tão complexas sobre sua identidade de gênero. Eles temem que essa política possa confundir as crianças e criar um ambiente em que decisões importantes são tomadas sem a orientação e supervisão dos pais. Para esses líderes, a educação deve respeitar o desenvolvimento natural das crianças, seguindo diretrizes supostamente biológicas duais e tradicionais.

Além disso, há preocupações sobre como essa política afetará a dinâmica familiar e os valores culturais. Muitos pais e educadores acreditam que decisões sobre identidade de gênero devem ser tomadas em um contexto familiar seguro e não no ambiente escolar.

Uma ativista transgênero de nome Scott Newgent, segundo o site da Universal, teria afirmado que "não existe criança trans" (Não existe..., 2021). Segundo ele, crianças não têm maturidade suficiente para tomar decisões sobre identidade de gênero, e muitas vezes podem ser influenciadas por fatores externos. Ele argumenta que é necessário um ambiente de apoio onde as crianças possam explorar sua identidade sem pressões ou rótulos prematuros.

Líderes evangélicos compartilham dessa visão, defendendo que a identidade de gênero é uma questão complexa que não deve ser decidida na infância (ibidem). Eles enfatizam a importância de orientações baseadas em supostos princípios biológicos e religiosos, argumentando que intervenções precoces podem causar danos irreversíveis. Para esses líderes, a melhor abordagem é permitir que as crianças se desenvolvam naturalmente até que tenham a maturidade para entender plenamente as implicações de suas identidades de gênero.

Em 2021, uma campanha publicitária do Burger King, em que crianças falam sobre relacionamentos LGBTQIA+, foi discutida no programa televisivo "Fala Que Eu Te Escuto", aparentemente abordando favoráveis, que defendem a inclusão e o debate aberto sobre sexualidade, e contrários, mas com ênfase em nomes como o deputado Altair

Moraes e o colunista Rodrigo Constantino, que afirmaram à ocasião que tal campanha promoveria ideologias políticas que negariam a biologia e confundiriam as crianças sobre questões sexuais (Crianças..., 2021). A matéria da Universal afirma ainda que mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+ há divergências sobre a abordagem da campanha, com alguns membros afirmando que as crianças não deveriam ser expostas a esses temas de forma tão precoce (ibidem).

A discussão sobre criar crianças sem definir gênero específico tem ganhado destaque na mídia, gerando debates acalorados entre diferentes grupos sociais. O argumento central dos defensores dessa prática é promover uma educação livre de estereótipos de gênero, permitindo que as crianças escolham suas identidades sem pressões externas. No entanto, muitos críticos, incluindo líderes religiosos, argumentam que essa abordagem desconsidera princípios biológicos fundamentais e pode causar confusão nas crianças em desenvolvimento.

O site da Sara Nossa Terra articula a questão com uma suposta influência da mídia, conforme se vê no título de um de seus textos (com informações da Folha de SP e tendo como fonte o Gospel Prime, segundo o texto): "A ideia de crianças criadas 'sem gênero' é exaltada pela mídia" (A ideia..., 2017). Segundo esse mesmo texto, líderes evangélicos expressam preocupações sobre o impacto psicológico e social dessa educação neutra em termos de gênero. Eles defendem que a identidade de gênero está intrinsecamente ligada à biologia e que os papéis de gênero tradicionais fornecem uma estrutura importante para o desenvolvimento infantil. Além disso, há um temor de que essa abordagem minaria valores familiares e religiosos, promovendo ideologias que contradizem ensinamentos bíblicos.

A mídia, ao supostamente exaltar histórias de famílias que optam por criar seus filhos sem um gênero definido, é vista como promotora de uma agenda que desafiaria valores conservadores. Assim, acusam a mídia de negligenciar os possíveis efeitos negativos dessa prática e de não dar voz suficiente às preocupações dos que defendem uma educação baseada em distinções de gênero tradicionais. Esse debate reflete a crescente polarização na sociedade sobre questões de gênero e identidade.

Quando o então prefeito do Rio de Janeiro, o pastor evangélico Marcelo Crivella, determinou que a Bienal Internacional do Livro de 2019 recolhesse o gibi *Vingadores: A Cruzada das Crianças*, cuja imagem de um beijo homoafetivo viralizou, o fato gerou grande repercussão pelo país e acabou tendo efeito contrário, mas o site da Universal

noticiou com o título "Crivella exige proteção às crianças em Bienal" e tratou como conteúdo que promoveria a "ideologia de gênero" (Crivella..., 2019).

Crivella defendeu que materiais com conteúdo inadequado devem ser embalados e sinalizados de acordo com a lei para proteger as crianças. A Prefeitura afirmou que não se trataria de censura ou homofobia, mas de garantir que os pais sejam informados sobre o conteúdo dos livros que seus filhos possam acessar. A Marvel, responsável pela publicação, afirmou que o livro é voltado para o público adulto.

Em resposta, a Bienal afirmou que os consumidores têm direito à troca de produtos conforme o Código de Defesa do Consumidor (CDC), mas ressaltou que a responsabilidade sobre as vendas é das lojas participantes.

Um dos alvos do discurso neopentecostal é justamente a cultura das artes e do entretenimento. Outro exemplo se dá numa notícia pelo site da Universal de quando a Marvel lançou uma nova personagem heroína transgênero, Rebekah, uma criança de oito anos que mudou de sexo. A personagem, embora fictícia, é baseada em uma criança da vida real.

Essa "matéria", no site da Universal, novamente se vale de supostos especialistas que apontam que o desenvolvimento cognitivo infantil pode não estar preparado para lidar com essas questões de maneira adequada (Transgênero..., 2020). Para esses, as crianças ainda não possuiriam a maturidade necessária para compreender completamente o assunto, seriam simplesmente influenciadas, levadas a.

Os pais, por sua vez, são desafiados a lidar com esses conteúdos e a orientar seus filhos de acordo com suas próprias convicções e valores. A Marvel, ao lançar personagens como Rebekah, busca ampliar a representatividade e promover a inclusão, mas também levanta preocupações sobre os impactos dessas narrativas no desenvolvimento infantil. A questão central permanece: até que ponto conteúdos de entretenimento devem ser veículos para discussões complexas sobre identidade e gênero?

O lançamento da Barbie trans pela Mattel, inspirada na atriz transexual Laverne Cox, marca um momento significativo na inclusão e representatividade dentro da indústria de brinquedos, mas, para o site da Universal, "vem gerando preocupações e terá discussão na Câmara dos Deputados" (Barbie..., 2022).

É citado o deputado federal Otoni de Paula (MDB-RJ), para quem a boneca poderia confundir as crianças sobre a natureza dos gêneros. Embora essa discussão menor obviamente tenha ficado para trás ou até sido esquecida, à época a audiência pública para discutir o tema foi aprovada e seria conduzida pela Comissão de Seguridade Social e

Família, destacando o impacto cultural e político que brinquedos podem ter em questões de identidade e gênero (ibidem).

A controvérsia em torno da Barbie trans, assim como de outros personagens transsexuais, reflete uma divisão mais ampla na sociedade sobre a educação e a exposição de crianças a temas de diversidade de gênero. Enquanto alguns veem esses produtos como um avanço importante para a inclusão e a normalização de diferentes identidades, outros consideram que podem ter um efeito negativo na compreensão infantil sobre gênero ou até mesmo influenciar as crianças.

Há uma série de textos no site da Igreja Sara Nossa Terra contra a “ideologia de gênero” ao longo dos anos. Por exemplo, trazendo a opinião de uma “educadora” de que a "ideologia de gênero pode tornar pedofilia "normal" (Ideologia..., 2018), além de "três médicos, especialistas em pediatria, biologia e psiquiatria" de que tal “ideologia” “prejudica” as crianças “que pensam ser transgênero” e até mesmo a pesquisa científica:

Médicos, psicólogos, cientistas e educadores se dividem quando o tema é “ideologia de gênero”. Depois da polêmica, no início deste ano, quando os **psicólogos foram proibidos de tratar travestis e transexuais que buscam ajuda**, muitas águas rolaram. (Ideologia..., 2018). – grifo nosso

A “educadora”, na verdade, chama-se Damares Alves, pastora evangélica fundamentalista que se tornaria polêmica ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no governo Bolsonaro e posteriormente senadora do Republicanos (partido ligado à Universal). A notícia no site da Sara Nossa Terra de 2018 reproduz uma entrevista sua para a Gospel Prime, afirmando que "vivemos uma verdadeira guerra", em que de um lado haveria a "ideologia de gênero" e de outro a "ideologia de Gênesis": “Pesquisas estão revelando que adolescentes estão se autodeclarando transgênero, sem ser transgênero”, ela afirma (Ideologia..., 2018).

Ao noticiar o que seria a “normalização da ideologia de gênero” em vários exemplos do mundo pop, o site da Universal traz o caso de um “ex-transexual” que, no documentário *Vestido Roxo*, revela ter se arrependido da mudança e termina com as palavras do bispo Renato, de que, "Na maioria das vezes, não é um problema biológico, mas psicológico e até espiritual" (Normalização..., 2021).

*O Vestido Roxo*, lançado exclusivamente na Univer Video, plataforma de streaming cristão da Igreja Universal, mostra o caso de Walt Heyer, que teria voltado atrás da decisão de "mudar de sexo" ("O vestido"..., 2021). Explora os desafios emocionais enfrentados por essa pessoa ao tomar a decisão de desistir da transição de

gênero, destacando o peso das expectativas sociais e as pressões internas enfrentadas durante esse processo de autodescoberta e aceitação.

Em um dos trechos do documentário, que foi devidamente dublado para o português e que obviamente não apresenta múltiplas perspectivas, Heyer diz que a mídia e as escolas fazem parecer que a transição é "normal", ao que ele afirma que seria, na verdade, "prejudicial": "Devemos permitir que os filhos se desenvolvam como Deus planejou que se desenvolvessem" (ibidem).

Já o site da Sara Nossa Terra apresenta o caso de Jim Pocta, cujo relato no site The Gospel Coalition engloba transgênero, homossexualidade e tentativa de suicídio (Psicoterapeuta..., 2019). É como se esses fenômenos fossem todos indissociáveis, o que sabemos que não é verdade.

Pocta é apresentado como um "psicoterapeuta" que "venceu" o desejo de se tornar mulher. Ao relatar sua experiência de "superação", enfatiza a importância da sua fé e do apoio da família e da comunidade religiosa em sua jornada. Ele descreve como teria encontrado conforto e aceitação em sua fé, e como isso o teria ajudado a confrontar e superar seus desejos e conflitos internos. Trata-se de mais outro relato isolado que oferece uma perspectiva única não apenas sobre as complexidades da identidade sexual e de gênero, mas também a respeito do discurso religioso em relação a esses termos e temas.

Esses exemplos todos mostram uma influência grande de casos e relatos dos EUA "importados" no Brasil por tais igrejas. Ou seja, há muito mais incidência de relatos, fatos e produtos estrangeiros do que nacionais nesse quesito de transição e "destransição". De fato, a depender dos nomes indicados ou de títulos e fatos, não se encontram mais informações em português a não ser no site das igrejas neopentecostais.

Na altura de 2021, sob o governo de Jair Bolsonaro, a notícia no site da Universal sobre políticas inclusivas do governo de Joe Biden termina sendo contundente: "Diante de tais fatos, torna-se cada vez mais necessário que o Brasil – assim como outros países que sofrem forte influência norte-americana – mantenham a autonomia de seu governo" (GOVERNO..., 2021).

Biden aparece também em outra "notícia" da Universal, à época da polarizada eleição presidencial dos EUA em 2020, como "um opositor político de Donald Trump" que defende a "mudança de sexo" de crianças a partir dos 8 anos de idade (Opositor..., 2020). Novamente o texto apresenta que, se de um lado é apoiado por quem defende a redução do sofrimento e da discriminação, por outro enfrenta resistências de quem vê que

crianças não teriam maturidade para tais decisões irreversíveis. O debate continua polarizado, com implicações significativas para políticas de saúde e educação.

Já presidente dos EUA, Joe Biden aparece também em outras duas "notícias" no site da Universal identificadas na pesquisa: quando assinou ordem executiva para proteger direitos de pessoas transgênero e garantir várias medidas, como a proibição de discriminação com base na identidade de gênero em escolas, locais de trabalho e assistência médica, e quando Ketanji Brown Jackson, indicada sua à Suprema Corte dos EUA, teria se negado a responder o que é mulher.

Questionada pela senadora Marsha Blackburn, do Partido Republicano e do "Tea Party", Jackson afirmou não ser bióloga e evitou uma definição direta, o que gerou polêmica e repercussão na mídia (EUA: Indicada..., 2022). Esse episódio reflete o crescente debate sobre gênero e identidade, especialmente em um contexto legal e político, onde definições tradicionais estão sendo desafiadas e reavaliadas.

Quanto à medida, para os críticos, infringiria "direitos de liberdade religiosa" e criaria conflitos em espaços segregados de gênero, como banheiros e equipes esportivas (Joe..., 2021). A medida sublinha a divisão política e social em torno das questões de gênero e identidade nos EUA e no mundo, refletindo a complexidade e a sensibilidade desses debates na sociedade atual.

Ainda a respeito da "liberdade religiosa", que é uma forma de tentar permitir ou mesmo escamotear preconceitos explícitos na seara interna religiosa, a Sara Nossa Terra replicou do Gospel Prime notícia de que a divulgação do relatório da Comissão de Reforma da Lei Australiana (ALRC) sobre escolas religiosas desencadeou preocupações entre líderes cristãos na Austrália (Mudança..., 2024).

O relatório propõe emendar a Lei de Discriminação Sexual para revogar as isenções que permitem a expulsão ou demissão de estudantes e funcionários LGBT em escolas religiosas com base na orientação sexual ou identidade de gênero. Enquanto grupos LGBT apoiam as recomendações, organizações religiosas, incluindo grupos cristãos, muçulmanos e judeus, contestam-nas, argumentando que minam as "liberdades religiosas" e comprometem o caráter distintivo das instituições educacionais religiosas.

Porém, a Universal "notícia" também que, ainda nos Estados Unidos, diversos governos estaduais estariam implementando leis que restringem a "ideologia de gênero" e procedimentos transgêneros, especialmente para menores de idade (Nos Estados Unidos..., 2023).

Estas legislações, impulsionadas principalmente por iniciativas do Partido Republicano, incluem aproximadamente 500 projetos que visam regulamentar questões como o uso de vestiários unissex e os tratamentos transgêneros. Estados como a Flórida, junto com outros 14 estados, já proibiram tratamentos hormonais e cirurgias para jovens transgêneros, exigindo que adultos recebam informações detalhadas sobre os supostos riscos e a natureza irreversível dos procedimentos antes de prosseguir. Além disso, há medidas que proíbem o uso de pronomes não correspondentes ao sexo de nascimento nas escolas e restringem o ensino sobre orientação sexual e identidade de gênero até a 8ª série.

Esse mesmo texto da Universal informa, em um subtítulo intitulado "Oposição", que, como resposta a essas leis, movimentos LGBTQIA+ têm se posicionado firmemente contra as medidas, enfrentando e desafiando as restrições em várias localidades. No Texas, a juíza Maria Cantú Hexsel bloqueou temporariamente uma nova lei, alegando que a mesma privaria adolescentes transgêneros de tratamentos seguros e necessários para a disforia de gênero. Esta decisão contrasta com a postura adotada no Missouri, onde um juiz permitiu que a proibição estadual de afirmação de gênero permanecesse em vigor.

Tais disputas legais refletem a crescente controvérsia e debate em torno das políticas de gênero nos Estados Unidos, ressaltando as profundas divisões sobre como lidar com questões transgênero, especialmente no contexto dos direitos e bem-estar de menores de idade.

As “notícias” sobre "ideologia de gênero" abarcam ainda políticas inclusivas com relação a documentos oficiais de cidadãos, permissão de que transgêneros disputem competições esportivas e utilização de banheiro feminino por parte de transfemininas, sempre destacando que até crianças “entram na discussão” (Joe..., 2021).

A discussão sobre o uso de banheiros por mulheres trans é nivelada, no site da Universal, para uma "notícia" de que (segundo o título) "Menino de saia estupra menina em banheiro feminino, nos Estados Unidos" (Menino..., 2021). A "lide" questiona de forma enviesada: "A "inclusão" ignora o risco de adotar políticas em relação ao uso de banheiros para pessoas de todos os gêneros?" (ibidem).

Não só no Brasil, mas no resto do mundo este é um dos debates contemporâneos mais acalorados e polêmicos, extrapolando até mesmo o moralismo religioso e chegando a certas mulheres cis feministas, embora esse não seja o tópico da presente pesquisa. De qualquer forma, basta ler no site da Universal página intitulada "Mulheres são as maiores vítimas do 'progressismo'", em grande parte por conta do avanço trans: "Expostas em

banheiros unissex, perdendo espaço nos esportes femininos e sendo reduzidas a 'pessoas com útero"', diz a "lide" (Mulheres..., 2023).

O texto cita a Universidade Anhembi Morumbi, na cidade de São Paulo, que implementou banheiros unissex como "segundo a ditadura do progressismo", para expor o caso de um estudante que, aproveitando-se do livre acesso, foi flagrado a filmar partes íntimas de alunas. Foi preso em flagrante por importunação sexual, mas pagou fiança.

O projeto de lei nº 4019/2 visava proibir banheiros e vestiários públicos unissex em todo o Brasil. O texto proposto pelo deputado federal Julio Cesar Ribeiro (Republicanos-DF, partido ligado à Universal) propunha que todos os espaços públicos, estabelecimentos comerciais e ambientes de trabalho que possuem estruturas unissex modifiquem essas instalações, permitindo seu uso somente para pais acompanhados de filhos de até 10 anos de idade (Projeto..., 2022). A medida também previa multas para os infratores, a serem definidas pelos órgãos de fiscalização estaduais. A justificativa do deputado é a de sempre: a de que esses espaços não contribuem para a diminuição de violência contra a população LGBTQIA+, mas sim que a educação para uma sociedade inclusiva deve partir das famílias e não de intervenções externas.

A criação de banheiros unissex, para a Universal, não resolveria os problemas de hostilização e violência que as pessoas LGBTQIA+ enfrentam: a proteção e inclusão dessa população devem ser promovidas por meio de valores familiares e educação em casa, sem a interferência de medidas impostas por determinadas organizações ou grupos (Projeto..., 2022). Essa visão, entretanto, contrasta com a de muitos defensores dos direitos LGBTQIA+, que veem os banheiros unissex como uma necessidade para garantir que pessoas transgênero e não-binárias possam usar instalações públicas sem medo de discriminação ou assédio.

A reação contra os banheiros unissex já teve precedentes, como a "denúncia" (Projeto..., 2022) do mesmo referido deputado sobre a criação de um banheiro unissex na Escola Classe 1 do Paranoá, no Distrito Federal. Após a denúncia nas redes sociais, o governo do Distrito Federal exonerou o servidor que criou o banheiro unissex e a Secretaria de Educação do DF tomou providências para readequar a escola às diretrizes que preveem banheiros separados para meninos e meninas (Secretaria..., 2022). Naquele ano, certamente isso só ocorreu por influência do então governo federal de Jair Bolsonaro. De qualquer forma, tal episódio ilustra a resistência de alguns setores da sociedade e do poder público à implementação de medidas inclusivas para pessoas de diferentes identidades de gênero.

Por outro lado, a seção "Em Foco" (com textos mais diretamente opinativos) da Universal colocava que o projeto de lei 2316/20 aprovado pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais causou grande controvérsia ao prever multas significativas para empresas que se opuserem a questões relacionadas à "ideologia de gênero" (Multa..., 2021). De autoria do deputado André Quintão (PT), o projeto define "identidade de gênero" como a experiência interna e individual de cada pessoa em relação ao gênero, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento.

A Universal novamente "convoca" a "opinião" de "especialistas", que alertam que o texto seria vago e poderia trazer insegurança jurídica, levantando preocupações quanto à sua implementação e impacto real (ibidem). A proposta enfrentou oposição de diversas entidades, incluindo a instituição social Guardiões da Infância e da Juventude, que expressou receios sobre a prática da lei. Em uma carta, destacaram o potencial de denúncias sem presenciar acontecimentos e os supostos riscos associados ao uso de banheiros femininos por pessoas que se identificam como mulheres, independentemente do sexo biológico. As preocupações incluem a possibilidade de homens acessarem banheiros femininos em escolas e estabelecimentos comerciais, gerando o que consideram um ambiente de insegurança para crianças e adolescentes.

O debate sobre banheiros unissex tem sido intenso e polarizado, com exemplos internacionais frequentemente citados. No Reino Unido, sempre de acordo com a Universal, a implementação desses banheiros em escolas teria gerado receios e até evasão escolar entre meninas. O texto cita ainda supostos casos de abuso por pessoas trans nos Estados Unidos. No Brasil, o texto do site da Universal informa que algumas instituições já adotaram banheiros unissex, como universidades e a OAB em diversos estados, onde é enfatizado o respeito à diversidade. Contudo, o texto termina afirmando que seria oportunista e irresponsável, privilegiando ideologias políticas em detrimento da "segurança" e da "ciência" (ibidem).

Ainda sobre a competição esportiva de trans, o site da Sara Nossa Terra traz matéria de um professor dos EUA que teria admitido fraudar estudos para promover a "ideologia de gênero" (Professor..., 2019), ou seja, o texto tem tom dúbio, em se tratando de um site religioso, para jogar com questões científicas. Expressando visões cristãs, se opôs à política de transgêneros do conselho escolar e conseguiu, após ter sido suspenso, no condado de Loudoun, Virgínia, não ser retaliado por expor suas opiniões, o que o site da Sara Nossa Terra considera vitória importante para a "defesa das liberdades de expressão e religiosa" (ibidem).

A participação de atletas trans em competições femininas continua a ser um tema controverso. Recentemente, novos estudos e debates têm surgido nessa seara. O site da Universal noticiou que estudos recentes teriam com o que a ciência, a biologia e a fisiologia mostrariam, ou seja, que a presença de atletas trans em competições femininas pode desequilibrar o campo de jogo devido a vantagens biológicas que permanecem mesmo após a transição de gênero (Atleta..., 2021).

Ou seja, religiosos afastam-se, em tais temas sobre transição, das superstições religiosas para se utilizar de uma suposta autoridade científica e da biologia, que não deveria ser ignorada nas políticas esportivas. Afirmam eles que a inclusão de atletas trans em competições femininas é injusta para as mulheres cisgênero, que podem estar em desvantagem física. Eles defendem que a equidade no esporte deve ser preservada e que categorias distintas devem ser respeitadas para garantir competições justas.

Por outro lado, defensores dos direitos trans argumentam que a inclusão é crucial para combater a discriminação e promover a igualdade. Eles apontam que muitos atletas trans enfrentam desafios significativos e que a participação esportiva é uma parte importante de sua identidade e bem-estar. Enfim, a discussão sobre atletas trans em competições femininas continua a evoluir, refletindo as complexas interseções entre ciência, direitos humanos e ética esportiva, mas as igrejas neopentecostais tentam também entrar na discussão, articulando-a com o termo “ideologia de gênero”.

O debate sobre a inclusão de atletas transexuais em competições esportivas femininas é destacado no site da Igreja Universal, especialmente após o desempenho de Lia Thomas na natação (Mulheres..., 2022). Enquanto Thomas quebrou recordes, seu histórico de competir como homem antes de se identificar como transexual levanta questões sobre a justiça competitiva e a integridade das competições. O texto da Universal apresenta a "opinião" da ex-jogadora de vôlei Ana Paula Henkel, apoiadora declarada de Trump e Bolsonaro que expressa preocupações sobre a inclusão de atletas trans em esportes femininos, argumentando que isso pode prejudicar as "mulheres biológicas" e minar suas oportunidades, especialmente nas universidades dos Estados Unidos (ibidem).

A inclusão de atletas trans em competições esportivas também envolve considerações científicas e políticas. Segundo o texto na Universal, enquanto alguns cientistas contestam as diretrizes do Comitê Olímpico Internacional que levam em conta os níveis de testosterona, outros, como a mestre em Saúde Coletiva Alícia Kruger, destacam as diferenças fisiológicas entre pessoas cis e trans. O texto "informa" ainda que o então deputado estadual e pastor Altair Moraes (Republicanos, partido ligado à

Universal) defende a consideração do "sexo biológico" nas competições, argumentando que a exclusão das mulheres do esporte de alto rendimento seria uma questão de justiça e igualdade. Ele propunha o PL 346/2019, que estabeleceria o sexo de nascimento como critério para definir o gênero nas competições (ibidem).

Um fato relevante, geralmente internacional, é logo lançado e torna-se catalizador das outras temáticas: educação nas escolas, suposta influência da mídia, "ideologia de gênero", transição e "destransição" etc. Por exemplo, o caso de Chelsea Mitchell e outras atletas que processaram a Conferência Atlética Interescolas de Connecticut (CIAC) para impedir que mulheres transgêneras disputem competições femininas por supostamente terem vantagens físicas em relação aos corpos femininos (corpos supostamente maiores e mais fortes), levou o "bispo" Renato Cardoso da Universal a dizer:

Por que aconteceu uma explosão (de casos) nas últimas décadas? O que a gente está vendo agora tem mais a ver com a exposição desses assuntos na mídia, celebridades e outras pessoas, praticamente, incentivando, até nas escolas, esta fluidez do sexo, das escolhas sexuais. Então, jovens que não estão capacitados para fazer essa escolha, estão se aventurando nisso, fazendo tratamento irreversíveis e, muitas vezes, se arrependendo e causando uma grande tragédia em suas próprias vidas lá na frente. Nós esperamos que esses casos sejam tão divulgados quanto o contrário, porque as pessoas têm o direito de saber que muitos que estão correndo por esse caminho, estão se arrependendo e descobrindo que não era bem assim. (Entrelinhas..., 2021).

A CIAC passou a aceitar as atletas trans em competições femininas em 2017, quando Chelsea, Alanna Smith e outras, consideradas as mais rápidas em suas modalidades, desde então começaram a perder inúmeros lugares no pódio para atletas trans (Mulheres..., 2021).

A "notícia" pela Universal da participação de Timothy Leduc, primeiro não-binário declarado nas Olimpíadas de Inverno, é usada para "discutir" a "controvérsia" em torno de atletas transgêneros em competições femininas (Olimpíadas..., 2022). O texto inclui nomes já utilizados anteriormente, de uma psicóloga e de Ana Paula Henkel, abertamente apoiadora de Trump e Bolsonaro, que expressam "preocupações" sobre tais inclusões. Outro texto, relatando o mesmo ocorrido e as posições contrárias de Chelsea, trata a inclusão de Leduc como "competição injusta" (Competição..., 2022).

No ano eleitoral de 2018, a Universal noticia o protesto por um grupo de militantes do PSOL como "atentados" a uma sede da igreja em Fortaleza, visando supostamente colar adesivos defendendo a legalização da maconha, gerando um confronto com vigilantes presentes, além de outro incidente horas depois quando um militante travestis

teria tentado agredir religiosos na mesma igreja, tomando a arma de um vigilante, logo contido pela equipe de segurança e entregue à polícia (Atentados..., 2018).

Foi amplamente divulgada na mídia a reação a uma questão da prova do Enem naquele mesmo ano, abordando o dialeto Pajubá no caderno de Linguagens. O site da Universal, tratando o Pajubá como “dialeto secreto de gays e travestis s”, enfatizou no título a "crítica" de Jair Bolsonaro à questão e que "Pais também se revoltam com conteúdo" na lide (ENEM..., 2018).

Uma outra notícia envolvendo o Reino Unido é apresentada no site do Universal informando que pais tiraram seus filhos de uma escola que fazia "propaganda transgênero" e ensinaria "identidade de gênero" (REINO..., 2023). Na verdade, uma leitura mais crítica e atenta percebe que os professores teriam apenas promovido conteúdo inclusivo durante o Dia Mundial do Livro, o que teria chocado a crença religiosa dos pais.

A variante "identidade de gênero" é utilizada pela Universal para afirmar categoricamente "por que não deve ser ensinada na escola" em texto em formato de “artigo de opinião” (Porque..., 2018). Vale-se de uma psicóloga e professora já citadas outras vezes pelo site da igreja (cf. Militante..., 2021), sem direito ao contraditório ou a visões contrárias, que colocam que a abordagem de tais temas pode ser "prejudicial" ao desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

Para justificar sua posição, o texto apela à suposta ineficiência do sistema educacional brasileiro em ensinar o básico. Outro ponto é o de que a identidade de gênero seria tema complexo para as crianças compreenderem por conta própria. O texto diz que é preciso resistir contra isso, desconsiderando qualquer aspecto de educação inclusiva. Neste ano, a Universal “noticiou” que o Conae 2024 para o Plano Nacional de Educação 2024-2034 "pautou os novos rumos da educação brasileira com doutrinação ideológica" (CONAE..., 2024).

#### **6.4 "Jesus é travestis "**

Paralelos entre o sofrimento de Cristo e a vida de transexuais têm sido comuns, mas também encontram reação por parte das igrejas conservadoras neopentecostais.

Para os fiéis cristãos, citando a passagem bíblica João 15:13, a imagem de Jesus crucificado representaria um sacrifício a toda a humanidade, portanto representações não-religiosas do episódio, que muitas vezes são utilizados para denunciar a opressão contra

minorias e até mesmo o consumismo ou diretamente questões religiosas, são vistas por eles como "deboche" e "heresia" ("Não vos enganeis"..., 2019).

- A encenação de Jesus Travestis por Viviany Belebony durante a 19ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo foi "considerado uma ofensa" no site da igreja Sara Nossa Terra, que noticia que o deputado distrital Rodrigo Delmasso (PTN - DF), evangélico daquela igreja, protocolou ação no Ministério Público alegando crime de intolerância (Crucificação..., 2015).
- Em 2023, o cantor Johnny Hooker teve apresentação cancelada quando um vídeo seu de anos antes foi recuperado, em que afirma que Jesus seria travestis . O site da Universal, ao noticiar o ocorrido, afirma que o cantor teria feito "afirmações contra Cristo" e que "uma onda de comentários" o teria acusado de "blasfêmia e falta de respeito com o cristianismo", mas a matéria termina dizendo que o cantor se manifestou e que tomaria medidas a respeito (Cantor..., 2023).
- Em 2023, o cantor Johnny Hooker teve apresentação cancelada quando um vídeo seu de anos antes foi recuperado, em que afirma que Jesus seria travestis . O site da Universal, ao noticiar o ocorrido, afirma que o cantor teria feito "afirmações contra Cristo" e que "uma onda de comentários" o teria acusado de "blasfêmia e falta de respeito com o cristianismo", mas a matéria termina dizendo que o cantor se manifestou e que tomaria medidas a respeito (Cantor..., 2023).

A quantidade de dados retornados nesta pesquisa revela que as igrejas Universal e Sara Nossa Terra dão grande importância às temáticas concernentes aos universos travestis , transexual, transgênera etc., particularmente ao termo “ideologia de gênero”, mas também que apresentam grandes diferenças entre si.

Os textos da Igreja Universal possuem a pretensão bem mais visível de serem “profissionais”. Não aqueles observados nos “blogs” e de “autores” e “obreiros” anônimos, tampouco os “relatos” e “testemunhos” pessoais, que são estruturalmente padronizados (infelicidade pregressa e felicidade ou conforto após a conversão), mas sobretudo aqueles na área de “notícias”, enquanto os textos do site da Sara Nossa Terra tendem a ser mais enviesados e sem acabamento jornalístico. Além disso, os textos da Universal são “originais”, ou seja, produzidos a partir de uma provável equipe de redação

e, em certos casos, até mesmo de reportagem (tanto aqueles aparentemente imparciais quanto os diretamente opinativos), enquanto os textos no site da Sara Nossa Terra são, em sua maioria, meros repliques cópia-e-cola de outros sites, sobretudo sites neopentecostais de temas e alvos relevantes para a igreja.

Em suma, os textos da Universal apresentam uma “fachada” mais profissional, em termos jornalísticos, e “isenta”, mais “aberta” e “imparcial”, porém seu público-alvo continua sendo o fiel mais ou menos intolerante e aprisionado a preconceitos vários, além de pessoas ainda não totalmente informadas sobre os diversos assuntos aqui tratados ou em sofrimento, tentando escapar de seus problemas concretos, sociais, psicológicos etc. Baseado em uma teologia da prosperidade e, de forma mais abrangente, em uma teologia econômica (Reinhardt, 2020), o neopentecostalismo, alinhado com os princípios individualistas e supostamente meritocráticos da sociedade capitalista, atrai rapidamente muitos fiéis que buscam superar seu status quo ou simplesmente ascender (Comaroff & Comaroff, 2000).

Trata-se de uma estratégia particularmente eficaz sobretudo se direcionada às massas populares que não possuem acesso ao bem comum – isto é, às massivas parcelas da população designadas como “sub-comuns” [*undercommons*] (Moten & Harney, 2013). Compostos sobretudo por pessoas pretas, indígenas, queers e lumpemproletariados de toda sorte, os “sub-comuns” estabelecem estratégias homeostáticas pautadas em planos fugitivos através de vínculos solidários em face de um mundo que, dia após dia, promete esmagá-los e varrê-los para o esquecimento. Trata-se, portanto, do desenvolvimento de antropológicas (Sloterdijk, 2017) próprias, co-imunológicas, para fortalecer as frágeis certezas da vida em face às agudas certezas da morte física e simbólica. Não é segredo algum que o complexo industrial-estatal-militar, associado aos dispositivos de poder legal-psiquiátrico, trabalhou – e trabalha – para silenciar vozes dissidentes e extinguir resistências ao projeto capitalista-colonialista que, como um parasita, expande tentáculos pelo tecido do planeta (Bauman, 2010). A “*fuite en avant*” do Capital mundo afora, para usar uma expressão de Viveiros de Castro e Danowski (2015), deixa um indelével rastro de destruição por onde passa. Nesta estratégia de terra arrasada em escala global, ecologias naturais e sociais se reduzem às cinzas no acelerado ritmo do mercado alimentado pelo processo de produção globalmente integrado. Neste cenário, de vulnerabilização ante às intempéries do mundo, a promessa de salvação divina e amparo material penetra os anseios dos desolados como os nervos atravessam a carne. Processualmente, a estratégia se desdobra em uma frente dupla: por um lado, avoluma o

rebanho, reforçando o poder material-pastoral da igreja e, por outro lado, mina os próprios movimentos de resistência às estruturas de dominação vigentes. Escrevendo sobre os ecos dessas estruturas no cerne dos movimentos sociais, Sandra Ruiz e Hypatia Vourloumis (2021, p. 110) declaram:

A revolução não foi completamente atualizada (ou televisionada) porque o patriarcado, o machismo, a heteronormatividade, o sexismo, a transfobia e a misoginia desempenharam papéis importantes no colapso dos movimentos de trabalhadores de todos os séculos. Lamentavelmente, esses sistemas de opressão se infiltram nos próprios espaços da contracultura e da rebelião. Pois, como proclama Frantz Fanon, as condições do colonialismo não são apenas binaristas (colonizador versus colonizado), mas um cenário complicado de relações em que o colonizado, às vezes, se torna o colonizador para aqueles igualmente subjugados

No site da Universal, por exemplo, encontram-se muitas vezes declarações de pessoas de fora da igreja, favoráveis à transexualidade, mas as "matérias" também introduzem opiniões de nomes contrários, mais conservadores da mídia, por exemplo, da Rádio Jovem Pan (Escola..., 2020). Dessa forma, a Universal incute suas visões, ideologia, promessas e posicionamentos de maneira mais sutil, mas uma revista no material pesquisado comprova que os títulos das "reportagens" tendem quase sempre para tons alarmantes ou sensacionalistas.

O resultado temático entre ambas, porém, é o mesmo. Em ambas, reside no arrependimento da "mudança de gênero" e na conversão religiosa que teria livrado (ou que pode livrar) essas pessoas de uma vida de vícios, depressão, preconceito, síndrome do pânico, prostituição, crimes, sobretudo com relação à Universal, que possui uma prática ativa de arregimentação. Não apresentam nunca experiências trans positivas. As cirurgias e a tomada de hormônios são reduzidas a casos isolados de "arrependimento", incessantemente repetidos em diversas páginas.

O site da Universal mostra, aqui e ali, nas "notícias" que se pretendem "isentas", opiniões e visões favoráveis a direitos, conquistas e inclusão, o que rareia ou inexiste na Sara Nossa Terra. No entanto, as conclusões dos textos na Universal têm lado explícito contrário e a proporção entre ambos os lados é obviamente desigual, prevalecendo o discurso religioso moralista, mesmo quando este se apropria de uma suposta autoridade científica a respeito de fisiologia e biologia.

Nunca ou dificilmente ouve-se o "outro lado" ou mesmo especialistas mais renomados, que efetivamente descortinariam o preconceito neopentecostal. Em ambas, "especialistas" são sempre facilmente identificados com partidos conservadores, de

extrema-direita e diretamente associados às próprias igrejas, conforme foi pontuado em cada caso analisado. Vimos que essas opiniões giram sempre em torno dos mesmos nomes, sempre ligados à igreja, o que obviamente desmascara uma falta de diversidade e de visões que supostamente o jornalismo isento ou imparcial precisa apresentar.

Essa característica do discurso neopentecostal pode ser vista como doutrinação:

A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam (Foucault, 2014, p. 43).

A predominância de relatos e fatos estrangeiros nos sites de igrejas neopentecostais brasileiras talvez revele certas diferenças específicas entre o Brasil e outros países, mas pode ser inclusive uma estratégia para ampliar o apelo internacional e projetar uma imagem de relevância global a respeito dos temas. Ao destacar eventos e testemunhos de fora do país, as igrejas podem buscar legitimidade e reconhecimento em uma escala global, mostrando que suas atividades têm impacto além das fronteiras nacionais.

Além disso, ao apresentar histórias internacionais, as igrejas podem aspirar a uma audiência mais ampla, aproveitando o alcance da internet para atrair seguidores e doadores de diversas partes do mundo, em particular do continente da América Latina ou África, onde particularmente a Universal tem sedes.

Essa atuação demonstra também influência significativa de neopentecostais estrangeiros, que buscam expandir suas redes e influência, inclusive com partidos políticos além das próprias igrejas enquanto empresas privadas. Essas igrejas promovem uma agenda moralista e conservadora em todo o mundo, aproveitando-se da conexão global facilitada hoje em dia. Ao importar, exportar e destacar eventos e testemunhos de fora do país, buscam moldar a moral de maneira padronizada.

Nas estruturas religiosas e culturais que prometem caminhos de salvação, notamos os mecanismos de controle social que perpetuam a violência e a exclusão em travestis que não foram convertidas ao neopentecostalismo, atiradas no submundo da prostituição e da desigualdade da sociedade de classes, ainda que essa realidade esteja felizmente mudando nos últimos anos, isto é, cada vez mais trans e travestis ocupam e conquistam espaços que bem desejarem para além daqueles a que foram renegadas historicamente. De qualquer forma, travestis são influenciadas por questões de conhecimento, informação

e poder tanto quanto outros indivíduos do mundo contemporâneo (Han, 2015; Quintão, 2017; Comaroff, 2000; Reinhardt, 2020).

A "lógica de assujeitamento" (Gonçalves, 2009) que rege os discursos religiosos neopentecostais foi identificada nos resultados frequentemente. Entre a situação de vítima e a possibilidade da conversão, entre a realização, a felicidade e seu status quo, há as promessas. Isto se mostrou palpável durante as ações da "EVG Night" com travestis e garotas de programa, quando são associadas por "obreiros" e "evangelistas" voluntários à mulher hemorrágica, marginalizada pela sociedade tal qual os leprosos, e que Jesus não desprezou, lhe dizendo "Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz".

A sensação de se sentir uma "mulher com fluxo de sangue" (hemorrágica) ou mesmo "leprosa", que ninguém da sociedade toca ou quer tocar (senão Jesus), não é incomum nos depoimentos e relatos de travestis anteriormente à conversão, porque está diretamente associada ao "risco de contaminação" por parte dos outros (cf. Quintela, 2020, p. 123). Isso revela uma personalidade diferente das demais, geralmente desde a infância, e sobretudo em décadas historicamente pretéritas um preconceito segregador mais explícito e marcado.

Assim, o sujeito pode, para as igrejas neopentecostais, gozar de realização e felicidade "desde que viva uma aliança societária com o próprio Deus" (Paravidini & Gonçalves, 2009). É fundamental, portanto, abdicar de tudo e de todos, mesmo de suas escolhas mais radicais envolvendo procedimentos cirúrgicos e hormonais. A articulação entre desamparo e masoquismo pode ser identificada nesse aspecto do fenômeno neopentecostal (idem).

A vida, no discurso neopentecostal, deve ser vivida de acordo com a "vontade de Deus" em que o pastor e a Igreja enquanto instituição são mediadores e observadores. Promete-se, nesse processo, um "renascimento" ou um "novo nascimento" somente permitidos no "ajustamento do fiel às exigências da Sagrada Escritura" (Paravidini & Gonçalves, 2009, p. 1187-1188, apud Dos Santos, 2019, p. 19).

A conversão religiosa, tema de interesse de diversas ciências e abordagens, processa a construção de "nova subjetividade por meio da obediência aos preceitos mandamentais [...] capazes de produzirem [...] aquele disposto a realizar uma ruptura com a vida vivida, colocando-se em um outro patamar existencial, guiado pelos valores da fé" (Dos Santos, p. 19). Nesse sentido, a oferta neopentecostal é concretamente propositiva, e possui caracteres próprios, se comparada com outras religiões.

O estudo constatou que o discurso das igrejas tem sido predominantemente negativo, enfatizando a ideia de que ser trans ou travestis em si é, na melhor das hipóteses, fruto de um passado de abuso, falta de assistência socioeconômica, desestruturação familiar, influência da “ideologia de gênero” e correlatos. Nesse sentido, a demonização é colocada de lado para se atingir aspectos concretos e materiais na socioeconomia e psicologia das sujeitas trans e travestis s. Interpreta-se isso como um método de se abranger a questão para fora da “bolha” religiosa em sites com textos supostamente “neutros” ou “imparciais”, mas enviesados e com tendências explícitas.

A Igreja Universal do Reino de Deus é das mais poderosas do mundo hoje, com tentáculos que alcançam outros países além do Brasil, e fica evidente em alguns casos a sua dubiedade com relação ao tema. Se, por um lado, atua por meio do programa “EVG Night” para dar assistência imediata (antes, durante e depois da pandemia) a travestis na prostituição, ou seja, considerando que esse grupo social precisaria de acolhida e mesmo reconhecendo os riscos pelos quais sofre, por outro lado a perspectiva é de que devem se converter, de que a melhoria de vida e a superação de abusos, vícios, prostituição e problemas psicológicos estaria indissociável do fato de que devem ser “ex-travestis s”. Não parece haver possibilidade de continuarem sendo trans ou travestis em outros locais e com outros modos de vida, portanto nota-se aqui um traço marcado de preconceito e estigmatização.

A pesquisa identificou um traço importante de ser notado com relação à Sara Nossa Terra, igreja neopentecostal menor: ao contrário da Universal, nenhuma matéria sobre ações sociais englobando travestis e nem mesmo textos de relatos diretos e em primeira pessoa de "ex-travestis s", mas – neste ponto, igualmente à Universal, embora de forma bem menos "neutra" ou “imparcial” – matérias sobre fatos nacionais e internacionais criticando ou até mesmo denunciando a "ideologia de gênero", que levaria crianças e jovens a se travestis rem ou mesmo adotarem procedimentos transgêneros. O termo “ideologia de gênero” é como uma arma poderosa nos discursos e embates políticos dessas igrejas.

A pesquisa constatou que o discurso das igrejas não tem sido positivo, sem sinais de aceitação ou compreensão realmente efetivas para com a comunidade trans e travestis que não queiram se converter aos dogmas restritos. Ainda se enfatiza a ideia de que ser trans ou travestis é um estilo de vida pecaminoso, seja de maneira incisiva ou supostamente mais empática. Assim, não há no discurso e na prática das igrejas uma

possibilidade de que se mude a estrutura socioeconômica para que trans e travestis e outros possam ter vidas plenas.

Este estudo observou ainda que a Igreja Universal do Reino de Deus e a Sara Nossa Terra possuem perspectivas predominantemente negativas, cada uma a seu modo, em relação à comunidade trans e travestis, sendo a primeira das duas mais ambígua e até mesmo mais “imparcial” em certos casos, sobretudo pelo fato de promover uma ação social especificadamente para mulheres e travestis em prostituição.

Nota-se, assim, numa ponta a condenação e a denúncia à “ideologia de gênero”, e por outro lado a compaixão e a garantia de salvação, desde que reneguem suas vidas trans e travestis (não somente o status quo problemático em que se encontram) a fim de se converterem. Essa colocação destoava muito de igrejas como a ICM Séfora’s em São Paulo, por exemplo, criada por travestis que nelas atuam e continuam atuando enquanto tais.

Portanto, na perspectiva evangélica,

Ou segue as doutrinas empregadas pelos intermediadores de Deus em troca de uma “salvação”, ou adota um regime de vida desvinculado das ideologias divinas pregadas pelos representantes devidamente autorizados, cometendo, dessa forma, “pecados”, tendo como sanção o castigo (Torresan, 2007, p. 97).

Destacamos a necessidade de mais pesquisas para compreender o impacto destas perspectivas assistenciais e negativas na comunidade trans e travestis e o papel das instituições religiosas na promoção da aceitação e compreensão das comunidades marginalizadas. São importantes, por exemplo, mais estudos extrínsecos à Universal com relação às intenções e atuações da “EVG Night”.

Passamos agora a uma análise mais cerrada sobre a ordem do discurso a partir de pressupostos mais gerais, uma vez que detalhes já foram devidamente esmiuçados e analisados. Buscamos compreender como esses discursos são produzidos, controlados e disseminados nos sites das igrejas neopentecostais e como tais práticas discursivas refletem e reforçam estruturas de poder e mesmo de saber (ou de informação).

O discurso neopentecostal, conforme se sabe, articula então a Teologia do Domínio com a Teologia da Prosperidade, a primeira significando um cenário de guerra permanente entre Deus e o Diabo, o segundo significando a promessa de superação material em uma "organização empresarial" (Paravidini & Gonçalves, 2009).

É possível introduzir ambas as articulações da seguinte forma: Deus concederia a alguns seguidores o poder e a autoridade para dominarem sobre e contra as forças que seriam do mal e das dificuldades materiais da vida (economia, doenças, problemas

psicológicos, traumas, complexos de identidade sexual etc.) Ao mesmo tempo, a bênção não é simplesmente espiritual, mas significa empregos bem-sucedidos, consumismo, negócios próprios prósperos, saúde, adaptação ou enquadramento às regras e normas sociais etc. Por meio do pagamento do dízimo, o fiel teria direito a cobrar essa sua parte de “felicidade” ainda na Terra (Rádio Escafandro, 2021).

No entanto, nos discursos religiosos neopentecostais o sujeito a ser convertido na “cura” é regido "por uma lógica de assujeitamento" (GONÇALVES, 2009), ou seja, delimitado à realização e à pura felicidade prometidas para além de seu status quo oprimido. A pregação, portanto, pretenderia transcender a condição de miséria do sujeito, caso contrário a própria religião não faria sentido.

Assim, esses discursos garantiriam o que se chama de "antropologia neopentecostal"<sup>18</sup>, pois o fiel (já convertido ou a ser) está em condição de mal-estar e não é apenas vítima, visto que pode aceitar as promessas da igreja atreladas a versículos bíblicos que confirmam sentido às suas vidas.

A essência do discurso reside na luta ou no confronto, não apenas enquanto reflexo ou expressão (Foucault, 2014). Com isso, o discurso não apenas problematiza uma simplificação momentânea na atribuição de significados a palavras, símbolos ou imagens, mas também tem a capacidade de complexificar a relação entre o que é dito e o que se pretende dizer. O discurso é capaz, então, de desafiar a linearidade da própria explicação inserida em certo conteúdo comunicado.

Para Foucault (2014), o discurso pode ser entendido como discursos que criam ou instauram algo novo, em que é necessário analisar as "coisas ditas" anteriormente para se chegar às "coisas". O autor também aponta que existem objetos que só são construídos dentro de um discurso específico, definidos por regras históricas muito específicas. Portanto, não se trata apenas de reunir materiais documentais concretas sobre certo problema atual e fazer um levantamento que ilustre imagens e vocabulários. Mais do que isso, trata-se de averiguar as maneiras pelas quais os discursos continuamente modelam a cognição e os próprios objetos da cognição.

A própria produção do discurso tem objetivos específicos a serem desvelados:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar

---

<sup>18</sup> Paravidini e Gonçalves (2009) operam também com a ideia de "desamparo estrutural do sujeito" que os convertidos do neopentecostalismo são confrontados a partir da "prevalência do mal-estar subjetivo do fiel".

seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2014, p. 9).

Os regimes de enunciação, como os proferidos por congregações religiosas, preservam e disseminam os discursos dominantes sobre gênero e sexualidade. As instituições hegemônicas e as formas econômicas vigentes estão na própria base e conjuminadas a isso tudo, no caso em forma de autoridade de um pastor ou líder religioso, política partidária da “bancada evangélica” e pelo discurso da teologia da prosperidade, entre outros. Essas formas reforçam a hegemonia discursiva ao limitar a circulação de perspectivas divergentes e promover a conversão como solução para a "desviância".

De acordo com Foucault (2014), toda sociedade controla a produção de discurso através de procedimentos de exclusão e rarefação. Dessa forma, pode-se afirmar que “[...] o discurso não é somente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque e pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014. P, 10). No contexto neopentecostal, os discursos contra a comunidade trans e a cruzada moral contra a "ideologia de gênero" exemplificam tais mecanismos de controle. Esses discursos são moldados por normas que definem o que pode ser dito e por quem, estabelecendo uma hegemonia discursiva que reforça certos valores religiosos e o poder estabelecido e opressor. Em uma tendência que Sandra Ruiz e Hypatia Vourloumis (2021) caracterizariam como colonial, o poder pastoral neopentecostal estabelece uma forma, uma morfologia-modelo cuja função, seja pela obediência ou pelo desvio, é reforçar ciclicamente o controle exercido pelo regime de enunciação em vigor.

Os procedimentos externos de controle, como a palavra proibida, segregação da loucura e vontade de verdade, não deixam de ser observados muitas vezes na análise do discurso neopentecostal. A palavra proibida se manifesta na restrição sobre o que pode ser dito sobre identidades de gênero e sexualidade. Expressões de identidade trans são frequentemente reprimidas ou silenciadas, rotuladas como desvios que necessitam de correção através da conversão religiosa.

No discurso neopentecostal, a interdição da palavra ocorre quando temas como identidade de gênero e sexualidade são abordados de maneira restritiva. Trans são, conforme vimos, representados somente de forma negativa ou marginalizada pelos textos neopentecostais. O tabu do objeto se aplica quando a identidade trans é considerada um tema proibido ou tratado apenas em termos de pecado e necessidade de redenção. Um "estudo possível: o das interdições que atingem o discurso da sexualidade" passaria pelo conjunto de discursos, incluindo religiosos, médicos e biológicos, "nos quais se trata da

sexualidade, nos quais está se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada" (Foucault, 2014, p. 67). Para Foucault, "Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção" (ibidem).

Também nesse ambiente hostil do contexto neopentecostal há uma espécie de "segregação da loucura", que se traduz na maneira como discursos trans são deslegitimados. O discurso do "louco" não pode – ou não podia – circular como o dos outros (Foucault, 2014, p. 10). Assim, negar o racismo, a transfobia, a homofobia e correlatos é tentativa de rejeição e apagamento a fim de fazer com que não se tenham questões reais e cotidianas a tratar. A experiência e identidade trans são frequentemente vistas como irracionais ou patológicas, necessitando de cura ou correção espiritual. Essa perspectiva desqualifica as vozes trans e reforça a autoridade das lideranças religiosas transfóbicas.

O discurso religioso neopentecostal não deixa de operar ainda com alguma "vontade de verdade", mecanismo fundamental que busca subordinar todas as discussões ao verossímil e ao natural conforme definidos pela doutrina religiosa. A verdade religiosa é imposta como absoluta e discursos alternativos são marginalizados ou reprimidos. Esta dinâmica reforça a hegemonia religiosa e legitima as práticas de conversão.

Os procedimentos internos também desempenham um papel crucial no discurso neopentecostal. O comentário teológico sobre textos sagrados molda a interpretação e disseminação dos discursos contra a comunidade trans e a "ideologia de gênero". A figura do autor, representada pelos líderes religiosos, exerce controle sobre o conteúdo e a forma dos discursos disseminados.

O comentário teológico, por sua vez, ao reinterpretar textos bíblicos, pode levar à legitimação de discursos excludentes. A interpretação das escrituras é utilizada para justificar a necessidade de conversão e a condenação de identidades trans, reforçando a autoridade religiosa sobre esses temas.

A função do autor, ou seja, a autoridade dos líderes religiosos, é central na disseminação e controle do discurso neopentecostal. Esses líderes definem o que é considerado aceitável dentro da doutrina e exercem um controle rigoroso sobre os discursos que circulam nas comunidades específicas, nos sites, nos espaços físicos das igrejas, nas suas plataformas digitais etc.

A organização das disciplinas, conforme descrito por Foucault, pode se refletir na estrutura dos discursos neopentecostais. As disciplinas religiosas impõem um campo de

verdade que delimita os discursos aceitos sobre gênero e sexualidade, excluindo qualquer perspectiva que contradiga a doutrina estabelecida. Nesse aspecto, os procedimentos de rarefação do sujeito, como o ritual, as sociedades de discurso e as doutrinas, também são aplicáveis a esta análise.

O ritual religioso e a doutrina limitam quem pode falar e o que pode ser dito, reforçando a hierarquia e controle sobre os discursos. O ritual religioso, que define quem pode falar e em quais circunstâncias, desempenha um papel crucial no controle dos discursos sobre a comunidade trans. As emoções fortes, tanto de sofrimento quanto de suposta cura, são fundamentais para o ritual e o discurso neopentecostais, tanto de pastores e "bispos" quanto de fiéis (Oro, 2001, p. 73). As práticas litúrgicas e as pregações são cuidadosamente regulamentadas para assegurar a conformidade com a doutrina, marginalizando discursos alternativos.

Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (Foucault, 2014, p. 39).

As doutrinas religiosas, ao vincular indivíduos a uma determinada enunciação, criam um sistema de exclusão que marginaliza identidades trans e discursos alternativos. A aceitação das doutrinas é vista como um pré-requisito para a participação na comunidade, reforçando a conformidade e limitando a diversidade discursiva.

Com a perspectiva crítica, pode-se examinar os meios de exclusão e controle desses discursos, enquanto a perspectiva genealógica analisa a formação histórica e as condições de possibilidade. A perspectiva crítica pode revelar como os discursos contra a comunidade trans e a "ideologia de gênero" são moldados por estruturas de poder que visam controlar e limitar o discurso. Investigar como esses discursos foram formados e modificados ao longo do tempo revela as estratégias de dominação subjacentes.

Inicialmente, esses discursos eram frequentemente ancorados em concepções binárias estritas de gênero e sexualidade, que eram consideradas como normativas, bíblicas e naturais. No entanto, à medida que movimentos sociais e acadêmicos começaram a desafiar essas concepções, surgiram reações contrárias, muitas vezes articuladas por instituições religiosas e políticas que buscavam reafirmar as hierarquias de poder existentes por meio de alguns aspectos científicos ou supostamente científicos.

A perspectiva genealógica, por sua vez, pode permitir entender as condições históricas e sociais que possibilitaram a emergência dos discursos neopentecostais. Analisar a formação e desenvolvimento desses discursos ajuda a compreender as normas e práticas que os sustentam e as maneiras pelas quais excluem perspectivas divergentes.

Desde o seu surgimento, o pentecostalismo encontra terreno nos marginalizados imigrantes e migrantes em novos contextos urbanos e industrializados (Lívia Reis, citada por Rádio Escafandro, 2021). A partir dele, o neopentecostalismo emergiu no Brasil no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 em um cenário de desgaste do regime ditatorial, marcado pelo abandono político de diversas camadas sociais e por uma recessão econômica (Bovkolovski, 2005, p. 50).

A análise do discurso neopentecostal em sites de igrejas evangélicas, à luz da ordem do discurso, revela a complexa rede de controles e exclusões que moldam essas narrativas, sempre atreladas e indissociáveis de determinada estrutura econômica e tempo histórico. Os sujeitos são construídos dentro dos discursos, não fora deles, portanto em locais históricos e institucionais determinados (Foucault, 2014). Os procedimentos de controle externo e interno, bem como os mecanismos de rarefação do sujeito, são utilizados para manter a hegemonia discursiva e marginalizar identidades trans e discursos alternativos.

Compreender essas dinâmicas é essencial para desvelar as relações de poder que permeiam o discurso religioso e suas implicações sociais, possibilitando as transgressões, uma vez que o discurso é uma forma de produzir e construir a realidade historicamente. Assim, a transgressão à ordem do discurso tem se dado em novas formulações da linguagem e pela conquista de espaços, mas para além de estereótipos e da língua do opressor, pela reivindicação da humanidade de pessoas negras, mulheres, indígenas, LGBTQ+ enquanto coletividade. Possibilidades novas de existir fora do discurso hegemônico estabelecido a ser contestado.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos, nesse trabalho, de uma extensa variedade de temas que mobilizam a Antropologia de maneiras amplamente diferentes: passando pela religião, pela lógica neoliberal de organizações neopentecostais, por dicotomias conceituais como natureza/cultura e indivíduo/sociedade, até pela constituição do corpo e do gênero. Além disso, mobilizamos esses temas empiricamente por meio da análise da realidade travestis e transexual no contexto neopentecostal, sobretudo a construção discursiva dos tensionamentos entre o movimento LGBTQ+ e a religiosidade conservadora cristã.

Em relação ao objetivo geral, o de “decifrar as lógicas internas dos dispositivos coletivos de enunciação”, vemos como seu cumprimento as compreensões às quais chegamos de que, nos discursos neopentecostais, suas lógicas internas funcionam sob uma visão de mundo que concebe a realidade social como regida pela noção de uma natureza imutável e divina. Aqui, vê-se o sexo – o corpo puramente “biológico” – como destinador da subjetividade, algo divinamente preestabelecido e que, caso desvie-se, deve ser corrigido e reincorporado pela ordem simbólica religiosa. Em outras palavras, subscritos ao discurso neopentecostal estudado estão os dispositivos de natureza e cultura e as relações entre ambas, a construção do corpo enquanto território de significados em disputa, e gênero enquanto performance construída socialmente que atravessa o sujeito.

Ademais, essa lógica interna opera por meio de discursos que estabelecem uma relação de poder mais sutil do que o discurso de violência direta e explícita. Em outras palavras, o pequeno desvio de uma enunciação que clama pela morte dos desviantes para uma que busca sua “cura” posiciona a população LGBTQIAPN+ em uma situação de vulnerabilidade mais profunda que unicamente física – agora, como vimos nas “notícias” e ações neopentecostais, é a própria existência enquanto sujeito passível de direitos que é minado pelo enunciado da cura, da correção.

Com isso podemos analisar o cumprimento do objetivo específico, o de “reunir as peças do quebra-cabeça e contextualizá-las em cada caso”. O discurso neopentecostal a respeito da transexualidade e travestis lidade esconde em si uma ordem de mundo rígida, binária e hierárquica, cujo projeto enunciativo parece ser o de assujeitamento do indivíduo “desviante” em um sujeito que performa o gênero e a sexualidade de acordo com essa ordem. Percebe-se isso claramente na escolha por “notícias” que ressaltam experiências negativas com experimentação de gênero, bem como a exaltação de testemunhos de

destransição e dos supostos riscos da transexualidade. Com o foco estratégico em experiências que “desbancariam” a “ideologia de gênero”, visa-se construir discursivamente um sujeito em que qualquer desvio das normas de gênero e sexualidade resulta em fracasso. Apesar de haver ações caritativas para essa comunidade, também exaltadas pelos portais das igrejas, percebemos como o olhar final é sempre o de “cura”, o de correção, assimilação.

Se pudermos apontar para um tema que percorre toda a pesquisa, aquele no qual, explícita ou implicitamente, em diferentes graus, nos esbarramos continuamente, poderíamos apontar para o corpo e a corporeidade. Para compreendê-lo, foi preciso desfazer, aos poucos, as concepções que o veem como uma entidade reduzida a uma esfera unicamente natural, e construir, a partir de uma miríade de teorias que atravessam as disciplinas, um corpo que transita entre o social e o biológico, entre o masculino e o feminino, entre o universal e o particular. Compreender como a condição material do corpo afeta e é afetada pelos condicionantes religiosos, discursivos, sociais e sexuais nos foi fundamental para compreender, empiricamente, as tramas reais e representacionais de pessoas trans e travestis em relação a instituições religiosas neopentecostais.

A religiosidade, considerada sob o olhar antropológico, apareceu nesta pesquisa como um sistema complexo de organização simbólica e social. A partir de mitos e rituais, a religião tal como a vimos tem a capacidade de estruturar sociabilidades, práticas e visões de mundo. Essa capacidade tem relevância pois nos leva ao entendimento de que é a partir da estrutura da religião que o mundo social pode ser organizado, com o estabelecimento de regras, normas e tradições – aquilo que Souriau (2020) chamou de *modos de existência*.

A isso estendemos a ideia de que a criação desses modos de existência está o potencial subjetivante da religião; ou seja, a maneira pela qual o sistema simbólico religioso consegue influenciar e atravessar a construção da subjetividade do indivíduo. Enquanto “modo de existência” (Souriau, 2020), ela situa o sujeito em um sistema de mundo específico e, em um só movimento, produz o sujeito que vai participar desse sistema. Aqui vemos ecos da discussão entre indivíduo e sociedade, na qual elaboramos que um é constitutivo do outro. A religião não se resume à teologia e filosofia; ela é uma técnica de socialização que organiza o contato do ser humano com o simbólico (Lévi-Strauss, 2008), organizando também, nisso, o próprio ser humano e suas práticas sociais.

Considerando que o corpo é também o espaço por onde a subjetividade é materialmente instituída, o *locus* da experiência do sujeito diante das forças sociais, biológicas e psicológicas (Butler, 2016; Butler, 2024), tal como o exploramos neste

trabalho, podemos começar a entender a relação dele com a religião. Se esta se manifesta socialmente como organização simbólica da experiência (Geertz, 2008), ela também pode funcionar como força estruturante do corpo, materialmente o localizando diante de uma ordem cosmológica própria. Dentro de determinada religião, leia-se, dentro de determinado sistema de símbolos e mitos, o corpo vai ser concebido de maneira a adequar-se à determinada realidade religiosa, com significados e práticas próprias.

Vemos isso com clareza quando pensamos na relação entre neopentecostalismo e travestis lidade, como estudamos etnograficamente, em que determinadas expressões corporais de gênero e sexualidade são lidas de maneiras antagônicas e, em certos casos, incompatíveis. A transexualidade é inconcebível dentro do universo neopentecostal – isso pode ser atribuído à sua própria ontologia, em que papéis de masculinidade e feminilidade são rígidos, restritos, mutuamente excludentes e biologicamente determinados. Essa noção não se resume à teologia, ela é também politicamente informada dentro da realidade cristã. É necessário, como vemos nos discursos, literaturas e ensinamentos do neopentecostalismo, que homem e mulher existam enquanto classes distintas, hierárquicas e incontornáveis, e a transexualidade, por sua própria subversividade radical das noções de sexo e gênero, implica a desordem desse sistema.

O contexto de mudança cada vez maior em relação ao sistema sexo-gênero, no qual o movimento LGBTQ+ avança politicamente na conquista de direitos, faz com que o movimento neopentecostal aja de maneira reacionária: sua organização do mundo, para comportar uma performance corporal cada vez mais proeminente na sociedade, reage com a tentativa de reordenamento da ordem que mantém estável seu modo de existência. Com isso, o concebimento do corpo trans passa pela ordem do não-assimilável, do erro, do abjeto. A resposta neopentecostal busca agir religiosamente (simbolicamente) sobre esse corpo de maneira a corrigi-lo, a digeri-lo como algo que não dê “pane” na sua ordem simbólica.

Aqui entram os exorcismos, como performances que estabelecem a fronteira entre o aceitável e o subversivo, entre o eu e o não-eu, e expulsam aquilo que não se assimila para o domínio do diabólico e, nesse processo, o colocam como algo para fora do domínio da ordem. Nisso, como resultado material da performance exorcista, aparece a destransição. O que está em jogo na destransição é a disputa de significados sobre um corpo subversivo, e nela está a tentativa de remanejamento dos significantes de masculinidade e feminilidade, e a tentativa de reordená-los dentro de um molde tradicional e conservador. A destransição nos mostra a normatização do subversivo em

direção à restauração do corpo desmaranhado, e nela podemos ver a face violenta da luta do campo do simbólico religioso pela hegemonia sobre o material.

Os relatos de destransição também podem nos mostrar o potencial subjetivante da religião. Como vimos nos depoimentos de pessoas “ex-trans”, pode-se ver que a experiência religiosa, cuja potência emocional não deve ser descartada, está muito ligada a um reordenamento dos sentidos do corpo e por extensão da subjetividade: “comecei a acreditar em mim e na Palavra de Deus. Abandonei meu passado: as pessoas tóxicas, a casa, os relacionamentos, as roupas e os costumes. Compreendi que Deus tinha um propósito em minha vida” (Eu tinha..., 2020). Nesse sentido, o conforto diante de uma ordem reestabelecida pela promessa de uma salvação garantida triunfa sobre a experimentação estigmatizada e marginalizada do gênero. Aqui pretende-se ler pela lente de que o tradicionalismo conservador da igreja pode ser visto como uma ordem simbólica mais bem estabelecida socialmente do que a preconceituada e incerta desconstrução da masculinidade e feminilidade.

O neopentecostalismo, então, é uma forma de se construir a subjetividade. Por meio de um sistema simbólico rebuscado, ele opera sob uma produção de subjetividade que reordena os termos de sexo, gênero e sexualidade de maneira a enquadrá-los ao seu sistema hetero e cis-normativo, expulsando (exorcizando) aquilo que não se encaixa por meio de rituais e discursos. Essa operação pode ser feita através de procedimentos violentos como o exorcismo performado publicamente, ou através da construção discursiva da “cura”, que assume um papel linguístico de caridade e piedade. Vemos isso nas ações de ações sociais da Universal que, apesar do tom simpático e caridoso, pretendem ultimamente uma reforma das travestis por meio da “palavra de Deus”: “por isso, apresentamos a eles o Senhor Jesus, que está sempre de braços abertos.” (EVG Night, 2022). O que está em debate é a construção de significados sobre o corpo, e por meio dele qual a subjetividade que tornar-se-á a constitutiva do indivíduo.

Aqui vemos como o funcionamento das igrejas ultrapassa objetivos meramente religiosos; a estratégia de sua ideologia é mais do que teológica, ela perpassa também pela política. Nos deparamos com isso quando analisamos a maneira pela qual os discursos e ações neopentecostais visam minar os avanços da comunidade LGBTQ+, por meio de notícias mal embasadas e alianças com partidos conservadores, por exemplo. O uso de depoimentos que ressaltam experiências negativas com a transição de gênero, sem nunca mostrar pessoas felizes com essa decisão, ou o uso de notícias que singularizam casos de violência, passa por uma escolha discursiva de construir uma imagem

politicamente carregada da população trans para seus seguidores que os (des)informe e incite mais do que uma visão de mundo, mas todo um *ethos* político.

Uma dessas estratégias, que demonstra como a situação não se resume a um debate religioso, está na intercalação de argumentos que são usados discursivamente pelas igrejas estudadas. Vimos, em múltiplas “matérias”, como em (Cruel..., 2022), Bloqueadores..., 2023) e (Centenas..., 2023), mais do que o esperado apelo à bíblia e à ordem mitologicamente “natural”, mas também a utilização de argumentos “científicos”, puramente seculares. Essas diferentes maneiras de se carregar o “debate”, sejam elas religiosas, seculares ou uma mistura de ambas, servem a um mesmo propósito – descreditar o movimento LGBTQ+ e avançar uma agenda reacionária. O uso de “argumentos” que, à primeira vista, não se encaixariam no discurso religioso, não nos parece uma contradição, considerando que o neopentecostalismo de muitas igrejas carrega consigo a proposta de renovação religiosa e acompanhamento com a modernidade (Weber, 2019).

Além disso, podemos considerar que o tipo de “argumento” não é especialmente relevante para o fim desses discursos. Seja o apelo a uma ideia específica de ciência, seja o apelo à liturgia, o que está sendo almejado não é necessariamente uma verdade religiosa, mas a reestruturação de uma ordem que ultrapassa os limites da igreja – aqui vemos como a realidade da religião não é uma cúpula separada da realidade social, ambas estão interconectadas de maneira íntima (Da Luz et al., 2015). O que será utilizado para justificar o reacionarismo depende da utilidade do contexto, mas o que importa é que há um objetivo cultural e político em jogo.

O estudo do neopentecostalismo nos mostra isso claramente: além de ser uma religião, ou seja, uma ordem simbólica, ele é também uma organização social, política e econômica, com lógica de funcionamento intimamente relacionada à lógica de funcionamento do capitalismo neoliberal. Se isso é verdade, então pensar que essa realidade é um fim em si mesmo seria deceptivo. Sua operação atende diretamente a, e é atendida por interesses políticos, culturais e econômicos específicos. Com isso, há uma agenda de construir o grupo político antagônico a esses interesses como o Outro a ser “curado”, expulso discursivamente e, ultimamente, derrotado. Seja pelas ações de destransição e exorcismo, seja pela demonização, seja pelo uso de argumentos seculares que visam caracterizar o movimento trans como ameaça. Nesse movimento, a religião pode ser a reprodução de sistemas sociais mais amplos, da mesma maneira que pode vir a criar tensões com eles.

Vimos neste trabalho a distinção ocidental e hierárquica entre lados distintos que dividem a realidade em polos opostos, como natureza/cultura, corpo/mente, sexo/gênero, homem/mulher. Esses binarismos estão também em operação no pensamento neopentecostal, e isso vê-se na maneira que a questão de gênero e sexualidade está em pauta no seu discurso e prática. Quando matérias da Universal pontuam como “centenas” estão “abandonando seu sexo biológico” (Centenas..., 2019), pode-se interpretar uma disputa implícita pela ordem daquilo que seria o “natural”, o campo imutável e sempre já-dado. A noção de natureza toma, às últimas consequências, uma dimensão divina, aquilo que, simultaneamente, está aberto à exploração e não pode ser violado. A igreja neopentecostal, de certa maneira, reproduz a distinção teórica entre natureza e cultura por meio de sua concepção de sexo enquanto natureza imutável e destinadora da expressão de gênero do sujeito. O corpo, concebido enquanto realidade biológica e material, seria o único fator que define os papéis de gênero.

Com isso em mente, pode-se dizer que, em certa medida, a tensão entre transexualidade e neopentecostalismo está localizada sobre o corpo e os significados que ele assume, pode assumir ou deveria assumir. A prática de transição de gênero representa uma desconstrução radical da naturalização do sexo e gênero (Preciado, 2014, p. 22), uma quebra de fronteiras, fronteiras que, na teologia cristã, deveriam manter-se inquebrantáveis. O *ethos* neopentecostal não permite a fluidez das práticas queer – nesse caso, sexo “biológico” e sexualidade heteronormativa seriam uma espécie de hierofania, algo do domínio de uma natureza antediluviana, algo que deveria ser mantido intocado. A luta aqui é pela manutenção política de uma tradição religiosa; em outras palavras, a igreja se utiliza de mecanismos (dispositivos) religiosos (como o exorcismo e destruição performática) e políticos (alianças com partidos conservadores, discursos “jornalísticos”) para tomar e manter hegemonia sobre o significado do corpo, suas normas de construção e processos subjetivantes.

Assim, as práticas do neopentecostalismo em relação à corporeidade não são puramente negativas, não são apenas ações impeditivas em resposta – reação – a uma mudança política representada pelo movimento LGBTQ+. Aliada ao reacionarismo, há uma dimensão positiva, produtiva, sobre a construção do corpo. Os casos de “ex-travestis” na igreja, além do imperativo de tomar conta da educação de crianças, demonstram como há uma tentativa ideológica, religiosa e concreta de *produzir* corpos hetero e cisnormativos, que reproduzam a estrutura neopentecostal.

No âmbito do discurso, os poderes enunciativos da igreja – que também atravessam a corporeidade e são incorporados por ela – visam a *assimilação* e, nisso, a possessão da subjetividade. Assimilação do grupo visto como antagônico, nesse caso, é mais uma manifestação da disputa pela subjetividade, da luta pela construção do sujeito. As técnicas para esse fim não mais se resumem a uma hostilidade explícita, uma condenação que expulsa as pessoas LGBTQ+ do espaço de enunciação. Apesar de ainda funcionar sob um viés que condena as práticas queer, agora o projeto mais amplo da igreja consiste na tentativa de construir um sujeito que pode vir a ser “exorcizado” de sua identidade e expressão de gênero e, ao final, assimilado.

Considerando que a identidade e expressão de gênero são resultados de uma performance contínua de significantes generificados (Butler, 2016), a ação cristã nesse caso está localizada na produção de novas performances, performances que visam retrair o indivíduo e criar nisso um novo sujeito, um sujeito “restaurado”. Nesse sentido, é possível dizer que a igreja neopentecostal compreende o gênero quase sob um viés performativo; para ela, uma mudança de hábitos, gestos, indumentárias, induzida sob o nome de Deus, é o suficiente para que o gênero se transicione a seu estado – para ela – “natural”, ou seja, de acordo com o corpo concebido como sexo binário e imutável.

A eficácia da destransição vai somente até o ponto em que esses significantes de gênero conseguem ser reproduzidos sem conflitos na experiência do sujeito. Apesar da igreja insistir em mostrar depoimentos em que essa prática foi “bem-sucedida”, casos como o de Letícia Maryon, explorado no prólogo, mostram que a realidade da experiência de gênero não reside em uma continuidade inquestionada e incontornável entre aquilo que é considerado sexo e aquilo que é gênero.

Apesar do papel conceitual e teórico dessa pesquisa, deve-se lembrar que a realidade de qualquer etnografia passa sempre pelo concreto e, no final das contas, reside nele. Letícia Maryon viveu as implicações materiais de todas as questões estudadas aqui, desde as normatizações restritas do gênero e as potenciais transformações desse sistema, até a face violenta do reacionarismo de instituições político-religiosas que visam controle sobre os possíveis significados do corpo. É preciso compreender as maquinações discursivas e materiais dessas estruturas para que, mais do que avançar teoricamente no entendimento dos conceitos implicados, possamos avançar na construção de novos significados e modos de existência.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burgo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 207 p.
- ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALLI, R. A. et al. Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 29, n. 4, p. 447–457, out. 2013.
- ANTRA. Nota pública de repúdio a entrevista do Dr. Alexandre Saadeh ao portal Universa/Uol. ANTRA, 2019. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2019/04/07/nota-publica-repudio-entrevista-dr-alexandre-saadeh-ao-portal-universa/>. Acesso em: 13 maio 2024.
- ARAÚJO, Ana Cristina. **A cultura das luzes em Portugal: temas e problemas**. Lisboa: Horizonte, 2003.
- ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo** (19): 264, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/44990>>. Acesso: 7 de mar. 2024.
- ASAD, Talal. **Formations of the secular modern: Christianity, Islam, Modernity**. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- BARAD, Karen. *Meeting the universe halfway: quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. London: Duke University Press, 2007.
- Bartra, R. (2007). **Antropología del cerebro: Conciencia, cultura y libre albedrío**. (2a. ed.). México: Fondo de Cultura Económica. (2015)
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BIRMAN, Patrícia. “**Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens**”. *Religião e Sociedade*, 17(1): 2, 1996.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOVKALOVSKI, Etiane Caloy. *Homens e mulheres de Deus: modelos de conduta ética da Igreja Universal do Reino de Deus (1986-2001)*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

BOVKALOVSKI, Etiane Caloy. **Homens e mulheres de Deus: modelos de conduta ética da Igreja Universal do Reino de Deus (1986-2001)**. Tese de Doutorado em História, História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

BRANDÃO, Carlos. **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Lei nº 6.216, de 30 de junho de 1975. Registros Públicos. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (STF). Direito das pessoas LGBTQIAP+ [recurso eletrônico] / Supremo Tribunal Federal. Brasília: STF: CNJ, 2022. eBook (138 p.) – (Cadernos de Jurisprudência do Supremo Tribunal Federal: concretizando direitos humanos).

BRITO, C. F.; JURACY FILGUEIRAS TONELI, M.; MANUEL DE OLIVEIRA, J. “Destransição de gênero” como trânsito e errância: abertura para novas corporalidades. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 17, p. 232–256, 2022. DOI: 10.9771/peri.v1i17.45627. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/45627>. Acesso em: 9 out. 2024.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. *Who’s afraid of gender?* New York: Farrar, Straus and Giroux, 2024.

CARDOSO, Rodrigo. **O que a bola de neve quer esconder**. Revista IstoÉ, 2013. Disponível em:

<[https://istoe.com.br/340567\\_O+QUE+A+BOLA+DE+NEVE+QUER+ESCONDER/](https://istoe.com.br/340567_O+QUE+A+BOLA+DE+NEVE+QUER+ESCONDER/)>. Acesso em: 7 mar. 2024.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

COELHO, André Magalhães. **O ser humano como imagem de Deus - uma análise teológica do dualismo antropológico no discurso religioso da Comunidade Cristã Paz e Vida**. Dissertação de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2017.

COSTA, Viviane. **Traficantes evangélicos: Quem são e a quem servem os novos bandidos de Deus**. God Books, 2023.

CSORDAS, T. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

CUNHA, Christina Vital da. **Evangélicos em ação nas favelas cariocas: um estudo sócio-antropológico sobre redes de proteção, tráfico de drogas e religião no Complexo de Acari**. 2009. 340 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. Para a construção de uma genealogia trans brasileira: trans\* num recorte histórico, ativista e jurídico. *Revista Direitos Fundamentais & Democracia*, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 138–164, 2023. DOI: 10.25192/ISSN.1982-0496.RDFD.V.28.N.II.2390. Disponível em: <https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/2390>. Acesso em: 7 out. 2024.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.

DA LUZ; P. F. L.; DA LUZ, L.; ANACLETO, G. **Antropologia Geral e da Religião**. Indaial: UNIASSELVI, 2015. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=21653>. Acesso em: 18 de fev. 2024.

DAMÁSIO, A. O mistério da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DANTAS, B. S. do A. **A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve**. *Relig soc*, 2010Jul;30(1):53–80.

DANTAS, B. S. do A. **Igreja Bola de Neve: mais uma novidade no mercado neopentecostal**. *Revista Nures*, nº 11 – Janeiro/Abril 2009. Disponível em: [https://www.pucsp.br/revistanures/Nures11/artigo\\_bruna.pdf](https://www.pucsp.br/revistanures/Nures11/artigo_bruna.pdf). Acesso: 7 mar. 2024.

DAUDÉN, Laura; BRANT, Maria A.C. A categoria mulher não serve mais para a luta feminista. *SUR*, v. 13, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2016/12/20-sur-24-por-sonia-correa.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

DIP, Andrea. **"Bancada evangélica elegeu deputado em 1961 e cresce após Constituinte"**. UOL, 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/10/19/bancada-evangelica-elegeu-deputado-em-1961-e-cresce-apos-apos-constituente.htm>. Acesso em: 18 fev. 2024.

DOS SANTOS, Roberto. **Como se processa a dialética conversão e transformação social? Reflexão sobre um estudo do neopentecostalismo brasileiro**. *Minerva Magazine of Science*, v. 2, p. 1-48, 2019.

DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989. (1995) “As Formas Elementares da Vida Religiosa

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FANCELLO, Sandra; MARY, André. **Chrétiens africains en Europe**. Karthala Editions, 2011.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, v. 12, n. 35, p. 46-69, jun.-set. 2019.

FOUCAULT, M. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. Salma Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243–274.

FRESTON, Paul. **Evangelical christianity and democracy in Latin America**. Oxford University Press, 2008.

FRESTON, Paul. **Nem Anjos, Nem Demônios**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GONÇALVES, Márcio Antônio. **Modos de subjetivação e demandas de cura nas igrejas neopentecostais: a ética do sexo, poder e dinheiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

HAIBARA, Alice; OLIVEIRA, Maria Izabel Zanzotti de. “**A prece**”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/prece>>. Acesso em: 24/09/2024.

Han, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Editora Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

HARAWAY, D. J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T., 2009.

HERTZ, Robert. “**A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa**”. Religião e Sociedade, 6, Rio de Janeiro, 1980.

INGOLD, T. **Being alive: Essays on movement, knowledge and description**. Londres: Routledge, 2011.

INGOLD, T. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. New York: Routledge, 2000.

JUSTIFICATIVA - PDL 0027/2019, 2019. Câmara Municipal de São Paulo, 2019.  
Disponível em:  
<<http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/justificativa/JPDL0027-2019.pdf>>.  
Acesso em: 17 de fev. 2024.

KUPER, Adam. Cultura, a visão dos antropólogos. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológica I- O cru e o cozido**. Tr. Beatriz Perrone- Moisés, R.J.: Cosac e Naify, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Tradução de Tânia Pellegrini. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997 [1962].

LÉVI-STRAUSS, Claude. Totemismo hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

LIMA, Tânia Stolze. Um peixe olhou para mim: o povo Yudja e a perspectiva. São Paulo: UNESP/ISA/NUTI, 2005.

LINTON, Ralph. **O Homem: uma introdução à antropologia**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1968.

LIONCO, Tatiana et al. Ideologia de gênero: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 599-621, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2018000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 maio 2024.

LUKES, S. **O poder: uma visão radical**. Brasília: UNB, 1980.

MANSO, Bruno Paes. **A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do Século XXI**. São Paulo: Todavia, 2023.

Manual de Comunicação LGBTQIAPN+: Respeitando todas as formas de existir. Disponível em: [https://www.tjse.jus.br/portaldoservidor/arquivos/documentos/espaco-do-servidor/manuais/manual\\_comunicacao\\_lgbtqiapn.pdf](https://www.tjse.jus.br/portaldoservidor/arquivos/documentos/espaco-do-servidor/manuais/manual_comunicacao_lgbtqiapn.pdf). Acesso em: 13 out. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. São Paulo: Ed. 34, 2023.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1973. p. 211-277.

MELLO, Luís Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação, teorias e temas**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Inserção dos protestantismos e "Questão Religiosa" no Brasil, Século XIX (Reflexões e hipóteses)**. *Estudos Teológicos*, 27 (3): 219-237, 1987.

MENSCHING, G. **Sociologie Religieuse**, Paris: Payot, 1961.

MIGUEL, Marco. **"Igreja Universal em Angola continua rachada"**. *Metrópoles*, 2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/blog-do-noblat/igreja-universal-em-angola-continua-rachada>>. Acesso em 18 fev. 2024.

MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero". *Sociologias*, Porto Alegre, v. 19, n. 43, p. 154-177, jan. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/soc/i/2017.v19n43/?lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2024.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero": notas para uma genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 725-747, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>.

MORIN, E. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, C. LARRETA, E. (Orgs.) **Representação e Complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MUKHERJEE, Suvendra. Corporeidade e direitos humanos: a luta pela dignidade da diversidade. *Revista Brasileira de Direitos Humanos*, v. 5, n. 2, p. 289-304, 2018.

NASCIMENTO, Rodrigo. **"Bola de Neve Church: a curiosa igreja que quer virar uma avalanche da fé"**. *GAZ*, 2020. Disponível em: <<https://www.gaz.com.br/bola-de-neve-church-a-curiosa-igreja-que-quer-virar-uma-avalanche-da-fe/>>. Acesso: 18 de fev. 2024.

NOGUEIRA, R. A. A transgressão do corpo: o processo de transição de gênero na vida de pessoas trans no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Ocupacional*, v. 26, n. 1, p. 113-120, 2017.

NUSSBAUM, Martha C. *A obscenidade da causa: como os direitos humanos se tornaram uma razão de estado*. São Paulo: Editora da UNESP, 2018.

- ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo: dinheiro e magia**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 071–085, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/14957>>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- PAGANINI, M. A. Uma breve reflexão sobre a transexualidade e a teologia da libertação. *Revista de Estudos da Religião*, v. 7, n. 2, p. 171-182, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/religiao/article/view/3549>. Acesso em: 18 maio 2024.
- PARAVIDINI, João Luiz Leitão; GONCALVES, Márcio Antônio. Neopentecostalismo: desamparo e condição masoquista. **Rev. Mal-Estar Subj.** Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1173-1202, dez. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000400006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 18 fev. 2024.
- PARIS, Emily e FORESI, V. A interface entre gênero e raça: reflexões sobre as vozes das mulheres indígenas no Brasil. *Revista Brasileira de Gênero e Estudos*, v. 1, n. 1, p. 33-56, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/rbge/article/view/5764>. Acesso em: 9 out. 2024.
- RÁDIO ESCAFANDRO. #53: Fé e tráfico - Capítulo 1: Complexo de Israel. Entrevistados: Marcus Amim, Wagner Júnior, Lívia Reis, Magali Cunha. Locutor e entrevistador: Tomás Chiaverini. Repórter colaborada: Carolina Gonçalves. **Rádio Escafandro**, set. 2021. Podcast. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/4C18Na1vd7joAMM62jrKxr?si=0vM5lq-9RbyHH\\_1Qf8vF5g&nd=1&dlsi=ff05bf7429134859](https://open.spotify.com/episode/4C18Na1vd7joAMM62jrKxr?si=0vM5lq-9RbyHH_1Qf8vF5g&nd=1&dlsi=ff05bf7429134859). Acesso em: 31 dez. 2023.
- RANCIÈRE, Jacques. *A emancipação dos seres humanos: uma crítica ao neoliberalismo*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- RIBEIRO, B. **Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1930)**. São Paulo: O Semeador, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática da diversidade: por uma nova visão do direito*. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- Shankar; Adogame. Religion on the Move!: New Dynamics of Religious Expansion in a Globalizing World. BRILL. p. 309, 2012.
- SILVA, T. T. A construção da identidade de gênero na contemporaneidade: da dicotomia às novas formas de subjetivação. *Revista de Ciências Sociais*, v. 10, n. 2, p. 45-61, 2018.
- SILVA, Vagner. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **Revista USP**, n. 67, São Paulo: USP, 2005.

SILVA, Zélia. A construção social do gênero: uma análise crítica. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 4, n. 1, p. 95-113, 2017.

SLOTEDIJK, Peter. **Tu tens de mudar de vida**. Tradução de Carlos Leite. Lisboa: Relógio D'água, 2017

SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência**. Trad. Walter Romero Menon Júnior. São Paulo: n-1, 2020.

SOUZA, Fernando de. Identidade de gênero e sexualidade: uma perspectiva crítica. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, v. 12, n. 1, p. 25-42, 2019.

STENDER, M., BECH-DANIELSEN, M. and HAGEN LANDSVERK, A., **Architectural Anthropology: Exploring Lived Space**, Routledge, London, New York, 2021.

TAMAYO, L. C. Identidade de gênero: uma análise dos discursos contemporâneos. *Revista de Antropologia*, v. 14, n. 2, p. 65-82, 2020.

TEIXEIRA, Mariana. A emergência dos estudos de gênero: uma reflexão crítica sobre a produção acadêmica. *Revista Brasileira de Estudos Feministas*, v. 2, n. 1, p. 13-29, 2021.

TERSIER, Pedro. **História das Perseguições Religiosas no Brasil**. (Tomo I). São Paulo: Cultura Moderna, 1936.

TURNER, V., **The ritual process: structure and anti-structure**. Chicago: Aldine Publishing Co., 1969. (Trad. Bras. Nancy Campi de Castro. Petropolis, Vozes, 2013)

VIEIRA, Ana Maria. O corpo e a identidade de gênero: uma reflexão crítica. *Revista Brasileira de Filosofia e Teoria do Direito*, v. 10, n. 1, p. 53-68, 2020.

VIEIRA, Robson. Uma nova maneira de ser: a experiência de pessoas trans no Brasil. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 15, n. 1, p. 47-61, 2023.

WEBER, Jéssica Rebeca. **"Como é um culto na Bola de Neve, igreja que tem uma prancha no lugar do púlpito"**. GZH, 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/11/como-e-um-culto-na-bola-de-neve-igreja-que-tem-uma-prancha-no-lugar-do-pulpito-ck2xvfzve01aw01pnxdxa0o5y.html>>. Acesso: 18 de fev. 2024.

XAVIER, Érico Tadeu. **Teologia da prosperidade: história, análise e implicações**. Kerigma Revista Eletrônica de Teologia. Paraná. v. 5, n. 2, p. 120-147, 2009.

## UNIVERSAL

ADELE é considerada transfóbica por dizer que “ama ser mulher.”Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../adele-e-considerada.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

A GRAMA é e sempre será verde. Universal, 2023. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../a-grama-e-e-sempre-sera-verde/>>. Acesso em: 11 maio 2024.

A HISTÓRIA de um ex-travestis . Universal, 2017. Disponível em: <[https://www.universal.org/.../historia-de-um-ex-travestis /](https://www.universal.org/.../historia-de-um-ex-travestis/)>. Acesso em: 11 maio 2024.

ADULTOS infantilizados e irresponsáveis, crianças adultizadas e impelidas a fazer as próprias escolhas. Universal, 2023. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../adultos-infantilizados-e-.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

ANÁLISE: feministas lacram (as portas de seus negócios). Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../analise-feministas-lacram-.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

ALEMANHA permite mudança de gênero a cada ano. Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../alemanha-permite-mudanca-.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

ATLETA trans em competição feminina e novo estudo: o que está em jogo? Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../atleta-trans-em-competicao-.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

A CADA 25 segundos alguém recebeu ajuda humanitária da Universal em 2021. Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../a-cada-25-segundos-alguem-.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

A INEGÁVEL força e poder do Evangelho. Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../a-inegavel-forca-e-poder-.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

ATENTADOS em Fortaleza expõem ódio da esquerda contra cristãos. Universal, 2018. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../atentados-em-fortaleza-.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

AFINAL de contas, existe cristofobia? Universal, 2020. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../afinal-de-contas-existe-.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

A FALÊNCIA da família Civita. Universal, 2017. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../a-falencia-da-familia-civita/>>. Acesso em: 10 maio 2024.

BARBIE trans é lançada pela Mattel. Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../barbie-trans-e-lancada-.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

BLOQUEADORES da puberdade e cirurgias de mudança de sexo: quais os efeitos da transição de gênero? Universal, 2023. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../bloqueadores-da-puberdade-.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

CANTOR chama Jesus de “travestis ” e tem show cancelado em Roraima. Universal, 2023. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../cantor-chama-jesus-de.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

CIRURGIA de mudança de gênero é proibida para crianças e adolescentes, em Utah, nos EUA. Universal, 2023. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../cirurgia-de-mudanca-de.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

CLUBE rescinde contrato de atleta brasileiro após postagem considerada homofóbica. Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../clube-rescinde-contrato-de.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

COMPETIÇÃO injusta. Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/competicao-injusta/>>. Acesso em: 11 maio 2024.

COERÊNCIA: Um ativo em falta. Universal, 2023. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../coerencia-um-ativo-em-falta/>>. Acesso em: 11 maio 2024.

CRISTÃO perde emprego por conta dos seus princípios e da sua fé. Universal, 2023. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../cristao-perde-emprego-por.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

CRISTÃOS são perseguidos e processados por defender a sua fé. Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../cristaos-sao-perseguidos-e.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

CRIVELLA exige proteção às crianças em Bienal. Universal, 2019. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../crivella-exige-protECAo-as.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

CRUEL experiência médica e social, diz arrependido da transição de gênero. Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../cruel-experiencia-medica-e.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

CONHEÇA a extraordinária transformação de vida do ex-travestis Luis. Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../conheca-a-extraordinaria.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

COVID-19: prostitutas e garotos de programa recebem ajuda humanitária. Universal, 2020. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../covid-19-prostitutas-e.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

CRIANÇAS podem realizar mudança de sexo, afirma departamento público dos EUA. Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../criancas-podem-realizar.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

CASO Suzy: TV Globo e Drauzio Varella são condenados a indenizar família da vítima por entrevista com detenta trans. Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../caso-suzy-tv-globo-e.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

CRIANÇAS de 4 anos poderão decidir seu gênero no ambiente escolar, na Escócia. Universal, 2021. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../criancas-de-4-anos-poderao.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

CRIANÇAS mudam nome no RG por serem transgêneros. Universal, 2020. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../criancas-mudam-nome-no-rg.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

DEMITIDA por não aceitar o ensino LGBT nas escolas. Universal, 2020. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../demitida-por-nao-aceitar-o.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

DIA Internacional do Voluntário: 300 mil pessoas engajadas em amparar vidas. Universal, 2018. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../dia-internacional-do.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

DORITOS demite influencer após descobrir postagens inadequadas. Universal, 2024. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../doritos-demite-influencer.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

DOCUMENTÁRIO mostra adultos induzindo menino de 4 anos a dizer que é menina. Universal, 2020. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../documentario-mostra.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

DUAS mulheres engravidam de detenta transexual, dentro de presídio nos EUA. Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../duas-mulheres-engravidam.../>>. Acesso em: 11 maio 2024.

ELA TEM mais vontade de estar com o namorado do que buscar a Deus. Universal, 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../ela-tem-mais-vontade-de.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

ELE PASSOU pela maior mudança de todas ao buscar a Deus. Universal, 2017. Disponível em: <<https://www.universal.org/.../ele-passou-pela-maior.../>>. Acesso em: 10 maio 2024.

EM MEIO à pandemia global, Universal ofereceu ajuda humanitária a 17,5 milhões. Universal, 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/.../em-meio-a-pandemia-global.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

EM RORAIMA, garotas de programa receberam orientação sobre câncer de mama. Universal, 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/.../em-roraima-garotas-de.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

ENEM 2018: Bolsonaro critica questão de prova. Universal, 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/.../enem-2018-bolsonaro.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

ENTRELINHAS: acompanhe a 2ª parte da história de Alexandra Lavado. Universal, 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/.../entrelinhas-acompanhe-a-2a.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

EVENTO inédito oferece atendimento médico e jurídico a garotas de programa. Universal, 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/.../evento-inedito-oferece.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

EVG Night leva a Palavra de Deus a garotas de programa. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../evg-night-leva-a-palavra.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

EVG Night leva apoio para prostitutas, travestis e transexuais. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../evg-night-leva-apoio-para.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

EVG Night presta auxílio a garotas de programa e travestis s. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../evg-night-presta-auxilio-a.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

EVG Night promove ação acolhedora com garotas de programa no estado do Paraná. Universal, 2024. Disponível em: <https://www.universal.org/.../evg-night-promove-acao.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

"EU FAZIA cerca de dez programas por noite." Universal, 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/.../eu-fazia-cerca-de-dez.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

"EU TINHA um buraco dentro de mim e não entendia o porquê." Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../eu-tinha-um-buraco-dentro.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

"EU TINHA confusões na minha mente sobre quem eu era." Universal, 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/.../eu-tinha-confusoes-na.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

ENTRELINHAS: voto com Deus e a mudança total de vida. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../entrelinhas-voto-com-deus.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

ESCOLA pode impor ideologia de gênero? Universal, 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/.../escola-pode-impor.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

ESCOLA passa a tratar aluna como menino, sem consentimento dos pais, e é processada. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../escola-passa-a-tratar.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

ESCOLAS adotam políticas para ocultar dos pais a identidade de gênero escolhida por alunos. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../escolas-adotam-politicas.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

ELES querem despertar atenção? Universal, 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/.../eles-querem-despertar.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

EUA: Indicada de Biden à Suprema Corte se nega a responder “o que é mulher”. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../eua-indicada-de-biden-a.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

EVG Night acolhe garotas de programa. Universal, 2024. Disponível em: <https://www.universal.org/.../evg-night-acolhe-garotas.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

"EU FAZIA cerca de dez programas por noite." Universal, 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/.../eu-fazia-cerca-de-dez.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

"EU TINHA confusões na minha mente sobre quem eu era." Universal, 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/.../eu-tinha-confusoes-na.../>. Acesso em: 10 maio 2024.

EX-TRANSGÊNERO é censurada no Instagram. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../ex-transgenero-e-censurada.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

EX-TRANSGÊNERO, que teve seios e útero removidos, se arrepende e processa médicos. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../ex-transgenero-que-teve.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

FEDERAÇÃO Internacional de Atletismo proíbe mulheres trans de competir em eventos oficiais. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../federacao-internacional-de.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

GAROTO de 11 anos denuncia escola que disponibilizou livro pornográfico. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../garoto-de-11-anos-denuncia.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

GAROTAS de programa recebem assistência da EVG Night. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../garotas-de-programa.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

GOVERNADOR da Flórida determina que seja ensinado nas escolas sobre os prejuízos causados pelo comunismo. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../governador-da-florida.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

IDENTIDADE de gênero: como o tema afeta o público infanto-juvenil. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../identidade-de-genero-como.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

INCLUSÃO ou doutrinação: o que está acontecendo nas escolas. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../inclusao-ou-doutrinacao-o.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

JORNALISTA canadense é banida do Reino Unido por uma razão espantosa. Universal, 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/.../jornalista-canadense-e.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

JOVEM relata arrependimento após passar por cirurgia de transição de gênero. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../jovem-relata.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

LUIZ, un ex travestis . Universal, 2013. Disponível em: <https://www.universal.org/.../bispo.../luiz-un-ex-travestis/>. Acesso em: 10 maio 2024.

MÃE denuncia pedofilia em conteúdo escolar e é interrompida. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../mae-denuncia-pedofilia-em.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

MÉDICO se recusa a usar pronomes transgêneros e caso vai parar na Justiça. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../medico-se-recusa-a-usar.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

MULTA para empresas e banheiros unissex: irresponsabilidade ou inclusão? Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../multa-para-empresas-e.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

MULHER trans e mulher cis não são a mesma coisa. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../mulher-trans-e-mulher.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

MULHER que se tornou homem e passou por cirurgia se arrepende e processa médicos. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../mulher-que-se-tornou-homem.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

NOVA pesquisa revela que a maioria dos jovens entre 18 e 29 anos não se identifica como gay ou lésbica. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../nova-pesquisa-revela-que.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

ONDE termina a liberdade de expressão? Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../onde-termina-a-liberdade.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

OUTRA TRAVESTIS que se arrependeu. Universal, 2018. Disponível em: <https://www.universal.org/.../outra-travestis-que-se-arrependeu.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

POLÊMICA: meninas devem ser obrigadas a se depilar na escola? Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../polemica-meninas-devem.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

PROSTITUTAS da Avenida Paulista se reúnem em evento da Universal. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../prostitutas-da-avenida.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

REDAÇÃO do ENEM 2022 abordará uso de pronomes. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../redacao-do-enem-2022.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

REDE de escolas religiosas enfrenta ideologia de gênero. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../rede-de-escolas-religiosas.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

RETROSPECTIVA: casos de pessoas que se arrependeram de se mudar de gênero. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../retrospectiva-casos-de-pessoas.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

RITUAL é realizado para libertar mulheres da prostituição. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../ritual-e-realizado-para.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

SISTEMA de cotas no Brasil é contestado. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../sistema-de-cotas-no-brasil.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

SOCIEDADE também pode sofrer com o culto à identidade de gênero. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../sociedade-tambem-pode.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

"SOU MUITO feliz em ter feito a transição de gênero." Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../sou-muito-feliz-em-ter.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

TURMA do Pânico faz crítica sobre a sexualização da infância. Universal, 2021. Disponível em: <https://www.universal.org/.../turma-do-panico-faz.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

VEREADOR propõe projeto para criminalizar a ideologia de gênero nas escolas. Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../vereador-propoe-projeto.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

VÍDEO: A vivência de meninas trans em escolas. Universal, 2023. Disponível em: <https://www.universal.org/.../video-a-vivencia-de-meninas.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

"VIVI anos como homem e não fui feliz." Universal, 2022. Disponível em: <https://www.universal.org/.../vivi-anos-como-homem.../>. Acesso em: 11 maio 2024.

maio de 2024.

### **SARA NOSSA TERRA**

A IDEIA de crianças criadas "sem gênero" é exaltada pela mídia. Sara Nossa Terra, 2017. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/a-ideia-de-criancas.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

ALEMANHA decide que certidões de nascimento devem permitir registro de terceiro sexo. Sara Nossa Terra, 2017. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/alemanha-decide-que.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

CENTENAS de jovens transexuais estão buscando a "destransição" no Reino Unido. Sara Nossa Terra, 2019. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/centenas-de-jovens.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

CRUCIFICAÇÃO em parada gay é alvo de ação no Ministério Público Federal. Sara Nossa Terra, 2015. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/crucificacao-em-parada-gay.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

"É PRECISO crer pra ver, não é ver pra crer", diz Fiuk sobre a sua fé. Sara Nossa Terra, 2017. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/e-preciso-crer-pra-ver-nao.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

IDEOLOGIA de gênero pode tornar pedofilia "normal", alerta educadora. Sara Nossa Terra, 2018. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/ideologia-de-genero-pode.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

IDEOLOGIA de gênero prejudica as crianças e compromete a pesquisa científica. Sara Nossa Terra, 2017. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/ideologia-de-genero.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

MEC retira "questão de gênero" da base curricular. Sara Nossa Terra, 2017. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/mec-retira-questao-de.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

MILHARES de cristãos marcham contra "ideologia de gênero" na Croácia. Sara Nossa Terra, 2018. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/milhares-de-cristaos.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

MUDANÇA na lei para escolas religiosas ameaça liberdade religiosa na Austrália. Sara Nossa Terra, 2024. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/mudanca-na-lei-para.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

OLINDA terá "área gospel" no carnaval. Sara Nossa Terra, 2017. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/olinda-tera-area-gospel-no.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

PASTORES são proibidos por governo de chamar o homossexualismo de "pecado". Sara Nossa Terra, 2015. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/pastores-sao-proibidos-por.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

PREFEITURA de São Paulo pagará salário mínimo para travestis estudarem. Sara Nossa Terra, 2015. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/prefeitura-de-sao-paulo.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

PROFESSOR admite que fraudou estudos para promover ideologia de gênero: "eu inventei". Sara Nossa Terra, 2019. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/professor-admite-que.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

PROFESSOR será indenizado depois de ser punido por defender fé cristã. Sara Nossa Terra, 2021. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/professor-sera-indenizado.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

PSICOTERAPEUTA conta como venceu a homossexualidade e o desejo de se tornar mulher. Sara Nossa Terra, 2019. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/psicoterapeuta-counta-como.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

SAM Smith homenageia satanás em evento patrocinado pela Pfizer. Sara Nossa Terra, 2023. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/sam-smith-homenageia.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

SATANISTAS criam curso infantil para contrapor ensino cristão em escolas dos EUA. Sara Nossa Terra, 2017. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/satanistas-criam-curso.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.

UM TERÇO dos cristãos não gosta de compartilhar a sua fé na internet. Sara Nossa Terra, 2016. Disponível em: <https://saranossaterra.com.br/um-terco-dos-cristaos-nao.../>. Acesso em: 11 de maio de 2024.